

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO DE SOCIOLOGIA**

MARIA ALVES DA SILVA

A EFERVESCÊNCIA NO POLO DE LAZER LUIZ GONZAGA

**FORTALEZA
2004**

MARIA ALVES DA SILVA

A EFERVESCÊNCIA NO POLO DE LAZER LUIZ GONZAGA

Trabalho acadêmico apresentado como subsídio para obtenção do título de Mestre em Sociologia, sob a orientação do Prof. Dr. Ismael Pordeus Junior.

FORTALEZA
2004

Depois vi um novo céu e uma nova terra; pois o primeiro céu e a primeira terra haviam desaparecido e mar já não havia. E vi a Cidade Sagrada, Nova Jerusalém, descendo do céu, de Deus ... sua radiância como uma pedra rara, como jaspe cristalino. Tinha muralhas altíssimas, com doze portas ... E as doze portas eram doze pérolas, cada porta formada de uma só pérola, e a rua da cidade era de ouro puro, transparente como vidro ... As nações haverão de caminhar à sua luz; e os reis da terra virão lhe trazer seus tesouros. (Apocalipse 21:1-24)

SUMÁRIO

- 1 INTRODUÇÃO, 4**
- 2 AS FESTAS NO POLO, 7**
- 3 DESCRIÇÃO DO POLO DE LAZER LUIZ GONZAGA, 21**
- 4 OS PERSONAGENS DO POLO, 38**
- 5 AS ENTIDADES DO PÓLO, 78**
- 6 ANTROPOLOGIA VISUAL NO PÓLO DE LAZER, 109**
- 7 BIBLIOGRAFIA, 111**
- 8 ANEXOS, 112**

1 Introdução

A idéia de estudar a cidade veio-me desde o final do curso de Ciências Sociais na UFC, em que cursei duas disciplinas muito instigantes: Sistemas Simbólicos e Sociologia Urbana. Desde então comecei a compreender o fenômeno como sendo de grande importância sociológica. Um feito social de grande porte, a cidade é capaz de abrigar e fazer gerar diversos e novos modos de vida, de interações sociais enfim, outra cultura.

O exemplo de Fortaleza instigou-me desde que aqui cheguei no início da década de 80. É claro que as elaborações teóricas não tinham ainda consistência em virtude de não haver ainda passado pelo crivo acadêmico. Mas, já nesse tempo eu questionava que cidade era essa, que trajetórias perpassavam-lhe, etc.

Os estudos sociológicos envolvendo a cidade ganham importância a cada dia. Eles se iniciaram com o crescimento das cidades enquanto lócus de toda uma problemática urbana. E cientistas sociais criaram na década de vinte uma escola para melhor verificar os problemas insurgentes que foi a Escola de Chicago.

Com o intuito de estudar a cidade de Fortaleza, escolhi uma praça num bairro de periferia, o Conjunto Ceará. Não é uma praça qualquer, ela resume em si, uma infinidade de sentidos, representa tanto a idéia de centralidade trabalhada por Mircea Eliade, como a de região e distinção, que são conceitos trabalhados por Pierre Bourdieu. Mas o que mais tentei verificar num universo tão polissêmico quanto esse foi um tipo de "arte de fazer", uma invenção cotidiana, que é tão minuciosa e profunda e é trabalhada por Michel de Certeau.

Nessa praça, cujo nome é Pólo de Lazer Luiz Gonzaga, trabalhei uma etnografia densa, no dizer de Geertz, onde procurei quantificar todas as coisas, pessoas e fenômenos por lá existentes, procurando descrever os mapas imaginários que os passos dessas gentes desenham naquele território, assim como o rastro deixado por eventos de todo tipo ali realizado com a maior freqüência e pontualidade que se repete num calendário anual.

Início minha narrativa descrevendo as festas no Pólo, pois são elas que caracterizam o lugar emprestando-lhe sentido e reconhecimento no cenário da cidade. Foi com a divulgação das festas juninas que se criou a tradição de realizar muitos outros tipos de festa

e de comemoração. Contrariando o senso comum, Duvignaud ressalta que “a festa... Ela corta uma seqüência. Ela quebra o encadeamento dos acontecimentos que a ideologia histórica européia nos apresenta como lógico e insuperável”. (1983, p.24-25).

Em seguida, realizo uma descrição de todas as coisas que pude ver numa caminhada, feita no sentido horário pelo calçadão que contorna todo o espaço do Pólo de Lazer. Terminada essa primeira tarefa, empreendi outras incursões pelos meandros do lugar onde todo o registro virou páginas etnográficas.

Descrevi ainda as pessoas e aquilo que denominei de entidades, que são os pontos de venda de algum produto, as igrejas, estabelecimento comercial e órgãos públicos.

Resolvi fazer uso de fotografias e outras imagens como o mapa do próprio conjunto, no sentido de trabalhar com outro instrumental e de tal maneira, construir mais e mais representações do lugar. Segundo as autoras Bela Feldman e Miriam Leite, “a imagem pode e deve ser utilizada como uma narrativa visual que informa o relato etnográfico com a mesma autoridade do texto escrito”. (BIANCO e LEITE, 1998, p.199).

Ainda nesse recurso imagético, vale citar o trabalho de Koury, pois “segundo o autor, toda representação visual é uma projeção imaginária do sujeito sobre um objeto, mesmo aquela que se pretende fundamentada no registro do dado. A fotografia faz parte também do campo da imaginação. No jogo de revelar e ocultar constitui-se uma dialética da construção da imagem do mundo, do homem e de seus dilemas”.(Koury, 2001, p.14).

Essas fotografias atestam que o Pólo é como um oceano que se enche e se esvazia, de gente, de sentido, de tudo. A idéia de "encher-se" lembra uma metáfora utilizada por Nestor Canclini, quando fala da Cidade do México e sua superpopulação. Outra comparação possível que essas fotografias do Pólo retrata, é de ali estar mais uma daquelas Cidades Invisíveis de que nos fala Ítalo Calvino, à diferença é que não consta ainda naquele seu livro.

Eu quis com essa narrativa acerca de um retalho da Cidade de Fortaleza, que é o Pólo de Lazer Luiz Gonzaga, trazer à tona o quanto à cidade se espraia por lá. É como um oceano que se derrama... As práticas empreendidas na Fortaleza metrópole, também estão no Pólo. São usos, costumes, "práticas de caminhantes", artes de fazer diversificadas de um modo cultural que predomina. O imaginário difundido faz de alguns lugares da cidade, uns serem pontos turísticos, outros carregados de estigma, em geral os de periferia. O Pólo de

Lazer está incluído nessa última categoria; suscita controvérsias, é amado por uns e temido por muitos. É um lugar onde o imaginário ganha asas.

2- A FESTA NO PÓLO

“A sistematização da festa nos diversos patamares da malandragem e dos ‘carnavais’, em processo ao longo da sociedade brasileira e com seus núcleos criativos nos interstícios da linguagem urbana e tecnocrática onde pululam os marginalizados do processo econômico e social do Brasil oficial, nos traz à lembrança uma frase de Roberto da Matta sobre ‘...as possibilidades de realizar um caminho criativo, mas invertido, dentro da estrutura social. Em vez de entrar mais e mais na ordem social e ser totalmente submetido a ela e suas regras, o que aqui se coloca é a possibilidade de sair do mundo – ou melhor, de deixar ‘este mundo’”.

(DUVIGNAUD, 1983, p.20)

O Pólo é um lugar por excelência onde as festas acontecem com a maior frequência na cidade de Fortaleza. Pelo menos em se levando em conta o cinturão periférico que abraça essa conformação urbana. Já se tornou uma espécie de tradição o calendário festivo que anualmente ali se realiza. Começa com um alusivo carnaval que por conta da tradição que muita gente cultiva de viajar nessa época, acontece mas não aglutina muitos frequentadores. É uma festa de menor porte, se comparada às demais que acontecem no solo dessa praça.

Em seguida vem a quaresma e é na semana santa que tem vez uma festa bem organizada, preparada de um ano atrás para que tudo se pareça o mais real possível na encenação da "paixão de Cristo". Já houve ano em que os organizadores conseguiram recursos significativos dos patrocinadores e até "outdoor" com propaganda desse evento puseram nos acessos que dão para o bairro.

Em junho, acontecem as festas de São João, que já são tradição, pois ocorrem há mais de duas décadas. Desde o ano de 2000 ocorrem em duas das praças do Conjunto Ceará, a da 2ª etapa e a do Pólo de Lazer. São oito dias nessa primeira e oito nessa última. Um grande e diversificado comércio forma-se em volta desses acontecimentos fazendo girar uma economia simbolicamente importante. Guardadas as devidas proporções, assim de longe, toda a efervescência e envolvimento das pessoas para fazer acontecer essa festa, lembra o fato total que é o Kula. Nesse evento cultural tão bem descrito por Malinowski, além do aspecto simbólico muito evidente, há o sentido comercial incutido em cada gesto; pois o sentido que as trocas alcançam, fica muito claro. “Outro aspecto incomum da transação em si, que constitui a substância mesma do Kula. É uma troca, parte comercial,

parte cerimonial, empreendida como um fim em si mesma para satisfação de um profundo desejo de posse”. (MALINOWSKI, 1986, p.108).

O São João é uma festa simbólica porque ele inaugura o lugar, instituindo essa ação social que o legitima o Pólo., que o torna apto e ao mesmo tempo autorizado para tal atividade. O lugar eleva-se à categoria de “símbolo”.

*“Os símbolos são os instrumentos por excelência da ‘integração social’: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (cf. a análise durkeimiana da festa), eles tornam possível o **consensus** acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social”.* (BOURDIEU, 2000, P.10).

Ainda no mês de junho, antes mesmo que aconteçam as quadrilhas, nesses dois anos que mais de perto acompanhei a vida do Pólo, 2000 e 2001, presenciei outro momento de lazer, embora muito breve, visto que dura apenas cerca de uns cento e cinquenta minutos. Esse evento é a apresentação do CINE CEARÁ, nos bairros.

Em geral não há grande divulgação dessa festa quando a mesma vai acontecer. O dia, data e local constavam apenas no "folder" que os organizadores, dentre eles a Casa Amarela da UFC, confeccionaram e mesmo assim com pouca distribuição dos mesmos. O fenômeno de transformação acontece quando chega a noite em que os filmes vão ser exibidos lá na praça, e tudo se faz com a maior brevidade possível. Cerca de umas trezentas cadeiras ou mais são postas bem no centro da praça, numa pista de dança cujo formato é de um círculo. Concomitante à colocação de um telão, bem como dos aparelhos eletrônicos que possibilitarão a projeção das películas na tela de cinema. Os homens da companhia de energia elétrica, então, não largam o lugar, verificando qualquer coisa que não esteja a contento. Essa empresa é outra patrocinadora da festa.

Em breve, as pessoas que por ali vão passando resolvem ficar, as que moram nas imediações retornam a casa e trazem mais membros da família e uma pequena multidão está apta para recepcionar a exibição dos filmes de curta e média metragem. Mesmo sendo um acontecimento de súbita aparição, nem por isso perde a atração que lhe é tão característico. Para os meninos de rua que passam grande parte do seu dia nessa praça de Fortaleza, não tem coisa mais espetacular, pelo menos é isso que deixam transparecer. Sozinhos ou em pequenos grupos eles não sossegam em lugar nenhum, conversando animadamente, transitando de um lado para o outro, subindo nas cadeiras em vez de sentarem, comportando-se como se a festa fosse em tese para sua própria exclusividade. Se

possível fosse falar de felicidade em meio à agrura de seus dias desprovidos de qualquer conforto ou bem-estar, haja vista que moram na praça expostos ao sol, às chuvas, aos maus tratos ora da polícia ora de membros integrantes do próprio grupo a que pertencem; eu ousaria classificá-los como felizes numa noite assim iluminada. Luz essa não proveniente do luar ou das estrelas, mas de uma quantidade excessiva de lâmpadas, estrategicamente instaladas. Devo frisar que esse evento (X CINE CEARÁ) foi mais intenso no primeiro ano que observei (2000), pois que no segundo, o país estava imerso num compulsório racionamento de energia elétrica que em muito se refletiu nessa noite. Era já quase o final das exhibições quando faltou energia por quase meia hora e por isso grande parte do público se dispersou. Uns poucos assíduos esperaram e viram enfim todas os filmes serem apresentados.

Quando é agosto, depois de ter acontecido a maior micareta da cidade, o Fortal, que se realiza na Beira Mar, é tempo de mais uma festa no Pólo de Lazer Luiz Gonzaga. É também uma micareta, cujo nome é "Ceará Perifolia" e em tudo se pode dizer, reproduz aquela outra da Beira Mar que todo ano acontece no final de julho. Os camarotes que são armados numa das vias da avenida Central, formando um corredor, a venda de muitos abadá, as muitas propagandas de firmas locais ou pessoas que vendem algum tipo de produto, etc. A micareta do Conjunto Ceará é de um grupo de organizadores de eventos e tem na pessoa do Marcelo Wagner, o seu expoente.

Chegando o mês de outubro, mais uma micareta acontece no ambiente do Pólo e tem essa o nome de "Ceará Fest". É um evento nos mesmos moldes do anterior, mudando apenas de pessoal organizador. Nessa festa quem manda é o Cláudio Rocha que é proprietário de uma das rádios comunitárias que está no Pólo, a "Ceará FM". Foi nessa rádio que entrevistei o locutor "Elvys Marlon" e também onde está um retrato pintado do rei do baião, Luiz Gonzaga. O retrato tem dimensão em torno de 2x1 metros.

Acerca da tomada do Pólo pelas festividades, Duvignaud ressalta que "A festa se apodera de qualquer espaço onde possa destruir e instalar-se. A rua, os pátios, as praças, tudo serve para o encontro de pessoas fora das suas condições e do papel que desempenham em uma atividade organizada".(1983 p.68).

Ainda nesse mesmo período, sempre que é ano eleitoral, é de praxe acontecer pelo menos dois comícios de grande impacto. Então, dizia-me um militante político que habita

no bairro e que se coloca contra esses acontecimentos sem um mínimo de planejamento. Cita que esse impacto tanto é político, mesmo, como ambiental também. Em geral há um comício de cada agremiação partidária, as duas mais expressivas. Esses ganham o caráter de festa, mesmo ocorrendo de dia, ou à noite. Trazem artistas de sucesso e gosto massificado, armam o palco do mesmo jeito de quando é micareta ou qualquer festa dançante. E o público, esse então nunca foi problema naquela região da cidade tão bem povoada por um contingente que em sua maioria veio de cidades menores para a capital ou mesmo do campo. E as autoridades, essas não perdem tempo em ali exercitarem seu veio teatral e assim representarem aquilo que gostariam que as pessoas acreditassem que elas fossem. Sejam elas já constituídas no poder, aspirando ao cargo pela primeira vez ou desejando o retorno ao mesmo. Nesse jogo interessantíssimo de representação, a população não se recusa a entrar nele, bater palmas e fazer de conta. Mais que isso, gosta de jogar brincando com as situações. O Pólo, lugar de boa acolhida, imparcial a tudo assiste. Pois só o que lhe interessa é o acontecimento em si, que é o da festa. Essa é sempre bem ao estilo do lugar, condizente com sua história e dos seus freqüentadores.

Independente desse calendário mais fixo de ocorrência das festas, vez por outra acontece uma ou outra festa atemporal. São comemorações de aniversários de emissoras de rádio que funcionam em áreas vizinhas ao bairro Conjunto Ceará. Outras vezes ainda, são de estações de televisão como a "TV Cidade", que no ano 2001 efetuou festa de seu aniversário no Pólo. Trazendo para lá o palco que fica em todas as festas sem exceção, no meio da praça, bem em frente à agência da CEF, e do outro lado, posicionado na avenida Central, o carro de som. É basicamente só disso que precisam para dar início a uma festa. Porque de imediato começam a chegar os vendedores com seus carrinhos de pipoca, os carros que vendem lanches, homens mais simples com seus fogareiros à brasa e com espetinhos que enchem de cheiro de carne assada até as entranhas da praça. Esses vendedores ambulantes são tão antenados nas festividades dali que seria improvável deixar de vir a uma delas. É como se um passarinho lhes contasse sempre as novidades ou o vento lhes soprasse no ouvido as notícias.

“A festa é degradada pelo ordenamento metódico da sua realização. A maior parte dos comentaristas nota apenas no fato uma religião à margem da religião e Nietzsche, a este respeito, propõe a dicotomia do dionisíaco e do apolíneo, que não passa de uma modalidade

a mais para contornar o fenômeno, através da sua contenção no 'então' filosófico". (DUVIGNAUD, 1983, p.225).

Em seu livro, *As festas no Brasil Colonial*, José Ramos Tinhorão apresenta-nos um país que sempre viveu de festas. É ilustrativo quando intitula um dos capítulos com a Expressão: Com a primeira missa, a primeira festa. Um pouco mais adiante, Tinhorão nos diz que "a possibilidade da vida ociosa dos que tinham quem trabalhasse em seu lugar só podia levar, é claro, ao preenchimento do tempo ocioso com 'festas, convívios e cantares". (2000. p.40).

É no mês de dezembro, mais precisamente no dia 08, consagrado a nossa senhora da Conceição, que há o encerramento das festividades inerentes a essa festa de caráter religioso. A igreja resolveu organizar em longos quinze dias, onde com sobra de tempo monta barracas, sendo de um lado do templo, as de cor azul e do outro as vermelhas. Promove feijoada e outras atividades cuja finalidade é obter recursos, pois que há sempre um empreendimento em vista, para o qual o dinheiro será investido. Assim caminha a irmandade católica no bairro que certamente não difere muito de outras similares. O ambiente onde essa festa acontece, fica na esquina da avenida Central com a avenida B, é o canto direito da praça. Na noite de encerramento uma multidão de fiéis toma conta do lugar, canta e reza, paga promessas assistindo à missa descalços, outras vezes vestindo roupa toda branca. O percurso dos ônibus que passam por lá como o "conjunto ceará /aldeota" e o que faz circular dentro do bairro, "1ª etapa", são alterados. Com a celebração campal, as avenidas ficam tomadas pelo contingente que vem de perto ou de longe, de outros bairros da imensa cidade, para participar do evento. Muitas pessoas ficam sentadas nos bancos da igreja, aqueles inteiriços que comportam seis ou oito pessoas, outros em cadeiras de plástico brancas que também são da igreja, ou então pertencem aqueles participantes que moram nas proximidades. Mas uma grande maioria agüenta mesmo é permanecer de pé todo o tempo da celebração, quase por penitência talvez, ou por não se dar conta do tempo transcorrido, embebidos pelo transe do momento em meio a cantos religiosos, orações, exaltações a nossa senhora, que a todo instante elevam à categoria de "mãe dos pobres". Com iluminação cercando todo o ambiente, mais a destacada beleza da ornamentação do altar, posto estrategicamente acima de todos para permitir-lhes uma boa

percepção, ainda o número plural de celebrantes que vem dar um tom de destaque, tudo isso contribui para uma espécie de hipnose coletiva à multidão tomada pela fé.

“Para Duvignaud, a homologia da festa e do transe permite às pessoas ‘sobreporem a normalidade’ e chegarem ao estado onde tudo se torna possível, porque o indivíduo, então, não se inscreve apenas em sua essência humana, porém em uma natureza que ele completa pela sua experiência, formulado ou não”. (DUVIGNAUD, 1983, p.19-20).

Continuando essa análise da festa, ele diz mais: “A distinção estabelecida por Durkheim entre o sagrado e o profano domina tudo o que aqui se disse sobre a festa. A festa é um período peculiar, apesar de inteiramente integrado à sociedade, período no qual a vida coletiva é extremamente intensa. Os fenômenos relativos ao sagrado e à religião correspondem a momentos de efervescência e de unanimidade”. (DUVIGNAUD, 1983, p.71)

Mas essa regra, a de permanecer devido um estado de fé não pode valer indiscriminadamente para todos que estão ali no local. Entrevistando pessoas indistintamente, pude perceber que os motivos são vários para que estivessem e permanecessem no lugar o tempo todo. Um entrevistado alegou que esperava a namorada, sendo essa adepta do segmento carismático. Apenas isso o fez vir à celebração, mesmo não sendo praticante de religião alguma, lá estava ele compondo a estatística que faz dessa festa ser o que é. Uma atração certa, portanto detentora de tradição que a cada dezembro vem significar mais e mais para um segmento social em sua maioria vivenciando problemas existenciais de toda ordem como envolvimento com drogas por parte de membros da família, desemprego de outros e questões ligadas à saúde de cada um.

É como se a festa possuísse poderes mágicos de religar as coisas que na rotina dessas pessoas, estivessem em pedaços. Não foi diferente pelos primórdios da história.

“Quando os finórios (escravos) terminam sua duríssima semana de trabalho, recebem permissão para do mesmo modo aproveitar a seu gosto os domingos, quando, reunindo-se em locais determinados, incansavelmente dançam de manhã à noite com os mais variados saltos e contorções do corpo, ao som de tambores e pífanos tocados com muita propriedade, homens e mulheres, jovens e velhos, no meio da maior confusão, enquanto outros andam em voltas tomando uma forte bebida feita de açúcar chamada de grapa (grapa, garapa); assim também gastam certos dias santos, nessa dança sem fim em que acabam tão empoeirados e emporcalhados a ponto de se tornarem às vezes irreconhecíveis”. (TINHORÃO, 2000, p.57).

Eventos de outra natureza é bem comum acontecer no corpo do Pólo em qualquer dia do ano. Cito como exemplo às tantas vezes em que estive lá e surpreendentemente havia

uma demonstração de capoeira, onde de repente aparece o público, vendo aqueles meninos todos de uniforme branco, descalços a dançar os vários gingados que essa dança possui e ainda tem a incumbência de criar outros. José Ramos Tinhorão conta em seu livro que "... o grande encerramento das festas populares da Bahia coube, em 1760, a uma terceira apresentação do Reinado dos Congos, com a vitalidade da música e da dança dos negros 'excitando sempre nos que o viam a ânsia insaciável de gozar muitas vezes a sua alegre vista". (TINHORÃO, 2000, p.129).

Ou quando a UFC foi aos bairros, através de seu movimento grevista. A praça do Pólo ficou toda ela coberta por barracas de material semelhante ao plástico branco, em que estudantes de odontologia efetuavam escovação de dentes e aplicação de flúor tanto nos meninos de rua quanto em qualquer outra criança que permitisse. Fato curioso eu observei quando um ingênuo estudante repassou para um daqueles meninos que moram nessa praça, uma escova de cor rósea. O garoto gesticulou de forma tão veemente, colocando nisso toda a carga valorativa da masculinidade que defende, dando um grito de "distinção" e protestando que ele era homem sim. Não aceitaria de jeito nenhum uma escova com essa cor. Outra brincadeira ainda era provar o flúor em forma de gel e por conta do gosto forte, estranho, para seu paladar, começar a cuspir muito e pedir água. O estudante incansavelmente repetia que após o flúor, é preciso passar um bom tempo sem comer nem beber nada. Estudantes de medicina e, talvez os de enfermagem, a todo instante falavam às pessoas acerca de tipos de preservativo e as doenças sexualmente transmissíveis. Todos esses eventos trazem ao Pólo uma multidão curiosa e que habitualmente já se constitui em fruidores do lugar. Tudo é encarado como sendo uma festa. O pessoal da UFC chegou no começo da manhã e por lá permaneceu todo o dia. Mas quando a tarde findava, esses se apressaram e como pombas de um pombal, levantaram vôo. Sem dúvida muitos daqueles estudantes que habitam em áreas nobres da cidade, se achavam no fim do mundo de uma grande Fortaleza metrópole. Entraram ligeiros em ônibus, alguns deles, outros em carros próprios, sentindo Ter feito extensão da academia em que estão; isso efetivado ao menos em momento de greve como agora. Nessa empreitada vieram além dos estudantes, muitos funcionários da instituição que estavam envolvidos com o movimento de greve. Certamente que alguns poucos professores lá estavam, mas o mais importante é que eram todos da área da saúde.

Certa noite ao chegar ao Pólo depois de percorrê-lo em toda sua extensão, vi os homens do corpo de bombeiros em seu habitual frenesi arrumando os instrumentos para uma apresentação musical. Arrumavam num determinado local, depois não se dando por satisfeito mudavam para outro da mesma praça. Quando enfim tudo foi organizado, eles tocaram por quase uma hora, no intervalo de 19 às 20 horas. Foi então que eu e as dezenas de pessoas pudemos entender o real objetivo de tão magnífica apresentação. Estavam prestando homenagem às vítimas do incidente de 11 de setembro de 2001, em especial aos companheiros de ofício, os bombeiros mortos na missão de socorrer as vítimas da tragédia do *World Trade Center*. Tocaram o hino nacional brasileiro e a seguir o dos Estados Unidos, porém como não conheço, só soube porque antes de tocar o hino ianque eles enunciaram. No final fizeram demonstração de como prevenir ou combater incêndios. Era fogo alto por todos os lados, para delírio da criançada que curiosa estava assim bem pertinho.

Em meus escritos do diário de campo sublinhei aquele instante. Quis discutir a beleza da coisa com o Jonhson, que em sua eterna rebeldia com o mundo logo se opôs dizendo que não vê graça nenhuma em policial. Todos têm a mesma índole de se contrapor ao cidadão, de gostar mesmo de espancá-lo, essas coisas. A Segunda observação que me fez enquanto militante de esquerda, é que se recusa sob qualquer hipótese homenagear um norte-americano. Jonhson me diz mais, que por ele aquele mundo dominante e arrogante que é os EUA teria sido inteiramente dinamitado. Não sobraria pedra sobre pedra, segundo o discurso do Jonhson.

A forma como nos posicionamos, emitimos nossos pontos de vista é algo que se inscreve em nosso universo cultural. “O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise”. (GEERTZ, 1989, p.15).

O Pólo de lazer em cujo nome já encerra a idéia e o desejo da festa, não foge à regra de servir como palco a toda e qualquer manifestação que traga embutido o objetivo do lazer. A praça que existe e até parece uma coincidência, por tamanha adequação às necessidades da região, na realidade foi assim construída pela ação de indivíduos ou grupos num incansável esforço de construção da realidade. Essa praça é por assim dizer uma

espécie de "coração materno", que recebe os visitantes, os moradores do bairro e do entorno, as festas, e o que mais vier.

Nossas inclinações para vivenciar a festa, provam que “ela é a revelação brutal de uma natureza que não dispomos de meios de explicar e que nossos códigos e regras domesticaram sem por de lado. É a experiência de uma destruição paciente e contínua que se desenrola a despeito da nossa presença”. (DUVIGNAUD, 1983, p.69).

É um dado interessante que vale informar, o fato de as festas por assim dizer mais pomposas que acontecem no Pólo, elas em geral têm a duração de três noites. Realizam-se nas sextas, nos sábados e domingos. E sempre eu quis entender o porquê de uma série de coisas no Pólo. Dentre elas, essa história dos três dias. A hipótese possível que vejo para essa situação é mesmo o interesse de todos que negociam de alguma forma no corpo do Pólo, programar as festas, tanto as que são fixas como as duas micaretas, como as eventuais que ora por outra são realizadas. Tanto as primeiras como as segundas tem a mesma recepção por parte do público. A frequência é sempre a mesma, um oceano de gente que se esparrama pela praça afora até não sei bem que altas horas da madrugada. É até bem comum todas as vezes que há festas pelo Pólo, amanhecer e se ver algumas pessoas vindas de bairros distantes e que por algum motivo como a insegurança, ou a falta de transporte, não quiseram ou não puderam voltar para casa. Nós, os moradores dali as víamos no Sábado ou Segunda-feira quando íamos ao trabalho. Essas pessoas estavam voltando para seu lugar de origem. É surpreendente como sabem quando está tendo festa no Pólo. Sem dúvida sua vida passa por esses mecanismos, seu lazer, sua sobrevivência, o cotidiano enfim em que estão imersos.

Todas as vezes que está havendo festa no Pólo é aquela animação costumeira, gente por todo canto, grupos vindos de todos os lados, vem lá de baixo da 4ª etapa, da jurema que é um distrito de Caucaia, pois o Pólo tem sua localização na parte alta, o terreno ali é elevado, vem pessoas de todos os bairros próximos e até dos distantes. Chegam a pé, de ônibus, de carro e de moto entre outros meios de transporte. Olhando toda essa gente, nunca se sabe ao certo o que de fato procura. Se somente o lazer, o entretenimento ou algo mais que só pode estar na coesão e simbologia que a multidão detém. O que se pode questionar é até que ponto há coesão, se na multidão todos são ao mesmo tempo próximos e distantes.

Se nenhum tipo de solidariedade nem "orgânica" nem "mecânica" as une, a não ser o que parece óbvio, a festa.

Mas o que de fato busca essa multidão na anomia daquele instante? “Mircea Eliade, em seu ‘Le Mythe de L’Eternel Retour’, acrescenta à esta idéia o parecer que a representação de mitos originais é uma nostalgia ‘ucrônica’, uma recusa desesperada à mudança e à história”. (DUVIGNAUD, 1983, p.72).

Investigando as práticas efetuadas no Pólo, há uma inclinação para se categorizá-lo ora como um lugar de festa, o que parece ser mais consensual, ora como o lugar da bebedeira, em virtude do quanto que ali é consumido de bebida alcoólica, isto tanto nos momentos de festa, como não. O consumo de alimentos também a esse processo está incorporado. “Nestas ocasiões a intenção é consumir o signo, é integrá-lo ao ventre, ao ser que se é, é digeri-lo em uma exaltação comum, muitas vezes alegre, certamente animada. O amor guardou qualquer coisa dessa comedoria – ‘ele comia com os olhos’, ‘devora-a de beijos’, diz-se no linguajar coloquial”. (DUVIGNAUD, 1983, p62).

Também no período de festa muito mais que em outros, o que vejo sobressair com ênfase na vida do Pólo é a questão do trabalho. É indiscutível como se trabalha de um lado para outro desse lugar, tudo acontecendo para que centenas de outras pessoas se divirtam. Como contrapartida, essa geração de emprego e renda no setor informal possibilita a sobrevivência de muitos que vivem desse labor. Porém, tudo que foi escrito acima permite categorizar o Pólo como sendo: 1) lugar da festa; 2) lugar de consumo excessivo de bebidas alcoólicas; 3) lugar do trabalho. Essas três conceituações se resumem ao final das contas num só, o lazer.

A festa lá ganha status de democracia haja vista a pluralidade de gostos musicais, estilos de indumentárias, sons, polifonia, enfim. De tudo há um pouco no espaço do Pólo, desde o "have metal", passando pelo forró, pagode, mpb, até mesmo jazz e música clássica, tudo ali toca e tem público para consubstanciar o processo de recepção. A vida na cidade demanda por "respiradouros" que a exemplo do Pólo traga suporte para a sanidade de grupos e dessa forma a continuidade de práticas culturais sem as quais uma dada coletividade não pode prescindir. É em lugares como esse que o ser social que habita as grandes metrópoles usufrui anonimato, como no transe, vive outra possibilidade de vida, ausenta-se, ou muito pelo contrário, é onde encontra a si mesmo e numa interação social

com outros sujeitos seus pares, constrói novas identidades e sociabilidades. Lugares como esse, mesmo estando no tecido geográfico da grande cidade, ainda assim guarda muito das solidariedades orgânicas vividas, por assim dizer, por aqueles que vieram de realidades sociais muito simples. No entanto, a todo o momento se depara com tipos e exemplos de relações que merecem perfeitamente a categorização de solidariedade mecânica.

As festas têm cada uma um jeito de ser e de acontecer no espaço do Pólo. Quando é festa junina, a decoração que prevalece, pelo menos nesses dois anos (2001 e 2002) que pesquisei, em que uma mesma comissão organizou essa festa, foi de enfeitar com centenas de fios contendo bandeirolas penduradas, balões e estrelas. Dentro desses dois últimos eram colocadas lâmpadas que à noite propiciava um efeito visual muito bonito. Sem contar no reforço de dezenas de outras lâmpadas colocadas somente para essa ocasião, tudo em nome do embelezamento do lugar e talvez para funcionar como uma espécie de linguagem simbólica que chamava a atenção para a festa do "São João".

Quando a festa é, por exemplo, essas duas micaretas, que acontecem anualmente ali, o que vai sinalizar chamando a atenção para o acontecimento, é a presença do corredor da "folia", formado a partir de camarotes que são armados em cada lado de uma das vias da avenida Central. Mesmo que aqui não me recorde do número exato de camarotes, o certo é que são aproximadamente uns quinze a cada lateral. O trio elétrico é outro símbolo dessa festa e até "aportar" por lá ele vem caminho afora causando destruição na fiação da rede telefônica, devido à altura que o veículo tem. Isso eu vi acontecer nas ruas do bairro Genibaú, em que as instalações são baixas, característica essa do tipo de serviço que em geral é feito nas regiões periféricas, principalmente as áreas menos valorizadas. O carro com dimensões gigantescas em comprimento e em altura vem chegando ao Conjunto Ceará e por onde passa vai causando engarrafamento no trânsito, com o som bastante alto, pois que já é à tarde que antecede a primeira das três noites que ficará no Pólo e dele emanará todo o som que parece querer atingir as nuvens e por ele a festa se pautará.

Em outras festas que em geral são promovidas pelos comerciantes locais ou organizadores tradicionais desse tipo de evento em praça pública, o que vai marcar a presença da festa é a imposição do palco bem no meio da praça do Pólo, sendo que nas últimas que aconteceram, havia dois palcos, um em que funciona o som que em nada perde para aquele do trio elétrico, e outro do lado onde dançarinas com seu visual a moda

"havaiana" alegre e enche de fantasias o imaginário masculino. Mas não só ele como também vasculha a cabeça feminina de centenas de jovens cujas existências são desprovidas de um planejamento de futuro mais sólido e confiável; tarefa essa que em parte a escola se provida de qualidade de ensino poderia em muito contribuir.

É muito interessante ficar observando quando a festa está chegando ao Pólo e toda essa estrutura da qual já falei de forma resumida, começa ser erigida. O caminhão cheio de placas, tábuas e muitas outras peças, pára bem em frente a praça e logo alguns homens que via de regra são bem franzinos, desmontam toda aquela quase infinita carga, põe tudo no chão para em seguida iniciar o serviço de montagem. Para um leigo no serviço, até parece que nunca mais aqueles homens vão conseguir por tudo em ordem, edificar palcos, camarotes e arquibancadas. O trabalho começa lento, mas depois ganha ritmo e nas horas previstas para a conclusão, lá está tudo em seu devido lugar. É como se uma mão mágica fosse encaixando cada parafuso no seu devido lugar, cada peça, e eles flutuassem permitindo melhor visualização e rapidez no serviço que em geral é feito em cima da hora. Porém o segredo de tudo isso se chama trabalho, aquilo que é imprescindível para que a festa tome intento.

Durante as horas aflitas em que os instrumentos da festa estão sendo confeccionados, é talvez uma das melhores propagandas levada a efeito intencionalmente ou não. Os grupos de pessoas não param de passar, bem como os martelos no serviço não param com suas intermináveis onomatopéias, toc, toc toc. É sabido por essa "antropologia visual", como diria Massimo Canevacci, que o fenômeno festa está em andamento. Ao tom escuro das placas de madeira vai sendo acoplado um colorido diversificado das propagandas onde letras, números e desenhos brilham antes na passarela. Massimo Canevacci defende “um novo desenho urbano (onde) deveria incluir também a aprendizagem da comunicação com as cores...” (Canevacci,1997, p. 200).

Então a festa é de forma caricaturada essa representação que ora eu quis pôr na escrita. Não sabendo ao certo se devo concordar com Jean Duvignaud quanto ao poder destruidor que a festa encerra. No caso singular do Pólo ela é sempre erigida, chega ao ápice com a performance que o evento atinge, para em seguida tudo vir novamente ao chão. Aquela estrutura da festa é desfeita para aparecer em outro lugar, ou num tempo depois renascer no mesmo lugar. Se fosse possível simbolizar essa vida própria das festas no Pólo,

as representaria como uma "onda", que de repente se forma, arrasta tudo que pode e está a seu alcance, para em seguida voltar a um estado de nada, ou de nado, onde tudo é calma, talvez ausência...Houve destruição.

A festa vista por outro ângulo pode ser um bom arquétipo para se investigar manifestações da cultura de um grupo que a exemplo desse coabita a periferia de uma metrópole como Fortaleza. Seu cotidiano por certo que ainda guarda algumas ligações com o ambiente rural -lugar de origem de muitos de seus moradores. Ao mesmo tempo em que em sendo urbano, ainda assim não incorporou o "modus vivendi" da cidade, de maneira ideal, não.

De um modo bem próprio, a festa mostra como a cidade se estrutura, como ela de fato é por dentro e como acolhe os seus habitantes. Eu colocaria como ilustração uma noite de Sábado das festas juninas do ano em que estávamos (2002), quando inesperadamente a chuva mostrou sua força sobre uma estrutura frágil que é essa de Fortaleza, alagou o Pólo e todos que lá estavam como eu ficaram ensopados e com os pés imersos num lamaçal que ia até o meio da perna. O frio era de doer até os ossos. Ou seja, estrutura que desse conta do contingente que lá se encontrava, não havia nenhuma. Absolutamente nada que funcionasse como abrigo para as pessoas, inclusive crianças levadas por seus pais e que tremiam de frio em meio aquela chuva torrencial. A festa com chuva que perdurou por várias horas (das vinte até mais ou menos vinte e duas horas), deixaram claro como a cidade ainda está muito aquém do que é desejável.

A festa do Pólo tem muitas faces e pode efetivamente nos dizer muito sobre a cidade de Fortaleza, as pessoas que naquela praça trabalham e vivem, enfim, desmitificam um pouco essa relação do habitante com sua cidade. É como escreve um autor que acabo de ler, Ruben George Oliven, na conclusão de seu livro, A Antropologia de Grupos Urbanos:

“Os fenômenos que estão ocorrendo em cidades como as brasileiras se constituem num rico campo de investigação social, cujo estudo pode permitir uma melhor compreensão da cidade, enquanto contexto em que se dão e para o qual convergem diferentes processos sociais. A Antropologia tem se revelado uma ciência capaz de contribuir significativamente para o estudo desta realidade”.(1995, p.50).

A festa tem esse potencial de representação, emprestando ao Pólo essa imagem de um oceano de gente que se espraia e se derrama por todos os lados. Quando cessa deixa no ar um sentimento de desolação e vazio. Mas o Pólo também tem outros fenômenos a oferecer, como é, por exemplo, sua movimentação diurna.

3- Descrição do Pólo de Lazer *Luiz Gonzaga*

O Pólo situa-se no bairro do Conjunto Ceará, em Fortaleza. O conjunto habitacional que depois foi transformado em bairro, nasceu da iniciativa governamental de reordenação da cidade, em face da problemática falta de moradia. Sendo esse problema inerente às classes assalariadas. O ano de 1977 foi o marco de sua construção. Como num estilo “fordista”, ele foi sendo feito em série, ou melhor, em etapas, num total de quatro. Os terrenos destinados à construção de praças, desde então já iam sendo reservados. São muitas de pequeno porte que se distribuem nas etapas do conjunto. Sendo que o terreno de maior dimensão ficou localizado no meio e sempre fora destinado a ser um PÓLO de lazer, de desenvolvimento e de outras funções sociais destinado àquela gente de periferia.

Duas décadas depois, graças a uma atitude ousada do então candidato à prefeitura de Fortaleza, Ciro Gomes, a urbanização do lugar concretizou-se. Sua promessa em palanque virou realidade como fora previsto. Em apenas noventa dias a praça fora entregue à população com “shows” em que havia “trapalhão da rede Globo – o Didi”.

Os moradores do entorno, bem como os demais moradores do bairro ainda hoje fazem referência ao trabalho realizado dia e noite por trabalhadores incansáveis que tinham como meta somente a conclusão da obra.

Segundo Arantes, “os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações”. (ARANTES, 2000, p.106).

A população do bairro tanto veio do interior do estado quanto de outras periferias da capital mesmo. Vale aqui a análise feita por Eunice Durham em que ela salienta “que, longe de se perderem, os laços familiares das famílias transplantadas tendem a refazer-se no novo meio urbano, incluindo a reelaboração de rituais de sociabilidade que provêm de seu círculo de origem”. (MAGALHÃES, 1995, p.88).

Situar o Pólo nos remete a pensar a cidade e suas unidades menores, o bairro. Sobre essa primeira conformação geográfica, Coulanges escreveu: “A cidade era uma

confederação. Por isso se viu obrigada, pelo menos durante alguns séculos, a respeitar a independência religiosa e civil das tribos, das cúrias e das famílias; não teve no princípio o direito de intervir nos negócios particulares de cada um desses pequenos corpos”. (COULANGES, 2001, p.138).

Em outro ponto de reflexão, o autor faz uma distinção entre cidade e urbe; ele explica que “cidade e urbe não foram palavras sinônimas entre os antigos. A cidade era a associação religiosa e política das famílias e das tribos; a urbe, o lugar de reunião, o domicílio e sobretudo o santuário desta sociedade”. (COULANGES, 2001, p.145).

Nos dias atuais faz-se necessário a criação de leis a fim de normalizar uma espécie de caos urbano em que estão mergulhadas algumas cidades. A lei que rege as cidades chama-se Estatuto, e foi aprovado em dez de julho de 2001. Quero destacar aqui alguns pontos importantes. Em seu parágrafo único do artigo primeiro, está dito o seguinte, “para todos os efeitos, esta Lei, denominada Estatuto da Cidade, estabelece normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental. (...) no inciso quinto do parágrafo segundo, trata da” oferta de equipamentos urbanos e comunitários, transporte e serviços públicos adequados aos interesses e necessidades da população e às características locais “(Lei 10.257/2001), entre esses se incluem o Pólo. Ainda em seu artigo quarto, torna obrigatório a aprovação de um Plano Diretor àquelas cidades que possuam mais de vinte mil habitantes”.

E o bairro, o que vem a ser? Para um estudioso como De Certeau, “O bairro aparece assim como o lugar onde se manifesta um ‘engajamento’ social ou, noutros termos: uma arte de viver...”. (2000 p.39). Para ele, viver nesse contexto, faz-se mister um ingrediente que De Certeau conceitua de “conveniência”.

“A conveniência é grosso modo comparável ao sistema de ‘caixinha’ (ou ‘vaquinha’): representa, no nível dos compartimentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados”. (DE CERTEAU, 2000, p.39).

Como estudar, pesquisar na cidade? Segundo Canclini, “é o que começou a ocorrer em alguns textos fundadores da literatura urbana da América Latina: antes que nos de Borges, nos de Macedônio Fernandez. É ainda mais visível quando, no Museu

macedoniano de A Cidade Ausente, Ricardo Piglia exaspera a superposição de histórias e a digressão como sintomas da impossibilidade de juntar os infinitos relatos em uma só narrativa: contar com palavras perdidas a história de todos”. (CANCLINI, 1995, p.130)

Mais à frente Canclini vai dizer que “para ser um bom leitor da vida urbana, há que se dobrar ao ritmo e gozar as visões efêmeras”. (1995 p.133).

Acerca do Pólo vale esse enunciado de Canclini:

“Sem dúvida, os imaginários urbanos continuam sendo constituídos pela memória de cada cidade e de alguns bairros emblemáticos, por circuitos e cenários idealizados, rituais em que os habitantes se apropriam do território urbano, narrativas singulares que o consagram”. (CANCLINI, 1995, p.114)

Em face à questão do que é o Pólo, me vejo um tanto quanto atordoada por me encontrar em meio a um turbilhão de coisas visíveis e invisíveis, que a todo instante se faz presente naquele lugar, ou talvez fosse melhor eu me referir a lugares.

Na construção que ora faço, posso dizer que o Pólo se inicia com a praça cuja frente está para a Avenida Central, também posteriormente denominada de Avenida Ministro Albuquerque; o oposto ou a parte detrás fica na Avenida F; o outro lado, um está margeado pela Avenida A e o outro pela Avenida B. De certa forma pode-se afirmar que o desenho do Pólo se assemelha a um quadrilátero retângulo. Todos os seus limites são como que velados, porém toda sua essência está no meio. As coisas, as pessoas, os processos, permeiam-lhe todo o seu interior.

Vou a seguir partir de um ponto fixo que está logo na esquina da Avenida A com a Avenida Central, que é a churrascaria “Mestre Beto”; dada sua permanência ali no mesmo local, já usufruí um certo “capital simbólico”; continuando, resolvo percorrer o Pólo em sentido horário, então o que vejo nesse trajeto são umas pequenas lojas que estão coladas à churrascaria, sendo que todas estão na Avenida Central, uma delas é de ração para animais como cachorros, gatos, passarinhos e a outra é de embelezamento dos caninos como o banho, a tosa, etc. Depois vem o ponto dos taxistas que é denominado “Conjuntaxi”, com telefone com viva voz instalado numa espécie de cabine, e funciona por 24 horas. Vem após isso à barraca feita de alvenaria de nome Meu Aconchego; depois vêm as de menor porte improvisadas com madeira e cobertura de plástico que são: “Príncipe da Batata”, onde há venda de batatas fritas, seu dono é o Zé Branco; a do seu Miron que vende cigarros, bombons diversos; a da Sílvia que vende bebidas que ela pega na barraca maior,

pertencente ao seu Chico; a do “Rei da Batata”; a do “Imperador” que também vende batatas fritas, e o curioso dessa série de pequenos vendedores da batata é que cada um já detém uma clientela fixa afora os novos clientes que todo dia ou a qualquer hora surgem.

Chega-se à barraca da Célia uma mulher intrigante e detentora de narrativas e disposição para vocalizá-las a qualquer hora. Em sua barraca, pode-se contar não somente com uma amizade fácil de se estabelecer e com as mercadorias que são comuns às demais barracas qual seja, cigarros, balas, bebidas e até “essência” que é vendida ou trocada por algo aos meninos de rua que estão na praça, para os mesmos colocarem na cola que cheiram. Assim do lado da Célia, fica um senhor por nome Armando que o tempo todo permanece fumando um cigarro que até parece nunca ter fim; a especialidade de seu negócio é a venda de milho verde cozido; somente ele faz isto no Pólo. Bem nesse local da praça há uma travessa que é uma rua, mas que não possui nome; ela dá acesso à agência da Caixa Econômica Federal, a um templo da igreja presbiteriana, a um escritório da Telemar, enfim, ao Posto de Saúde Municipal e até mesmo a uma residência que fica no meio do Pólo.

Mais adiante está uma banca de revista, a mais sortida existente no Pólo, e ali bem próximo fica outra barraca de alvenaria de nome “Cajueiro Drink’s”, e que está à sombra de um grande cajueiro, pelo visto não muito bem de saúde, a exemplo da maioria da população de Fortaleza, ele também não tem tido nenhuma ação de política de preservação. Logo atrás, outra barraca, também sem denominação devido não ser utilizada. Aqui o calçadão que vem desde a churrascaria segue então ladeando uma espécie de jardim também mal conservado até chegar a mais uma banca de revistas que pelo jeito são usadas; a referida barraca tem o nome de Adriana, e aqui são vendidos posters de santos, bem como de artistas de televisão, dos times e de jogadores de futebol; recentemente, essa banca ganhou o reforço de mais uma do lado cujas mercadorias são camisas dos times de futebol e confecções variadas; tudo roupa simples e acessível à população, no estilo daquelas que são vendidas no beco da poeira, no Centro da cidade. Nisso, o que é interessante é observar as camisas tremulando ao vento como se fossem bandeiras. Essa banca está na frente, um pouco ao lado direito da igreja de N. Sra. Da Conceição, padroeira do Conjunto Ceará. Como essa igreja está na esquina da Avenida Central com a Avenida B, aqui termina a grande fachada do Pólo de Lazer cuja frente está para a Avenida Central.

Entrando na Avenida B, numa posição perpendicular à banca de revista “Adriana”, existe mais uma, a terceira dessa região do Pólo, de nome São Francisco.

E a seguir o calçadão margeia um local que uma auto-escola talvez irregularmente adaptou para suas aulas práticas de direção, então ali treinam balizas, ensinam pilotar motos, etc; após isso vem um grande campo de futebol onde se pode ver arquibancadas que ao todo são duas, uma defronte à outra, em lados opostos. É nesse local que todo final de tarde há homens, e outras vezes são meninos jogando futebol, isso diariamente.

Há poucas coisas na Avenida B. no lado pertencente ao terreno do Pólo, não se registrando quase nada, além do que, vale dizer que tanto nessa como nas outras avenidas que fazem o contorno do terreno do Pólo, em todas elas existem largos e contínuos canteiros; em todos, à revelia das adversidades, existem muitas árvores. Vizinho ao espaço do Pólo, na mesma avenida, estão as casas típicas do Conjunto Ceará, sendo que a maioria delas já passou por reformas.

Depois de passar pelo campo de futebol, o terreno tem aqui sua maior depressão geográfica, é de um tipo de solo alagado, chegando às vezes formar um pequeno riacho, sendo tal fenômeno mais comum no inverno. No verão, também ali permanece com um alto índice de umidade, coisa bem própria do bairro, visto que sua construção foi quase toda ela feita em terreno onde antes ficava uma lagoa. Nessa parte do terreno, ainda é possível nosso olhar encontrar algumas carnaubeiras, originais diga-se com todas as letras; pois é até bem comum os administradores públicos optarem por migrações dessas plantas num claro intuito de voltar às origens, num discurso do "como era antes". As carnaubeiras são árvores nativas de tipo de solo como é esse do Conjunto Ceará, com muita umidade e de barro argiloso.

Os primeiros moradores lembram de como era difícil se andar pelas ruas e praças do lugar, em virtude do barro pegajoso, lama pura que cobria todo o bairro. Hoje, com as muitas reformas por que passou o lugar, onde tudo foi encoberto ora com asfalto, ora com o calçamento ou paralelepípedo, isso só está mais visível nos quintais de quem ainda os possui. É bem comum no bairro, as pessoas construírem por todo o terreno de que dispõem; muitos ainda invadem com construções irregulares até mesmo as calçadas e parte da rua. Quanto às carnaubeiras, atualmente quase não existem mais, talvez em virtude da superposição de camadas variadas por que passou o terreno do bairro, para afinal ser

construído. Servem de exemplo para essa observação, todo o terreno da quarta e última etapa do Conjunto Ceará.

Na mesma Avenida B, vem o CSU-Centro Social Urbano que pertence à prefeitura de Fortaleza; na parte concernente às instituições falarei um pouco da sua história, da função que esse tem não só no âmbito do Conjunto Ceará, mas também num raio bem maior, abrangendo vários bairros vizinhos, conformando assim uma região; outra coisa ainda é a importância que tem o CSU, dada sua localização ficar na parte central do bairro, o Pólo. É visível a elevação do terreno em que o CSU se encontra, por certo que aqui é mais alto do que aquele terreno do começo do Pólo, onde está a avenida Central.

Em parceria com o CSU está outra instituição municipal, por nome UPAM - unidade de profissionalização e amparo ao menor. O muro que as cerca é o mesmo, sendo que a UPAM fica situada na esquina da avenida B com a avenida F, possuindo sua frente para essa última avenida.

Não há muitas coisas a registrar desse lado aqui do Pólo. Além da UPAM vejo uma casa que serve de ponto de apoio aos garis que durante todos os dias trabalham tanto no Pólo quanto nas suas imediações. Em particular gosto de ver os trabalhadores em seus afazeres, em parte quem sabe não tenho em mente uma daquelas imagens religiosas em que se pode ver todos os servos (mansos que nem um rebanho) a trabalhar na obra do Senhor. Então talvez seja dessa suposição imaginária que eu retire beleza quando vejo os garis em seu cotidiano animadamente laborioso. Não é que concorde com a submissão embutida nessa figura ilustrativa, mas é que nisso há uma estranha harmonia. Por isso que digo da beleza de vê-los no Pólo com seus uniformes alaranjados, a empurrar pra lá e pra cá carrinhos verde-escuros com duas rodas, um pegador de mãos, numa atividade que até parece brincadeira infantil. Sobre o carro verde-escuro com duas rodas usado para recolher lixo vai um vassourão, quanto à bruxa, essa invisível, pegando carona nesses instrumentos de trabalho do lixeiro, pois ficou cansada de voar.

Quando esses homens e algumas mulheres terminam suas tarefas em cada turno, eles retornam em procissão de um, três ou muitos para a casa que lhes serve de ponto de apoio. De longe são distinguíveis, dá para ser captado pela lente de uma máquina fotográfica, por exemplo; suas blusas alaranjadas, os carrinhos verde-escuros e lá se vão os garis a empurrá-los. Conversam alguma coisa de interessante e riem o tempo todo, mas na

minha observação não sei o que é; isso ocorre quando estão indo almoçar ou no final da tarde quando estão devolvendo os instrumentos à casa de apoio. Se me aproximo e peço para fazer uma foto, de pronto se sentem felizes e pousam com uma ironia alegre. Assim são essas pessoas que também elas territorializam o lugar que é o Pólo e que se reconhecidas fossem era motivo de honras e distinção, pois são elas que todo dia trabalham para que o Pólo fique bem limpo.

Do calçadão que circunda todo o terreno do Pólo é possível ver espaços vazios, contendo somente o mato nativo e algumas carnaubeiras grandes ou pequenas que ainda teimam em nascer. Posso ver também dessa disposição geográfica em que me encontro, uma casa que está situada num pequeno sítio dentro do Pólo e que segundo informações foi resultado de invasão a algum tempo. Essa residência se constitui na única exceção de uma casa habitada e exposta na parte interna do Pólo. Contarei mais sobre a mesma na parte referente às entidades e as coisas que compõem esse lugar.

Uma oficina existente a muito tempo na esquina da avenida F com a avenida A marca assim esse lado do Pólo, ou seja, o lado leste. É a porção mais povoada e habitada do Pólo, isto é, falando-se de permanência. Na avenida A estão muitas residências, muitos comércios, a oficina acima citada, a padaria GG que já conta com uma certa tradição em virtude dos anos de serviço naquela região, outros ramos de atividades como um galpão que ora está sendo utilizado como local de culto da igreja universal, loterias, consultórios dentários, oficinas de conserto de bicicletas, lojinha de confecção, armarinhos, o maior supermercado do bairro - "Super do Povo", uma agência do BEC (Banco do Estado do Ceará), em seguida mais lojinhas e chega-se novamente na churrascaria Mestre Beto. O cerco está fechado, só me resta adentrar em suas entranhas.

Agora, resolvo fazer uma incursão pelas vias ou veias abertas que irrigam o Pólo, refaço os itinerários de todos os passantes, para então compreender as figuras mirabolantes que cada um vai desenhando com os seus passos, a partir da necessidade individual ou não. Os passos falam numa linguagem silenciosa e muda, e é De Certeau que nos põe a par disso no trecho a seguir:

“Essa história começa ao rés do chão, com esses passos. São eles o número, mas um número que não constitui uma série. Não se pode conta-lo, porque cada uma de suas unidades é algo qualitativo: sua agitação é um inumerável de singularidades. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses ‘sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade’, mas ‘não tem nenhum receptáculo físico’”. (DE CERTEAU, 2001, p.176).

Começo pela rua 602 a única que possui nome, dentre aquelas existentes na área interna do Pólo; liga a avenida Central a avenida F, fica por trás da avenida A, da agência do BEC, do Supermercado do Povo, da padaria GG, etc, apenas para fazer constar os estabelecimentos maiores que estão situados na avenida A.

A rua 602 atravessa o Pólo de Lazer do início ao fim, estando mais para um estilo travessa, do que uma rua propriamente; embora nomeada não possui nenhum logradouro com numeração. Sua importância está em servir de acesso ou evasão ao fluxo humano e automotivo que a toda hora se dirige ao 12º Delegacia de Polícia, bem como a outros endereços da vizinhança.

Do lado direito da rua 602 para quem vai no sentido da avenida Central para a F, estão as seguintes coisas: uma academia de ginástica por nome Águas Belas, a seguir uma sequência de fundos de quintal, todos continuação dos imóveis da avenida A, que talvez por segurança e mesmo por necessidade de fazer uso do terreno, constroem-no em sua totalidade. Passa-se pelos fundos da agência do BEC, do mercantil que recentemente abriu uma pequena galeria que dá passagem da avenida A para a 602 e assim o é até no final dessa rua.

No lado oposto da mesma rua, fazendo-se o percurso em igual sentido, está o "Conjuntaxi", que é a parada de taxistas que funciona 24h; depois vem uma barraca de alvenaria em que funciona a rádio comunitária FM Pólo, mais outra barraca do mesmo estilo onde pela manhã a polícia confecciona carteiras de identidade para a população dessa imensa região periférica da cidade.

Outro dado ainda em tempo é sobre a Segunda rádio comunitária existente no Pólo, ela é de outro proprietário, organizador de festas, inclusive uma das muitas que ocorrem lá que é o Ceará Fest. A rádio tem o nome de Ceará FM e está situada em frente ao Pólo de Lazer, sendo que está do outro lado do canteiro da avenida Central. Algum tempo atrás visitei seus estúdios e algo que me chamou a atenção foi um retrato imenso medindo mais ou menos um metro do sanfoneiro Luiz Gonzaga, o rei do baião; segundo informações do radialista que entrevistei, Elvis Marlon, o retrato ali está porque o dono da rádio é "muito fã" desse sanfoneiro que emprestou seu nome à praça.

Mas continuando o passeio pela 602, vem a Delegacia de Polícia, cujo cognome é o "DOZE". Há nesse ponto onde está a delegacia, uma espécie de entrância, uma rua bem

pequena que serve para as viaturas manobram, estacionarem, assim como os carros de quem ali trabalham e as pessoas em geral. Esse pedaço de rua sem nenhuma identificação é bastante arborizado, com piso feito de pedra de calçamento e vai dar tanto para o meio da praça do Pólo como para a parte detrás do prédio da CEF, ou mesmo serve para quem quer ir ao Ceará Shopping, ou ainda, se quiser realizar uma caminhada cortando o terreno do Pólo a bem dizer ao meio, sendo que antes de chegar ao shopping é preciso descer uns poucos degraus resultante do desnível do terreno; essa rua ainda é usada para descer para as etapas II e IV do Conjunto.

Na esquina oposta à delegacia está um prédio ainda em construção, em forma de duplex tão ao gosto hoje em dia dos moradores da periferia, onde lá funciona a igreja presbiteriana Nova Canaã. Mesmo em construção já funciona a tempos. É todo murado, e mora uma família composta por três pessoas; o pai, a mãe e um adolescente. Essa família mora de graça e zela pelo prédio como uma espécie de caseiro. A lei de uso e ocupação do solo urbano ao que parece facilita a construção de templos religiosos, pois só no Pólo são três de igrejas evangélicas, um da igreja católica e um centro espírita.

Ainda na mesma rua sem nome em que fica a delegacia, sendo do lado oposto, existe uma ONG cujo nome é PRODECON (Projeto de Desenvolvimento do Conjunto Ceará) e bem do lado está um clube de samba e forró, "O Pólo's Samba". Resultado de invasão de terreno, segundo dizem, seu proprietário é o mesmo da rádio FM Pólo. O muro em frente é alto e cheio de propagandas de grafite entre outras coisas, é todo pintado de branco e com portão de cor preta; um estreito onde passam pessoas e outro largo por onde entram os carros. Esses ora vão lá para abastecer de bebidas, ora entram com caixas de som ou outras peças dos instrumentos de som. Mesmo sendo denominado Pólo Samba, na verdade a informação veiculada é que se destina a forrós; lá é para ser dançado forró. Essas duas instituições bem distintas ficam coladas à igreja Nova Canaã, constituindo um ambiente plural em que o sagrado e o profano estão literalmente lado a lado e todos na frente de uma instituição normativa no estilo da delegacia. O Pólo é assim mesmo permeado de ambientes bem diversificados onde entes e entidades usufruem uma certa "democracia urbana" e nele se alojam passando então a transitar em seus interstícios.

Após aquele templo evangélico em que se lê "nova canaã" com letras verdes e grandes estampadas em seus muros, vem outra inscrição também no muro que fecha a

frente de outra instituição; nele está escrito: Conselho Comunitário do Conjunto Ceará. Sua fachada está na rua 602, e o pequeno prédio que abriga o conselho se encontra nos últimos palmos do terreno, tão recuado que mais parece em fuga, acossado por alguma questão que não se sabe direito qual seja. Nunca o vi aberto nas muitas vezes que por ali passei interessada em entrevistar alguém de sua diretoria, ou noutras em que me dirigia ao centro espírita para realizar o mesmo procedimento. Fiz fotos que mostram esse estado ensimesmado da sede do conselho de um bairro bem grande como esse, o Conjunto Ceará.

Depois do muro do conselho, vem o do centro espírita; com frente ajardinada, sempre bem cuidado, dá ao visitante aquela idéia agradável e ao mesmo tempo convidativa para adentrá-lo e conhecê-lo melhor. O muro é daqueles com grades de ferro sobre uma parte de parede, o que possibilita uma boa visão de quem está de fora, do lado da rua. Esse prédio é muito bem conservado e na sua parte mais alta fica a denominação: Centro Espírita Joanna de Angelis. Certa noite antes de começar a sessão nesse centro, eu entrevistei o Luciano que é um dos membros da atual diretoria. Do lado passa mais uma daquelas ruas sem denominação. Ela nasce na avenida A, corta a rua 602 onde está o Joanna de Angelis, passa tangenciando o posto de saúde Maciel de Brito, em seguida o campo de futebol que fica atrás do shopping Ceará e vai terminar na avenida B. Pode-se considerar que essa rua divide o Pólo ao meio.

O calçadão da rua 602, que foi construído do lado dessas entidades de quem estou falando, continua pelo terreno afora e vai terminar na avenida F. Percebo ao pesquisar o Pólo que seu formato é semelhante a um labirinto; reproduz em parte o labirinto maior que é o próprio conjunto. É muito comum se ouvir de pessoas de fora, que não moram nesse bairro, dizer que não sabem encontrar os endereços por lá. Podem tentar localizar um endereço, mas não é fácil não; muitas vezes não localizam. Outras vezes, quando recorrem às informações de moradores, não são bem sucedidos, pois estes também não conhecem o conjunto em sua totalidade. Quando muito, apenas identificam as ruas próximas a que moram.

Qualquer um que passar pelo calçadão da 602 pode ver no terreno um pouco abaixo, o pequeno sítio que segundo informam as pessoas do lugar foi resultado de invasão. Possui uma casa de aparência confortável, toda rebocada e pintada de branco, com um lago feito naturalmente no próprio terreno, por isso sua água é sempre turva e nela existem sempre

patos e marrecos nadando com sua faceirice e leveza habituais. Eu a conheci no ano de 1991, quando lá estive realizando o CENSO. Em seu interior não detectei nenhum conforto ou luxo que chamasse a atenção. Seu proprietário era dono na época, de uma metalúrgica que funcionava na avenida A; hoje, essa empresa mudou-se para a Maraponga e não sei se continua com o mesmo dono. Tenciono retornar e se possível escrever alguma história acerca dessa família e de sua aquisição de terreno para moradia em espaço público como é esse de praça. Um informante me disse que essas pessoas do sítio já foram indenizadas mais de uma vez pela prefeitura e mesmo assim permanecem no mesmo lugar.

Do lado dessa residência, está o posto de saúde do município, o Maciel de Brito que atende uma leva de pessoas que diariamente buscam atendimento médico odontológico naquela unidade. Um dado interessante é que recentemente o governo municipal resolveu elevá-lo à categoria de unidade modelo, mas por outro lado esqueceu-se de equipá-lo nesse mesmo nível. Quem trabalha lá reclama entre outras coisas da falta de medicamentos e outros serviços que a população faz uso. Entre os medicamentos estão os do tratamento da tuberculose, comprimidos contraceptivos e entre os serviços estão a distribuição de preservativos e o leite do programa de nutrízes e bebês desnutridos. Ainda no prédio que funciona o posto está o anexo que presta atendimento veterinário, é o único de natureza pública que atende a uma grande região; o outro mais próximo é um canil do bairro Autran Nunes, na vizinhança. O Maciel de Brito é o que restou de atenção primária e de prevenção no Conjunto que antes contava com um posto do IPEC na 2ª etapa e outro do município na 4ª etapa, em que havia consultas e realização de exames no primeiro e apenas consultas no segundo, isto para o público em geral, crianças, adultos e idosos. E ambos foram fechados há quase uma década.

Por toda parte do Pólo afluem pessoas, vindas das mais diversas localidades próximas ou até distantes, e que vão Ter no Maciel de Brito o seu destino de percurso. Sempre ensejei conseguir uma fotografia aérea do Pólo, para Ter uma boa representação dos caminhos ou trilhas que os pés humanos vão imprimindo em seus percursos diários, suas andanças e "usanças" como bem emprega Lucrecia Ferrara quando dá como definição desse conceito algo mais que o mero uso. Em geral esse uso é referente a lugares como ruas, mercados, praças, etc.

De longe é possível visualizar em todos os muros laterais e na parte dianteira desse posto de saúde, em letras grandes e azuis a denominação de "unidade modelo". Como é prioritária a ênfase na propaganda, no "marketing" por parte daqueles que cuidam do destino das nossas cidades. Mas a realidade é essa, a cidade (seus habitantes) se trata em sua grande maioria em postos de serviços como esse, onde tem que pernoitar, sofrer e chorar na amarga esperança de encontrar a cura para seus males, que em geral são de ordem sistêmica e não pontuais ou regionais. Para De Certeau, "A 'região' vem a ser portanto o espaço criado por uma interação. Daí se segue que, num mesmo lugar, há tantas 'regiões' quantas interações ou encontros entre programas". (2001, p.212).

No canto oposto da rua sem distinção onde fica o posto de saúde, tem um escritório antigo da TELECEARÁ, que atualmente é TELEMAR. Não disponho de absolutamente nada a respeito do mesmo. É bem reservado, com muros sólidos e altos, está sempre fechado, onde o que se vê são apenas os carros que são da empresa ou prestadores de serviços para ela; passam o tempo todo estacionados na frente desse prédio.

A igreja evangélica EBENEZER é um tipo de construção que é colado ao escritório da telemar. É de grande porte, tem as mesmas cores de outras tantas igrejas protestantes, o acesso fica do lado leste, ou seja, a frente está para esse lado como as do posto de saúde e do escritório da telefonia. Essas três instituições existem sozinhas nessa espécie de rua que vem do sítio do Pólo, passa ao lado da agência da CEF e termina na avenida Central. Quanto a igreja Ebenezer, que antes era um prédio mais simples, agora já conta com casa duplex e segundo as pessoas que estão sempre de prontidão no exercício da observação, ela ainda pode crescer mais. No compartimento duplex mora o caseiro e sua família. Sendo essa a Segunda família das três que encontrei morando no espaço do Pólo, que volto a afirmar ser de natureza pública.

Um pouco mais afastado dali está um prédio que possui uma boa estrutura, mas que tem sido alvo de constantes ataques de vandalismo por motivo do pouco uso ou quase abandono em que se encontra. Ele é o Shopping Ceará. Antes, quando sua arquitetura constava apenas de dois grandes galpões, ali funcionava uma "repartição" do governo estadual, a COBAL. Essa era responsável por sua vez em distribuir alimentos com preços bem acessíveis às populações de baixa renda, do tipo da que morava no bairro. Gêneros

como milho, feijão, arroz e farinha de mandioca, eram os que eram vendidos; porém, era comum haver descontinuidade.

Quando a COBAL fechou de vez, o prédio ficou abandonado por vários anos, até que o governo estadual em um de seus ímpetos de ano eleitoral, reformou e inaugurou ali o shopping do bairro. Se antes era um local ermo, reduto de desocupados, agora a especulação é o carro chefe de tudo. Então, essa visão das coisas imperou sobre o real estado que tal empreendimento comportava. O resultado é que as várias lojas lá instaladas foram gradativamente fechando-se; algumas até parecem que estão num estado de letargia, em meio a teias de aranha como aquelas velhas moradas de bruxas dos contos de fada, a esperar por um simples estalar de dedos mágicos, para que o sono se disperse e tudo volte a funcionar de novo.

A realidade do shopping é que mais uma vez encontra-se no abandono; com pouquíssimas lojas em funcionamento, ainda tem um zelador que efetua a limpeza do seu interior. Somente nas festas juninas de 2001 e também de 2002 é que os organizadores desse evento tiveram a idéia feliz de ocupá-lo durante os dez dias que durou a festa, com atividades como exposição de pintura, artesanatos, comidas típicas, festival de "karaokê", apresentação de capoeira, etc (isso no ano 2001); já no ano de 2002, as atividades versaram em torno da produção artística cultural que os alunos do Liceu do Conjunto Ceará já conseguiram realizar em sua efêmera vida de estudante denominada hoje de "ensino médio". Fizaram exposição de fotografia, apresentação de teatro, coisas assim que os alunos aprendem nos cursos que hoje em dia há nessas escolas. Uma das lojinhas que abre diariamente é de curso de informática, que sendo paga ensina iniciação, digitação, acesso à internet, tudo coisa do universo da informação para aqueles que querem aprender, e que são em grande maioria jovens e ainda não possuidores de um aparelho de computador.

À frente do Pólo, o que se vê bem próximo, são alguns instrumentos que servem para a prática de exercícios físicos, muito embora sem conservação, mas mesmo assim, toda manhã ou à tarde, há pessoas utilizando-os obstinadamente. Esses instrumentos contam "histórias sem palavras" (De Certeau, 2001, p.187). Vi isso todas as vezes que estive observando o Pólo. Também tenho feito fotografias que mostram essas representações daí. E caminhando mais um pouco sem mudar o sentido, o de ir para a avenida Central, tem-se à parte da praça que se esgueira, quase vazia, sendo utilizada em

grande parte dos dias por auto-escolas em seus treinamentos habituais com os aprendizes de direção.

Num dia desses em que eu fazia pesquisa pelo Pólo, observei com admiração o estado de conservação de uma parte da praça. Ela é de porte menor e se localiza atrás do shopping; chamo atenção para esse fato por ser tão difícil as coisas públicas continuarem intactas em nosso meio cultural. A explicação disso deve ser o fato dessa pracinha estar um pouco recuada, escondida atrás do shopping e este por sua vez também se encontra com pouco uso, em ambos quase não há "usança". “No caso das representações urbanas, o hábito do uso, a usança, constitui um obstáculo a ser superado na organização de uma aprendizagem coletiva mais participativa”. (FERRARA, 1999, p.260).

Essa pequena praça tem forma circular, conformada por seus bancos de cimento. Ela está entre o shopping e o campo de futebol que está na posição lateral do CSU. Somente casais de namorados que buscam privacidade é que para lá se dirigem. Quanto poderia ser mais e melhor utilizada, pelos pais com suas crianças, por grupos de pessoas da melhor idade, por reuniões de associações, conselhos de bairro ou coisas assim. Quem sabe, em parte a própria população não seja responsável pela revitalização ou valorização dos milhares de espaços existentes na colméia que é a cidade? Sendo que a outra parcela de responsabilidade cabe aos gestores públicos.

Para além dessa pequena praça, estão o campo de futebol e um "bosque" que ainda está no vir a ser. O primeiro conta com uma boa área toda coberta com areia vermelha e fina. Arquibancadas em dois lados assimétricos e enfileirados estão 15 pés de eucalipto atrás de um deles. Essa área do Pólo inspira um certo ar bucólico, ao menos na representação da pesquisadora. O segundo é um terreno que ainda se encontra sob o mato nativo, lugar onde há uma depressão geográfica, no inverno ou no verão está sempre minando água. Entre outros arbustos têm muitas carnaubeiras, espinheiros, retiranas que são plantas trepadeiras que crescem nos pés de carnaúba e outras. A correnteza d'água é mais forte no inverno quando sua nascente é próxima do sítio que fica no Pólo, escorre por metade deste e vai desembocar numa boca de lobo existente na avenida B. Todas as pessoas que mantêm alguma relação com o Pólo de Lazer ou que participam de movimentos sociais do Conjunto Ceará, sonham com inúmeros e futurísticos projetos como por exemplo esse de construir um bosque onde hoje o mato esconde qualquer beleza do lugar e causa medo a

quem passa por lá e está exposto a assaltos e até assassinatos. Já ocorreu nesse lugar um caso de homicídio; embora não tenha sido resultado apenas do lugar ermo que é aquele, pois o crime foi passional segundo informou-me um comerciante do Pólo, deve em parte Ter contribuído. Acerca do bosque, querem que ele tenha mais árvores plantadas, as que puderem ser aproveitadas, que sejam mantidas na nova performance urbanística que tomará conta do lugar, com calçadas entre as plantas a propiciar o prazer do passeio. Restaurando um hábito antropológico, pois que o homem em seus primórdios surgiu caminhando, esses passos humanos em algum lugar da cidade restitui-lhe esse direito. Mesmo que a cidade a cada dia fique mais suscetível de restrições, devido à quase totalidade das construções no ambiente de moradia, a insegurança, o acesso maior aos transportes coletivos, etc.

O bosque que está planejado para existir e se tornar não um divisor de águas, mas um divisor de terreno naquele ambiente da cidade, tem sua importância por causa da centralidade que tem o Pólo e talvez por conter essa busca frenética do morador urbano por uma proximidade com a natureza ou no mínimo com algo que a represente.

O Pólo de Lazer do Conjunto Ceará é assim, um emaranhado de coisas juntas, com suas simbologias específicas, seu "cotidiano" que no dizer de De Certeau:

“é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este ' mundo memória', segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio dessa história 'irracional', ou desta 'não-história', como o diz ainda A. Dupront. O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível...” (DE CERTEAU, 2000, p.31).

Por outro lado, o Pólo não seria o que é, não teria a "pulsão de vida" que tem, sem esses pequenos fatos e fenômenos que só requer que se vá até eles para vislumbrá-los, senti-los tátil e olfativamente. Seja no tocante a aspectos superficiais, ou em se tratando dos seus interstícios.

O ambiente físico e ou empírico que o Pólo encampa, suscita muitas imagens. E segundo Lucrecia Ferrara, “emblemática, a imagem é o resgate físico e visual de marcas memoráveis da cidade que, por meio dela, escreve a sua história documental de episódios, datas, estéticas e personagens. Na realidade, a imagem é a reconstrução visual da história documental de uma cidade”. (FERRARA, 2000, p.119).

O Pólo é esse pedaço de Fortaleza, encravado numa das grandes regiões periféricas, que ora a prefeitura local denominou de Regional V. Dotado de vida própria, possui uma economia que tem por base o trabalho informal de homens e mulheres que ali se fixaram enquanto trabalhadores informais dando prosseguimento a suas vidas profissionais, desde a urbanização/construção do Pólo em 1990/1991. Nesse lugar, as práticas e ações humanas, configuram um modo cultural de viver. Talvez um tanto quanto “híbrido”, nem só urbano, nem só rural.

“A cultura, esse documento de atuação, é portanto pública, como uma piscadela burlesca ou uma incursão fracassada aos carneiros. (...) Uma vez que o comportamento humano é visto como ação simbólica”. (GEERTZ, 1989, p.20). A forma como estão dispostos esses trabalhadores, como de alguma maneira publicizam parte de suas vidas, reflete essa dimensão cultural que em cada um de nós está introjetada.

Nesse exercício metodológico de estudar aquilo do qual estamos incumbidos, nos faz crer que “olhar as dimensões simbólicas da ação social – arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum – não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas; é mergulhar no meio delas”. GEERTZ, 1989, p.40).

O trabalho informal que atinge um percentual elevadíssimo em bairros como o Conjunto Ceará, tem nas práticas do Pólo de Lazer enquanto espaço público e bastante freqüentado por centenas e milhares de pessoas, a sua maior expressividade. Vendedores de balas, bombons e outros doces, além de cigarros e bebidas, mudando para milho verde, batatas fritas, churrasquinhos, etc, lá estão instalados a dez, doze anos, segundo me informaram com certo ar de autoridade. Todos já trabalharam como empregado e hoje, afirmam não trocar a atividade de autônomo que abraçaram, por nada nesta vida. “A modernidade revela-se como sua fatalidade”. (BENJAMIN, 1975, p.27). E esses seres heróicos, que vivem a urbe encontram eco nas palavras do autor acima: “Os poetas encontram na rua o lixo da sociedade e a partir dele fazem sua crítica heróica”. (idem).

É através da pluralidade de funções, de representações, de performances, de sons, de pessoas que ali trabalham, e outras que ali se divertem ou buscam outro fim diverso, que eu quis falar do estilo polissêmico e semiótico que o Pólo encerra no universo da metrópole que é Fortaleza. Tomo o Pólo para análise como se ele fosse uma página importante de um

grande livro que é a cidade. E ainda metaforizando a cidade com um imenso coro de enunciações, o Pólo então seria como a palavra... Ele diz muito sobre o viver a cidade.

4 OS PERSONAGENS DO PÓLO DE LAZER

O Pólo de Lazer Luiz Gonzaga dispõe de um leque variado de personagens, dentre eles podemos classificar os que são fixos, estão lá o dia todo ou parte do dia e a noite inteira em alguns casos, e aqueles que são esporádicos, passam pelo lugar em virtude de alguma circunstância. Ambas as categorias têm importância para o lugar, como o contrário também é recíproco, o ambiente é por sua vez provido de significado e sentido para aqueles que o freqüentam. Exemplo de personagens fixas é a Célia, Zé Branco, Seu Miron, Seu Armando, Mateus, Seu Chico, Sílvia, Pedro, Mestre Beto, padre Ivan, D. Vilani, Seu Alemão, Plínio, Lindalva, Valdeci, Eliane, Marcelo Wagner, Cláudio Rocha, Jonhson, Luciano, pessoal do conselho, etc. A seguir tentarei descrever cada um. Quanto às personagens não fixas há aquelas que conheci de modo furtivo em encontros rápidos pelo Pólo, quando dos instantes da pesquisa.

A Célia - o Pólo de Lazer não seria o mesmo sem essa mulher, como é impensável a vida dela sem o cotidiano do Pólo. Há uma dialética entre os dois, que os faz complementares. Há doze anos trabalhando ali, a estatística nem dá conta de quantos cigarros já vendeu, quantos copos de bebida já preparou e isto num modo de atendimento que é sempre individual. A soma dos que chegam lá para contar-lhes a vida é infundável, homens e mulheres narram seus dramas, desamores, pedem opinião e coisas desse tipo. Em uma dessas histórias um homem conversa com a Célia num tom quase de "cantada amorosa" o drama por ele vivido com a esposa que após fazer uma cirurgia de retirada do útero, nunca mais tinha sido a mesma pessoa; ainda mais porque sofre de problemas no joelho entre outros. Após contar o seu dilema, pergunta para a Célia se ela quer começar um relacionamento mais sério. Ela pede para dar uma resposta depois e em geral após uma negação dessas, o sujeito não mais aparece. Célia num ar quase esnobe, afirma que não gosta de se envolver com homens casados e principalmente quando ainda convivem com as respectivas esposas. Diz que já teve muitos amores, mas nunca com homens casados.

Célia é assim mesmo, afeita a contar vantagens e expandir ao máximo seu ego entusiasmado, alegre e otimista. É uma narradora de marca maior, sempre criando mitos e o mais interessante é que por meio deles seus problemas são sempre resolvidos e as

alternativas boas surgem com muita facilidade. Para isto ela conta com várias ajudas sobrenaturais como a de Deus e da pomba gira em particular. Diz saber de muitas orações fortes que é o que a protege dos males. Quando me concedeu uma entrevista, Célia falou muito mais de sua história e ficou pendente uma narrativa sua sobre como se tornou seguidora de uma entidade da umbanda. Até hoje ainda não foi possível, pois todas as vezes que em sua banca apareço, sempre há um impedimento, então, não é possível colher sua narração construída com a pomba gira no meio.

A Célia conta que desde pequena, ainda criança de doze anos de idade, foi trabalhar nas casas de família, isto em Canindé, um município vizinho ao que nascera, que é Caridade. Isto ela conta acrescentando as maiores vantagens que tal fato teve para sua "boa educação". Porque suas irmãs não procederam dessa forma e hoje a Célia as rotula de "mal educadas", desarrumadas, "bregas", sem modos, que não sabem falar, e coisas desse tipo. Agora, se há uma qualidade da qual a Célia pode se vangloriar é a de nunca deixar que alguém a rebaixe, a humilhe. Ela diz que em todos os lugares em que trabalhou, sua vontade sempre prevaleceu, sempre fez o que quis e como bem entendia. É de fato uma pessoa de personalidade ativa, independente. Quando veio para Fortaleza, trabalhar em casa de um médico, onde ficou até sair e colocar a banca de bombons, afirma que a mulher do médico dizia uma coisa e ela só fazia do seu jeito, nunca obedeceu. A mulher de certo modo a aturou até estar com os filhos criados. Então, aproveitou o ensejo e no instante que veio o famoso "plano Collor", a despediu para sempre. Daí por diante, a Célia trabalha por conta própria e avalia que é a melhor coisa que lhe aconteceu na vida.

A Célia é uma mulher de baixa estatura, gorda, de meia idade (uns 46 anos em média), solteira, mãe de duas filhas, avó de dois meninos de sua primogênita, sendo que a Segunda filha ainda é adolescente. Por volta de dez horas, todo dia, a Célia chega em sua barraca. Trazendo uma ou mais sacolas, onde estão seus pertences, com os quais vai interagir ou trabalhar durante o dia e grande parte da noite. Há mais de dois anos vem trazendo diariamente uma jovem de nome Fernanda, que ela a denomina de "negrinha". Após colocar as coisas sobre o pequeno balcão, a Célia fica por alguns instantes conversando com qualquer pessoa que no momento esteja por perto. Fica ao redor de sua banca num quase ritual diário, como se estivesse benzendo ou exorcizando os males, para só então começar o dia, mais um, em sua vida diária.

Começa ajeitando as poucas coisas da banca, pois muito não há o que fazer. Espalha os potes contendo os bombons diversificados, os copos numa bandeja, os litros e garrafas de bebidas e outras vasilhas menores com essências que dão cor e sabor a cachaça. Antes fez-se necessário limpar a poeira trazida pelo vento, uma vez que seu local de trabalho é quase todo ele a céu aberto. Depois de tudo em ordem, ela ainda ajeita aqui e ali alguma parte da cobertura que é feita de plástico grosso e amarelo, que vez por outra se desprende dos ferros que a sustentam. E começa a cuidar de si, coisa que mais gosta de fazer. Dá um jeito no cabelo, passa alguma coisa no rosto, a seguir o batom, quando necessário tira alguns pêlos da sobrancelha ou faz as unhas dos pés ou das mãos, e assim vão-se os dias de trabalho da Célia, que sem a menor cerimônia faz tudo que é necessário ali mesmo em sua banca.

Na banca da Célia há uma espécie de solidariedade reinante em que quem por lá passa e conversa um pouco, termina voltando outras vezes e ficando freguês. Sem discriminação, vez ou outra lá estão os meninos de rua, quando não os mototaxistas, às vezes os clientes, às vezes suas amigas e ainda outras, a pesquisadora do Pólo (eu mesma). Esse movimento ou fenômeno também pode ser visto nos outros pontos do Pólo, mas sem dúvida que na banca da Célia a frequência é maior. É provável que nisso há método e a Célia o possui com sua hospitalidade, conversa fácil, sorriso e de vez em quando uma gargalhada, como que para espantar os agouros, tudo ali se torna convidativo e prazeroso, sem contar o ambiente da praça que por ser público, estar disponível sempre, já se faz, portanto bastante aglutinador.

Pessoalmente apelidei esse território da Célia, onde está sua banca, de angar, pois de lá podia observar todo o restante da praça, saber do dia-a-dia e das pessoas, apreciar o tempo, como a tarde caindo lá para os lados do oeste, ver o vai-e-vem das criaturas em ação.

Às vezes, ficava surpresa quando no final da tarde, os funcionários de uma empresa de metalurgia desembarcavam do lado do Pólo e também da banca da Célia, em bando e correndo iam à agência da CEF receber o ordenado da quinzena. O horário variava entre 18 e 18:30 horas. Uma empregada dessa empresa ao passar cumprimentava a Célia, que apostava que tão logo essa cliente pegasse o dinheiro, voltava à sua banca e mandava pôr aqueles habituais três dedos de cachaça num copo americano e de um sopro sorvia-o por

completo. Certa vez parou um pouco e conversou sobre sua vida, seu trabalho, seus relacionamentos. Outro dia um funcionário, ao ver a colega fazer aquela parada ali, fez o mesmo. Ele estava recebendo a primeira quinzena naquela empresa, e o hábito era o de todos os demais, de parar em algum lugar do Pólo, beber um pouco sem dúvida, jogar conversa fora, falar das relações de trabalho, e após feita essa "psicanálise" vão-se para seus ninhos domésticos. Felizes? Quem ousaria apostar que não!

Do angar de observação, fenômenos como esse acima descrito e muitos outros eu pude olhar e acerca dos quais elaborar uma série de perguntas não só a respeito do Pólo, como do cotidiano das pessoas simples, sem "qualidades", ordinárias que constróem lugares assim e que toda a junção desses mesmos lugares, compõe a cidade. É a emenda interminável de uma grandiosa colcha de retalhos. Fenômenos como os dos praticantes de Karatê, de meninos de rua jogando numa quadra bem próxima ou de meninas que numa tarde dessas se encontravam na mesma quadra jogando futebol. A Célia logo chamou nossa atenção dizendo que as tais moças eram todas "sapatões". E quando findou o jogo, elas passaram em frente à banca e mais uma vez a Célia destacou o tipo de vestiário e o modo como andavam, dizia "não tem o que tirar do jeito de homem". O Pólo é dessa forma um excelente laboratório das chamadas "distinções" que tão bem trabalhou o sociólogo Pierre Bourdieu. Dias depois observei passando um desfile de jovens e crianças que marchavam e cantavam. Por certo que seria em comemoração a algum aniversário da própria escola, pois não havia nenhuma data cívica em questão. Estavam todos de branco e organizados em blocos de mesma estatura. Em muito se assemelhavam a cadetes da Escola de Marinheiros. E então eu me interrogava pelo sentido de uma ação como aquela para a preciosa noção do que é ser cidadão. Teria afinal algum sentido? Ou será que as exibições em si se bastam, são uma espécie de fato total. Quanta coisa não há para se estudar, nos atos sociais, até mesmo nos mais insignificantes.

A banca da Célia reproduz um pouco o universo que é o Pólo, pois lá tanto há aquelas pessoas que são cativas como é o caso do Carlão, da Graça, dos mototaxistas, da Fernanda, como de pessoas eventuais que todo dia aparecem por lá como os meninos de rua, seu Duquinha, um senhor de mais de oitenta anos e que mora na frente da praça do Pólo. Ele é um dos poucos que resistem em habitar no quarteirão da avenida Central que

fica no Pólo. Um outro fator que contribui para a popularidade da Célia é sua banca estar situada atrás de um dos quatro pontos de ônibus existentes no Pólo.

Ainda sobre a Célia é importante dizer que seu discurso é muito cheio de detalhes, sua auto-estima é muito positiva. Para constatar isso basta conferir sua entrevista que estará na íntegra nos anexos desses escritos e atentar para a forma como a Célia vai falando de si, de suas preferências por marcas de roupas, de perfumes, aquilo que diz comer, etc. Essa mulher quase tem um discurso que em muito lembra um político que por pouco não emprestou seu nome para substituir o do Conjunto Ceará, e que igual a ele gosta de coisas "sofisticadas", "arrojadas", pois então, a Célia é desse mesmo jeito, também em mero discurso.

Zé Branco - em nada esse personagem se assemelha à Célia, a não ser pelo simples fato de ele também trabalhar no Pólo. Homem simples, rústico, de sensibilidade aguçada, capaz de chorar quando escuta uma música que lhe toca o âmago, como por exemplo, as de igrejas evangélicas, ou aquelas cuja classificação é ser brega. Quando me reporto à figura de Zé Branco, é mesmo que ouvi-lo falar. "Eu dou o maior valor às músicas de crentes; quando estou com problemas ou triste, escuto elas, aí não me agüento... choro, choro até passar". De estatura baixa, cor branca, cabelos claros e encaracolados, de olhos azuis, seu rosto é de admiração com tudo que se passa ao seu redor. Com um sorriso fácil, é assim que Zé é tão conhecido por todos do Pólo de lazer. Desse jeito é que atende aos seus clientes e em sendo mulher, faz sempre um elogio acompanhar as batatas fritas que vende. Com seis ou sete anos de trabalho no Pólo, após Ter trabalhado por doze anos na churrascaria do mestre Beto, outros tantos anos numa lanchonete que alugou na praça do Pólo, mas que em pouco tempo faliu. Falência essa em parte devida às muitas farras, bebedeiras que empreendia, segundo afirmou. Vindo de Apuiarés, um município próximo de Morrinhos, quando bem jovem chegou a Fortaleza. Para pessoas de pouco conhecimento letrado como ele a vida é sempre bem mais difícil. O que a cidade grande muitas vezes tem a oferecer, é o espaço de certo modo livre de ruas e praças como é o Pólo de Lazer. Ali se instalou e vai levando em frente uma vida que somente os mais destemidos são capazes de empreender.

É performático o modo como Zé Branco toda tarde a partir das 16 horas retoma o seu habitual trabalho. Empurrando um carrinho que tem duas rodas e um vagão atrás onde ele coloca muita batata inglesa, a panela apropriada para assá-las e outras ferramentas mais

de trabalho, todos que estão no Pólo no momento em que ele vem chegando, podem escutar sua voz em gritos, espécie de marketing pessoal, com frases desse tipo, "fedorento!", "olha o doido aí!", etc. Sua banca se intitula "príncipe da batata" e tem ainda como subtítulo o enunciado "a princesinha Aline". Esta última inscrição se deve à filha que possui esse nome. Quanto ao primeiro, é para dar continuidade à hierarquia das barracas vizinhas que se denominam "rei da batata" e "imperador". Zé Branco nunca quis que eu gravasse sua voz nas entrevistas ou conversas que eu tinha com ele. Também afirmou que não gostava de ser fotografado, e numa das vezes que me permitiu que tirasse a sua foto, essa de fato não apareceu na revelação do filme, por algum motivo técnico.

Para Zé Branco uma grande alegria que possui em sua vida é a semelhança que diz ter com um cantor de música "romântica", cujo nome é Amado Batista. Afirma que são as mulheres que acham isso. Teve uma com quem namorou que guardou sua foto até que o marido obrigasse-a a rasgar, tudo por se parecer com Amado Batista. Hoje separado da mulher com quem casou-se e com quem teve um casal de filhos, Aline e um garoto cujo nome não recordo, Zé confessou que qualquer hora que a esposa quiser retornar, ele a aceita de braços abertos; pois ainda a ama e sempre a amou. Reconhece que já foi muito errado e que já aprontou demais no casamento. Acha até justo sua companheira tê-lo deixado. Quanto ao seu trabalho no Pólo de Lazer, acha ideal, porque ali tem tudo que ele precisa para suprir suas necessidades. O vestuário, o calçado e até mesmo quando tem que comprar um presente, isso ele encontra nas instalações do Pólo. O lugar é quase auto-suficiente para a subsistência do Zé.

Bem, o que ainda posso escrever sobre o Zé Branco, é que me lembro de todas as vezes que era festa no Pólo, e então, lá estava ele todo animado conversando com todos que passavam ali e em geral consumiam sua batata frita. E invariavelmente estava em sua banca o casal de filho e a ex-mulher que se chama Lúcia, se não estou equivocada. Nesse ambiente de festa e de família, o Zé não parecia o príncipe da batata, mas sim o rei. Tamanha era a dimensão do seu reino simbólico. Suas crianças, até onde eu podia ver naquelas noites, não paravam de comer. Comiam de tudo que existia no Pólo e ainda repetiam. Depois o Zé se queixava do quanto havia gastado com o estorvo das crianças que sempre se excediam quando vinham à festa.

Em dezembro de 2001, tanto o Zé Branco como os demais barraqueiros do Pólo, que atuam nas bancas, portanto, pequenas estruturas e essas são cobertas de plástico, tiveram a visita sorrateira dos fiscais da prefeitura, o RAPA. Esses homens levaram todos os pertences e também a cobertura improvisada dessas respectivas bancas. Para Ter esses recursos de volta, necessário se fazia, ir até a regional V, que se situa próximo ao Terminal do Siqueira, pagar uma multa ou taxa estabelecida e ainda o transporte. Muitos donos dessas bancas, dentre eles o Zé, não compareceram lá porque dinheiro não tinham para o transporte, muito menos para uma taxa compulsória. O jeito foi improvisar tudo de novo. Ir aos poucos montando a banca, até tê-la mais confortável, com cobertura que os proteja da chuva ou do sol. Lembro que estranhei quando cheguei ao Pólo, e vi várias bancas sem a cobertura, elas pareciam esqueletos nus. A Célia, sempre se vangloriando da autocompetência, declarava aos quatro ventos que somente sua banca ficara intacta. De lá não levaram nada, nem a cobertura. Talvez uma hipótese aceitável para tal fato tenha sido a Célia ser a única pessoa que chega logo cedo, 10 horas da manhã, todo dia. Enquanto os demais barraqueiros só retomam ao trabalho, após as 16 horas. Mas, em sua versão ela só se safou porque é a única ali que sabe conversar, que domina o famoso "jeitinho brasileiro". Seria isso mesmo?

Por mais de uma vez, Zé referiu que era muita amiga de outra dona de banca, a Sílvia. Ele dizia que se "há uma maga velha bem legal, ela é a Sílvia". Pois quando algumas vezes ele se embriagou após terminar as noitadas de festa, com o "apurado" (dinheiro) de toda a noite no bolso, é ela que toma conta de suas coisas, guarda-as, organiza-as, e assim no dia seguinte, tudo para ele continua em ordem. O interessante é que nesses dois anos ou mais que vou ao Pólo, nunca vi o Zé Branco nem bêbado, nem bebendo. Já a Sílvia, eu a vi várias vezes, quando em momento de festa, ela dormindo sobre sua banca, debaixo do sol da tarde. Felizmente que logo mais à noite ela estava novamente de pé e de modo que retomava suas atividades. Certa vez a vi dormindo, e sua calça comprida estava muito molhada de xixi, mas em todas as vezes, o filho mais novo dessa mulher estava por perto, à sua espreita.

Seu Miron - esse personagem da praça é tão discreto que só depois de muito tempo é que vim perceber que ele estava ali. Sempre calado e ajeitando as mercadorias de sua banca, quase sem falar com ninguém, mas prestando atenção em tudo, lá está ele, que chega

ao Pólo após as 16 horas e só sai depois das 22 horas, e mesmo assim se não for noite de festa. Porque quando é festa, todos que trabalham ali viram a noite. Em muitos momentos quando observo atentamente o seu Miron, fico imaginando quão caprichoso ele é. Porém, para as normas do mercado de trabalho competitivo e acelerado, seu Miron é descartado. É lento e meticuloso no ato de arrumar sua banca. Dá gosto vê-lo com tanto esmero a arrumar cada caixa de cigarro, cada uma de chiclete, os pirulitos, os bombons, tudo, tudo em seu devido lugar, muito colorido e, sobretudo sua banca é a única que retém um cheiro inconfundível. Tanto pode ser o aroma dessas guloseimas, como até o das diversas marcas de cigarro que são como que untados e tem cheiro bom antes de serem queimados.

Cedo começa a arrumar a banca e só termina horas depois, pois pressa não é um componente da realidade do seu Miron. Sendo um homem de pouco mais de cinqüenta e cinco anos e estando no Pólo há cerca de uns oito anos, organizou sua banca num modelo de móvel que até parece uma mala, só que de estatura bem maior. Esse móvel é de madeira, tem uma tampa que é onde o seu Miron expõe os produtos. Embaixo fica um cômodo de armário que é onde ele guarda tudo para depois fechar e ir guardar nas barracas maiores, de alvenaria, onde a segurança é bem maior.

O estilo do seu Miron é parecido com o do Zé Branco, em não gostar de gravar entrevista, falar coisas que não devem, ambos são desconfiados com relação ao que não conhecem direito. Pode ser algo ligado à prefeitura, ao comércio ambulante, modalidade a que pertencem, etc. Mas, em geral são muito diferentes, pois enquanto o Zé gosta de soltar a voz, gritar, em meio a grande praça, o seu Miron é daqueles que o som da voz sai macio e lentamente de sua boca. É uma pessoa de jeito muito quieto, sua alegria é em forma de riso. Para arrancar-lhe uma informação é preciso muita paciência. Aos poucos ele vai narrando a sua trajetória de vida, diz que nasceu em Fortaleza, na rua da "cachorra magra", que hoje se chama de Marechal Deodoro e fica no bairro Benfica e continua até o Centro da cidade, próximo da antiga assistência. Depois de uns cinco anos de idade, ele foi residir no município de Maranguape, mas logo retornou à Fortaleza onde se estabeleceu no grande bairro do Pirambu. Ele lembra com carinho do nome da rua desse bairro onde viveu por longos anos de sua vida. Tem lembranças muito boas dos passeios de bonde que às vezes realizava em virtude de seu pai ser "motorneiro", que era a pessoa que dirigia, por assim dizer, o bonde que tinha o seguinte itinerário, saía do Centro, de local próximo ao abrigo

segundo vai contando, e ia até o bairro de Jacarecanga. Seu Miron fala de quando começou sua vida de trabalhador, onde iniciou fazendo carrinhos de madeira e outras peças e vendendo na feira que à época ficava na praça da estação. Como se vê sua vida está sempre ligada a alguma praça da cidade. E outro detalhe, é a importância que esses logradouros públicos exercem na vida dos indivíduos, bem como na vida da própria cidade, de sua economia e na conformação de regiões, etc.

Com uns tempos, seu Miron foi trabalhar numa loja de conserto de máquina de datilografar, situada na praça da igreja do Carmo. Daí em diante, empreendeu viagens pelos estados do Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe e Pernambuco. Quando retornou a Fortaleza anos mais tarde, passou a trabalhar na Escola de Marinheiros, através de uma empresa terceirizadora. Saiu de lá porque pediu demissão em vista de tratamento desigual por parte da referida empresa. Para alguns empregados ela foi eficiente e ágil, mandando a documentação para Brasília e em seguida incorporando-os ao quadro efetivo da escola de marinheiros, segundo informa seu Miron, mas para ele a coisa foi diferente, ainda enviaram seus papéis, porém tudo foi negado. Foi então que se demitiu.

Terminou indo morar na Jurema, um bairro imenso e populoso do município de Caucaia. Nesse limite com Fortaleza, veio residir próximo de seu pai que então já aposentado, morava no Conjunto Ceará. Foi dessa forma que descobriu e veio a trabalhar na praça do Pólo de Lazer. Hoje está morando no bairro de Santa Cecília, vive com sua Quinta mulher e a filha da penúltima. Afirma que ambas são muitíssimo amigas, a menina de onze anos e a sua companheira com quem nunca teve filhos. Da primeira esposa, seu Miron foi pai de três filhos, sendo que das outras companheiras os relacionamentos foram breves.

Em matéria de trabalho, ele afirma que faz de tudo um pouco, como trabalhar como torneiro mecânico, serviço de carpintaria e às vezes até pequenos serviços de pedreiro. O seu serviço no Pólo só acontece após as 16 horas, então diante da minha indagação do que mais ele fazia durante as outras horas do dia, seu Miron em sua calma habitual respondeu que faz algum serviço como qualquer empreita que apareça, essas coisas. Às vezes fico imaginando que pessoas como esse senhor prescindem da dependência que a maioria das outras pessoas têm do dinheiro, devido viver numa sociedade do consumo, onde a lei que impera é a do sistema de capital. Pelo que vai me contando, mora numa casa simples,

porém é própria, e o que vai conseguindo ganhar é suficiente para comprar a comida, o vestuário, o remédio, etc., pois benefício da previdência ainda não recebe e nem mesmo segurado é a essa altura da vida.

Pela simplicidade que inspira, seu Miron faz lembrar um personagem das narrativas de Franz Kafka. Do mesmo modo que De Certeau o classificaria de homem ordinário, mas, no entanto sem perder a qualidade de elemento de suma importância no funcionamento de todo esse sistema social.

Seu Armando - esse senhor é outro personagem que habita o ambiente do Pólo. Também só chega lá no final da tarde em diante, quando o movimento característico do lugar começa a agitar e tornar tudo mais alegre. Ele está sempre sentado num pequeno banco que fica ao lado da panela de água fervente em que o milho verde é cozido. É o único vendedor desse produto na imensidão do Pólo. Um homem de estatura baixa, pele bem escura, o tempo todo fumando um cigarro que pelo visto nunca se acaba, isso parece que quem consome o cigarro preso em sua boca é o vento e não o próprio homem. Já é uma pessoa de meia idade (50 anos) ou mais, cujo corpo obedece a uma expressão corporal de profunda envergadura, encolhimento, quem sabe como querendo sinalizar para um completo obscurantismo.

Seu ponto de venda fica do lado da banca da Célia, sendo que ele é quem está mais a esquina de uma rua interna do Pólo, que não tem nome, pois começa ali mesmo e vai terminar no posto de saúde Maciel de Brito, antes passando pela igreja evangélica Ebenezer e também pelo escritório da Telemar.

Não interagindo com quase ninguém, seu Armando às vezes conversa com a Célia, mas sua preferência é pela amizade da Fernanda, a jovem que acompanha a Célia todos os dias. A tal moça, como de costume anda o Pólo todo perturbando a um e a outro, seja por cigarro, comida, ou outro intento, a toda hora vai até o Armando, e dele extorque o que quiser e ainda o faz ficar sorridente sempre. Ela o alegra, talvez pela juventude de que dispõe, talvez pelo pouco juízo ou outra razão histriônica que eu desconheça. O fato é que ela sempre consegue o que vai buscar na banca do Armando. Nem adianta ele negar, dizer que não tem tal coisa, porque a Fernanda logo briga, esperneia e bate o pé até Ter em mãos por exemplo uma moeda com a qual possa comprar o que bem entender.

Todas as vezes que passei em frente a banca de milho cozido, eu dizia para seu Armando que qualquer dia iria entrevistá-lo, saber de sua história ali no Pólo, e o que mais ele fazia com os seus dias. Mas até hoje não foi possível obter essas informações. Ele alheio a tudo isso somente responde aos cumprimentos de quem por ali passa e já o acha tão familiar a ponto de prestar-lhe deferência. É assim mesmo, essas pessoas todas vão se tornando tão conhecidas e coladas ao corpo do lugar, que mais se assemelham a arte da bricolagem, onde pedaços vão sendo anexadas ao todo e que mesmo anteriormente sendo-lhe totalmente estranhos, agora passa a compor o novo cenário, um campo.

Seu Mateus - referido senhor é por assim dizer um marqueteiro por vocação, em virtude disso está a toda hora falando e propagandeando a qualidade da batata frita que vende. Para começo de história apelidou seu ponto de "o rei da batata". Trabalha e ao mesmo tempo faz música, cria letra de pequenas cantorias e às vezes até faz rimas ou versos, sempre evocando seus produtos, sua banca ou a qualidade do atendimento que presta aos clientes e em especial às clientes, para quem se derrete todo, mesmo na presença de sua mulher Claudete, que para tal atitude, pouco caso faz. Mateus ainda é um senhor bem jovem, cujos três filhos já estão criados. Já são adultos, trabalham, e o casal agora tem todo tempo para trabalhar à tarde e a noite no ambiente do Pólo. Mateus só fala bem alto, pois faz uso de um aparelho detrás da orelha que lhe permite ouvir melhor. O tempo todo é aquela simpatia, conversando com todos que passam ali. Oferece suas batatas a todo mundo.

Quando é a tardinha, ele chega ao Pólo com sua inconfundível Kombi, que até parece que vem lotada de batatas inglesas. Em geral traz um rapaz velho, solteiro, que Mateus segredou-me ser de modos afeminados, gostar de fazer serviço de mulher. Na kombi vem também as mesas e cadeiras que Mateus utiliza para os clientes consumirem sentados, os pratos de batatas fritas. O rapaz senta-se numa delas e lá passa as horas que forem necessárias para descascar sacas e mais sacas de batatas. Mesmo não me recordando de seu nome, não esqueço de sua fisionomia, cujo rosto é redondo e largo, ele é gordo, e as muitas vezes que busquei conversar, apenas me respondia o essencial, é naturalmente muito calado, porém está sempre rindo das interpretações do que vê ou ouve no momento em que está vivendo o Pólo. O vejo tão compenetrado prestando aquele serviço na banca do rei da

batata, que nunca lhe perguntei quanto ganha, nem como é remunerado. O que parece, é que o moço é vizinho e amigo da família do Mateus e Claudete.

Claudete que é esposa do rei da batata é muito eloqüente, diz adorar trabalhar no Pólo, pois no dia que não dá certo para vir, sente muita falta. Tem no trabalho ali, uma espécie de terapia ocupacional, diz se divertir, se distrair dos problemas do dia-a-dia. Ela contou-me que já passou por diversos problemas de saúde, como os de depressão, crises nervosas e outros. Seu marido gastou o que não podia e nenhum médico acertava na cura do problema. Um belo dia, quase que por acaso, um pessoal a convidou a freqüentar as reuniões da seita japonesa "sheiko-no-ei", que todos os adeptos chamam de filosofia de vida. Foi como a chave para a fechadura certa, curou-se, e a partir de então nem gastou mais dinheiro, e se antes era impossibilitada de trabalhar, agora estava apta a qualquer hora. O marido, o mais recompensado por isso por não gastar mais dinheiro, compartilha com ela da alegria da superação da doença mental. O que vejo como muito interessante, é sua desenvoltura em me contar que seus problemas mentais começaram quando o pai dela, sem motivos aparentes, cometeu o suicídio. Enfim, Claudete hoje, é só alegria.

Em sua fala, Mateus, o rei da batata, deixa ver que gosta de levar vantagem em tudo, pratica a famosa "lei de Gerson". Três casos que me contou, são bem ilustrativos para isso. O primeiro diz respeito ao tempo em que sua mulher estava doente, e ele a consultava no HGF. Conta que as filas de pessoas eram intermináveis. Como podia, sempre dava algum dinheiro para o guarda e isso era sua salvação. Num instante, lá estavam eles (Mateus e Claudete) falando e consultando o médico, bem ligeirinho. Não perdiam tempo. Outro era quando veio da Paraíba e foi trabalhar numa empresa de ônibus, a Santa Maria, de propriedade de um tio seu. Trabalhava como cobrador e então muitos amigos vinham-lhe para também conseguir emprego. Teve a idéia de agenciar e começou a negociar o primeiro salário que a tal pessoa lá iria receber. Esse seria para ele. Mas o negócio não deu certo porque além de "dever" esse salário, ainda lhe tomaram dinheiro emprestado e não pagaram e ainda por cima ameaçaram-lhe contar tudo para o tio, logo seria demissão certa, pois o negócio era agiotagem pura. O terceiro episódio aconteceu quando certo dia cheguei em sua banca e enquanto conversávamos, Mateus perguntou-me se eu havia visto um garoto de uns onze ou doze anos, mas que na realidade parecia ter apenas uns oito, que acabara de sair dali. Contou que era seu filho bastardo com uma mulher que era casada com um velho. Este

registrou a criança como sendo sua e ao morrer, deixou uma pensão de R\$ 400,00 (mais de dois salários mínimos à época, que era de 180 cada). Com alegria ele me interrogou, "não é muita sorte? O garoto não é mesmo a minha cara?" Disse ainda que sempre o agrada quando vem ali, dando batatinhas, ou algum trocado. Percebi nessas atitudes de um homem ordinário como o seu Mateus, as "artes de fazer com" a vida, que fabricam o cotidiano de pessoas assim tão simples.

Na banca do rei da batata vi muitas vezes um jovem que vivia por lá junto com os meninos de rua, trazendo as sacas de batatas de 40 ou 50 quilos da Kombi até a banca. Seu nome, ou melhor, o apelido era Dedé, era viciado em cheirar cola de sapateiro e pelo espaço do Pólo, vivia a perambular, fraco, muito pálido, linguagem difícil de ser compreendida. Dizia que viera do interior de Quixadá, de trem, onde sua mãe ainda mora. Possui duas irmãs que residem em Fortaleza, mas que não gostam dele. Daí viver a vagar pelas ruas e praças dessa cidade. Sentia como se fosse eu quando via o Dedé naquele esforço que estava além de suas forças físicas, transportando os volumes pesados do carro para a barraca, mal alimentado, entorpecido pela substância que cheirava, para só assim ganhar algo em troca como um prato de batata frita, ou talvez um trocado, coisa que nunca vi acontecer. De posse de algum trocado, logo iria trocar num ponto certo que desconheço, por mais cola para cheirar. Alimento é só quando pede e alguma criatura realiza o seu pedido. Dedé era visto muitas vezes na barraca da Célia e lá era um dos poucos lugares das barracas onde poderia permanecer indefinidamente. A Célia não expulsa ninguém de seu reduto comercial. Enquanto os outros barraqueiros, se um desses meninos de rua não estiverem realizando um serviço para eles, mandam--lhes embora sob o pretexto de que espanta os clientes. Que todo mundo tem medo desses não-cidadãos. Pois é sabido que ao menor descuido alguma coisa poderá sumir, tal é a sua arte de furtar.

Olhando bem a forma como o seu Mateus trabalha com a mulher, na banca de batatas, o que percebo, embora isso talvez nem seja intencional, é que na hora que vai despejar o caldeirão onde as batatas já estão fritas e o óleo fervendo, ele não demonstra o mínimo de cuidado para não derramar sobre a mulher aquele óleo queimante. Até parece que vai acontecendo tal incidente, quando então ela abruptamente desvia o corpo, ou o braço ou outras partes. Zelo nenhum há dele para com ela nesses momentos perigosos de

coar as batatas. Quem sabe ambos já estejam tão habituados àquela prática que não suspeitam de perigo algum.

Seu Chico - ele é dono de uma das barracas de alvenaria, é um dos mais velhos desses personagens que ora escrevo sobre eles. É muito calado, às vezes demonstra que não quer conversa ou "papo" com ninguém, e todos os seus vizinhos de bancas e barracas do Pólo o chamam de aborrecido, que não tem tino para negócio, que não sabe atender nem muito menos agradar o cliente. A começar pelo preço das coisas como um coco, tudo lá é bem mais caro. Seu Chico é fornecedor de bebidas para a Sílvia e às vezes para o Zé Branco quando é festa no Pólo. A Sílvia vive falando que vende mais que o "velho", que ela sim sabe vender, mesmo sem contar com quase nenhuma estrutura como mais mesas com cadeiras, freezer, etc. A barraca do seu Chico conta com uma boa estrutura, mesmo sendo conjugada com outra de mesmo tipo e entre ambos os proprietários há uma espécie de rixa, não se falam. Há bastantes mesas, cadeiras, bebidas, refrigerantes, cocos verdes, e outras bebidas alcoólicas. O som está sempre ligado desde o começo da tarde quando esse comércio é aberto e em muitos finais de tarde pude escutar na voz de Luiz Gonzaga, a música Ave Maria, tocada diariamente pela rádio comunitária FM Pólo, quando é 18 horas. A letra começa assim: quando batem às seis horas; de joelhos sobre o chão; o sertanejo reza, a sua oração... Era um momento muito especial para mim, esse da pesquisa, onde juntava ali vários componentes, como o fim de tarde, a letra da música falando de um tipo ideal, o sertanejo, e a bonita voz do sanfoneiro Luiz Gonzaga., que por sinal dá nome ao Pólo Percebia que todos que estavam mais próximos da barraca do seu Chico, paravam, ficavam anestesiados com aquele canto, que mais parecia uma oração verdadeira. Os lugares são feitos por momentos que por significar vão gerando um imaginário, lembranças e imagens que vão produzir uma memória. Disso trata muito bem Lucrécia Ferrara nas obras, O Olhar Periférico e Os Significados Urbanos.

As vezes que tentei entrevistar o seu Chico, ele começava contar alguma coisa relacionada a sua vida, como a compra da casa no Conjunto Ceará, sua vinda, mas logo interrompia e noutro dia não se mostrava nada receptivo a voltar a contar tudo de novo e mais os acréscimos que são tão pertinentes à pesquisa. Muitas vezes via a barraca fechada, e então eu perguntava para o Zé Branco que é seu vizinho, onde estava seu Chico. O Zé

dizia que ele havia bebido e por isso não vinha trabalhar. Seu Chico, ao contrário da maioria dos outros barraqueiros, nunca mostrava entusiasmo nem alegria no trabalho que exercia no Pólo. O jeitão introvertido eu nunca soube a razão. Por certo era assim mesmo.

Sílvia - uma das poucas mulheres que trabalham expostas, em meio à praça do Pólo de Lazer. Somente ela e a Célia atravessam a noite trabalhando e correndo todos os riscos que esse tipo de atividade expõe, haja vista que o público da praça em qualquer noite e especialmente as noites de festas, é formado por pessoas que em geral ultrapassam os limites da sobriedade, por "ganges" que numa mesma noite resolvem territorializar o mesmo espaço e assim por diante. A venda da bebida alcoólica muitas vezes chega a um ponto que precisa de muito jeito, artimanha, face ao comportamento que muitos clientes desenvolvem. Essas duas mulheres que demonstram muita experiência no trabalho sabem como ninguém enfrentar esses problemas práticos. É o bêbado arrogante e encenqueiro, são maridos ou mulheres que por estarem acompanhados por outras pessoas que não seus cônjuges, escolhem a praça como refúgio e nunca querem ser flagrados no tipo de interdição que estão praticando e diversas outras situações.

A Sílvia é uma jovem mulher, de estatura média, muito magra, jeito esquelético, cabelo bem curto como o corte masculino, ao andar está sempre cabisbaixa, também calada, de narrativa curta e objetiva, tem dois filhos, um já adulto e outro ainda adolescente. Está sempre vestida de blusa de malha com propagandas de bebidas ou de candidatos da política, calça "jeans".

Ainda sobre a Sílvia, ela não se cansa de contar a estória do filho que a qualquer custo quer fazer a faculdade de enfermagem, é seu grande sonho. Ela conta horrorizada as muitas vezes que o rapaz já prestou o vestibular na UECE e até na UVA, em outro município. Só resta ir para outro Estado e lá tentar a tão sonhada aprovação. Este parece ser o sonho não só do rapaz como da mãe dele. "A incerteza profunda a respeito do presente e do futuro que está inscrita numa experiência assim se encontra redobrada e reforçada pelos acasos e pelas decepções de uma escolaridade sem dúvida desorganizada pela irrupção desconcertante da lógica do conjunto habitacional". (BOURDIEU, 2001, p.489). Quanto ao filho adolescente, este ainda faz o ensino médio, pois é assim que é chamado o que antes era denominado de segundo grau. O filho mais novo é quem realmente eu vi sempre

fazendo companhia e ajudando a Sílvia montar a banca e arrumar os objetos que a compõe, como os doces variados, cigarros, refrigerantes e bebidas alcoólicas.

A Sílvia, em geral é uma pessoa extremamente calada, pensativa, parecendo triste. Bem diferente da tagarelice da Célia, que parece falar por todos os poros. Sua fisionomia só se alegra, quando fala das vendas, é então que diz ser uma boa vendedora, que efetua mais vendas do que o "velho", o seu Chico, a pessoa onde ela pega as bebidas para vender. Algo que nunca investiguei, é o fato de quando seu Chico falta, onde ela compra essa mercadoria para revender. Outra coisa da qual ela se sente recompensada, é trabalhar em sua banca na praça. Afirma sua preferência a esse serviço, pois é muitas vezes melhor do que trabalhar num escritório de contabilidade. Diz ter o curso de contabilidade, sem dúvida é o de auxiliar, e se estivesse nesse tipo de emprego, certamente o que ganharia era uns míseros R\$ 400,00. Na praça ela garante que ganha muito mais.

Outra coisa que nunca perguntei, nem a Sílvia me contou foi acerca de um possível companheiro seu. Não soube se era casada ou mãe solteira, também isso não foi comentado pelo pessoal que trabalha na praça. Aqui, qualquer detalhe da vida de algum deles é amplamente sabido por todos.

Pedro - a história da praça tem uma ligação muito estreita com a dele. Desde o surgimento do lugar, lá estava não só ele como um grupo de outros homens jovens então com 20 anos. Atualmente, transcorridos uns vinte anos, são todos de meia idade, quarentões, muita história para contar, muitos sonhos não realizados, alguns sonhos talvez sim, muita frustração em muitos integrantes desse grupo em parte devido a conjuntura nacional, em outra pela permanência do capitalismo, pela queda do socialismo, enfim, uma série de outras coisas que juntas desencadeiam uma crise "existencial" em muitos deles, por exemplo, o Pedro. Como se fosse uma re-atualização de algum dos personagens, ou dos próprios livros de Sartre, assim é o Pedro, um homem eternamente em crise, consigo, com os valores mercantis de nossa sociedade, mas paradoxalmente sem se libertar de um destino incontrollável de se dar bem na vida, ter prioridades em face aos outros seus semelhantes, etc, etc. em síntese, o Pedro é uma pessoa excessivamente ambiciosa, que vive reclamando que as coisas, os empreendimentos que planeja, não dão certo, pois crê que sempre há alguém a querer lhe prejudicar. Ouvindo seus lamentos por incontáveis vezes como eu ouvi, só me fez acreditar que se tratava de uma paranóia, algum tipo de esquizofrenia.

O Pedro é uma pessoa alta, magra, de fala um pouco enrolada, pai de duas meninas que nunca as vi pelo espaço do Pólo. No tempo que existia o grupo político, espécie de pantera negra tupiniquim, ele conviveu por um tempo com a Liduina, mulher que também participava das discussões políticas, num tempo em que a professora Maria Luísa foi levada ao paço municipal para administrar a cidade de Fortaleza. Com a Liduina ele foi pai da primeira menina. Com os conflitos tão naturais das convivências, o relacionamento acabou-se. Passou um certo tempo e então o Pedro arranhou uma segunda companheira com a qual possui mais uma filha. Algumas vezes essa última moça aporta em sua barraca, então os dois podem ser vistos num longo e interminável bate "papo", que ninguém ousa interromper.

No ambiente do Pólo, o Pedro é mais conhecido pela distinção que sua barraca goza e por seus ideais excêntricos e radicais. Todos ali o conhecem, ele é o dono da Maculelê, um espaço que como bem quer a própria pessoa do Pedro, é um espaço que se diferencia por se dedicar a cultura, a arte, um pouco a política, etc. É por isso que se diz tão perseguido, tão incompreendido, por aqueles reles "pauvres" que teimam em coabitar consigo, a disputada arena do Pólo. Um certo dia do final do ano passado, por acaso estava eu passando pela praça do Pólo, quando vi tudo revirado em frente a barraca Maculelê. Como já era quase 17 horas, o Pedro vinha chegando para verificar mais coisas em sua barraca, pois naquele dia resolvera que não abriria. Ele foi logo me mostrando e de certa forma questionando: "viu o que fizeram com a minha barraca, como tenho razão em afirmar que sou vítima de perseguição?" Para ele estava claro que aquilo tinha sido obra de um dos que lhe fazem oposição, o Valdeci, dono da rádio comunitária que fica situada vizinha a Maculelê. Alguém, não se sabe ao certo, foi à prefeitura, solicitou da secretaria de obras a presença de um trator, e o fantástico da coisa é que o tal ser com porte de dinossauro veio prontamente e "fussou" e derrubou árvores que o Pedro havia plantado em frente a barraca, quebrou umas paredes baixas que conformavam uma espécie de jardim suspenso a poucos centímetros do chão. A frente da Maculelê era só demolição, chão e areia revirados. Pedro, então, estava desolado mais até que indignado. Não sabia se voltava a fazer tudo de novo, mesmo com o risco iminente da vinda do temido trator. O certo é que não procedeu dessa forma sem antes dá uma demonstração de forças. Pedro têm inimigos, mas por outro lado dispõe de um séquito de amigos. Todos se reuniram e organizaram um ato de protesto

contra a prefeitura, que na pessoa de Renato Parente, ora secretário da Regional V, efetuou esse disparate, e a quem mais tivesse sido conivente, convocando essa instância pública. Por pouco, eu acho, não demoliram concretamente as instalações da rádio comunitária, mas oralmente, é provável que tenham posto abaixo. O Pedro refez toda aquela construção e com mais acréscimos, imbuído que está de aumentar seu poderio no corpo físico do Pólo. Hoje a barraca está uma beleza só, toda cheia de detalhes feitos por Heleno, artista plástico, cantor e irmão do Pedro.

Os reclames do Pedro não são poucos por causa dos seus outros concorrentes na praça, quanto ao trabalho que fazem, o mau uso da música, o não embelezamento do lugar e outras coisas do tipo. Ele critica a predominância de pagodes e outras músicas puramente comerciais, que não se encaixam em estilo algum, cujo uso massivo é feito pelas pessoas como aves na bebida. Não aceita que as pessoas vivam sem um porquê, não reflitam sobre o que fazem, não planejem, e é sobre tudo isso que o Pedro pensa todo dia que tem a feliz decisão de ir ao Pólo trabalhar. Há momentos que chega ficar irritado com a falta de perspectiva daquela gente que todo dia faz tudo sempre igual...Para o Pedro, a criação e a transformação das coisas deve ser uma constante na vida do homem. Todas as vezes que converso com o Pedro, ele está cheio de projetos, seja sabidamente de ampliar suas instalações no espaço da praça, coisa ilegal porque área pública e que nem sequer poderia mexer com a estrutura original da barraca. Mas, pela vontade do Pedro suas idéias mirabolantes e interesseiras seriam as predominantes no lugar. Mesmo de forma irregular, ele vai construindo um banheiro aqui, outro ali, na alegação de que na praça não há esse tipo de equipamento, e que seus clientes necessitam. À parte, vai pondo uma janela de tal formato, um revestimento diferente e assim sua barraca ganham a distinção na estética que exhibe.

O Pedro não é lá uma pessoa muito adepta do trabalho ininterrupto, vive mais de sonhar, fazer projetos imaginários e a partir da necessidade que tem, vê-se na obrigação desse fardo imputado a muitos da espécie humana. Às vezes fala do desejo que tem de ir morar e usufruir a vida pacata e cheia de facilidades do campo. Mera ilusão para quem não conhece a dura realidade da vida rural, que só uns poucos e corajosos conseguem suportar. Talvez pense isso por aquela metáfora de Karl Marx, que fala de uma vida ideal onde de manhã se vai trabalhar, à tarde pescar, depois ler um livro, ir à reunião da categoria a que

pertence, etc. A assiduidade do Pedro, nem de longe se compara com a do Zé Branco, da Célia e de outros trabalhadores próprios do lugar. Há dias em que o Pólo está funcionando normalmente, mas o Pedro lá não aparece, não vem para abrir a barraca. Seu público é constituído de pessoas mais seletas, aquelas que adoram ouvir rock, blues, mpb e outros estilos não massivos. Quando os negócios não vão bem e o Pedro está com muitas dívidas a pagar, pensa em voltar atrás, colocar serestas, forrós e até os famigerados pagodes, como programação de sua barraca, só para ter casa cheia. Depois repensa suas ideologias e agüenta firme as dificuldades passarem. O Pedro é essencialmente um sujeito ideológico, marcado por seu passado político, como ele mesmo afirma, e que por isso paga e acredita que pagará pela vida toda, um alto preço. Somente uma mudança de domicílio para um lugar distante, seria capaz de alterar esse curso de sua história. Muitas vezes suas reclamações são quase esquizofrênicas, tendo desconfiança de todos, mania de perseguição, certeza de que muitos ali não gostam dele, enfim, é o último dos sobreviventes a lutar contra as marés, no naufrágio que tornou-se sua vida.

Muitas das lamentações do Pedro parecem vir do não enriquecimento imediato, coisa que nunca se aplica aos que de fato executam o trabalho mais braçal. Pondo de lado essa desqualificação, ele possui no âmbito do Pólo, um certo "capital simbólico".

Mestre Beto - da mesma forma que o Pedro, o Beto também faz jus ao capital simbólico, espécie de reconhecimento público advindo não só do povo, como das autoridades do mundo da política partidária, por exemplo. Não há uma só pessoa do Conjunto Ceará, que ali reside a alguns anos, ou das regiões vizinhas, que não conheça o Beto, proprietário da Churrascaria Mestre Beto. Sua popularidade não está ligada tão só ao fato dele ser um comerciante próspero, riqueza essa toda adquirida no referido bairro, no ramo de vendas de refeições, ora pizzaria e lazer, bebidas e finalmente, self-service, mas da prestação de serviços outros de caráter assistencial, como de arranjar carro para levar doentes ao centro da cidade, dinheiro para compra de remédios, ou qualquer necessidade que tragam até ele, como se fora a um vereador de área, de uma região de uma cidade de interior. Ele é o faz tudo, o que resolve tudo, e as pessoas cada vez mais passam a vê-lo como um braço invisível do Estado ausente. Pelo tipo de serviço recebido, as pessoas são lhe gratas, conferem-lhe reconhecimento e prestígio e em alguns casos o vêem como um elo entre elas e as instâncias administrativas municipais. É a essas que o Beto disse-me em

entrevista, ter um certo acesso, prestígio e comunicação. Disse ainda que professa a religião evangélica, então sua performance é a de um pastor, muito eloqüente, simpático, atento a tudo que se passa em seu redor. Muitas pessoas que estão com problemas, vêm até ele e então conversam por longo tempo, sua presteza é como a de um ouvidor.

O Beto contou cheio de convencimento que seu estabelecimento, é um dos poucos locais onde a família ainda frequenta sem sustos. Muitos dos seus clientes se queixam da queda vertiginosa do poder aquisitivo. Se antes podiam vir beber, comer e se divertir, até mais de duas vezes por semana, atualmente, só o fazem uma vez, e em certos casos, protelam a dívida para trinta ou sessenta dias.

Quando me concedeu a entrevista, o Beto estava em seu escritório, um prédio de uns três andares, todos com salas prontas para serem alugadas, situado em frente a churrascaria, cuja construção é só no térreo mesmo. Esses dois investimentos seus estão na avenida Central. Ele quase não parava mais de falar, nisso foi a tarde quase toda, falou da família, filhos adotados, dos negócios, da religião evangélica que professa, da ajuda que sempre que pode pratica aos que lhe procuram, disse ainda dos seus projetos e sonhos de uma sociedade mais justa, e dentre seus projetos existe o de criar uma espécie de cooperativa de saúde, que a exemplo dos caros planos de assistência médica, atendessem a quem precisa, porém de forma gratuita. Essa idéia ele discute todas as vezes que se reúne com os outros comerciantes da sua iguala. Pelo visto, não é com os donos de bancas nem com os de barracas, já menos importantes dentro dessa hierarquia, que mestre Beto está ligado, e sim aos comerciantes maiores ou aquelas autoridades que em geral em anos eleitorais vêm manter contatos com "cabos eleitorais" de elevado prestígio social.

Em sua longa explanação, o Beto foi explicando uma série de coisa acerca do Conjunto Ceará, do início da ocupação desse bairro e até decifrou o sentido que tem uma intrigante construção que há no canteiro da avenida Central, exatamente em frente aos seus prédios. São quatro vigas bem altas, cujo desenho lembra a letra L, só que está de cabeça para baixo. Feitas de cimento e ferro, elas estão ali desde a construção do conjunto e representam cada uma das quatro etapas de que se constitui o bairro. Embora eu não tivesse atentado para o detalhe, o Beto frisou que cada uma é maior que a anterior, seguindo assim a mesma lógica da construção das etapas. Por exemplo, a primeira etapa é menor que a segunda, que é menor que a terceira, que é menor que a quarta etapa.

Em relação à praça, o Beto é muito pessimista quanto ao real estado em que ela se encontra. Reclama do seu abandono, da falta de segurança, da presença dos meninos de rua, da escuridão, de uma infinidade de outras coisas e dentre elas o afastamento da Família dos habitantes do Conjunto Ceará e adjacência. Regra essa que somente é quebrada em momentos de festas maiores como a festa junina, as micaretas, etc. Em sua fala, é possível ver como faz apologia ao conceito de família, como defende a volta utópica dessa aos aposentos do Pólo de Lazer. Há quem diga como o Johnson, que nunca houve essa presença maciça da família no lugar, exceto em noites de festa. Nos planos do mestre Beto, precisa haver uma mudança urgente a fim de que a praça seja resgatada dos meninos de rua e demais pessoas desocupadas, e então, aquelas famílias e outras mais voltarão a frequentar esse espaço tão caro a todos que lá habitam.

Sobre o porte físico apresentado pelo Beto, ele é homem de altura média, bem forte, exibindo uma acentuada careca, aproximando-se dos cinquenta anos, fala com muita facilidade de qualquer assunto do cotidiano e na entrevista que me concedeu, o conteúdo rendeu umas dezenove páginas, isso só para ilustrar sua eloquência, que até nesse aspecto ele tem semelhanças com o modo de se portar de um vereador.

Padre Ivan - da mesma forma como outros tantos religiosos já passaram temporadas no Conjunto Ceará, também o padre Ivan lá está a mais de meia década. Muito simpático, com boa dose de carisma e realizando entre outras atividades como a de rezar missas, um outro, em que atende pessoas, escuta seus problemas e presta-lhes aconselhamento. É um homem moreno bem escuro, pequeno e com muita velocidade em cada movimento que faz bem como nas idéias que verbaliza. Muito amado pelo seguimento religioso que representa naquela região que abrange não um bairro, mas um conjunto deles. E foi num desses dias em que atende as pessoas, que pe. Ivan deu-me uma pequena, mas entusiasmada entrevista em que fala do bairro, a fé de seus moradores, os problemas sociais que estão expostos na praça em que a igreja que celebra as missas se localiza, admirou-se, sobretudo da coragem da pesquisadora em estudar um local de certa forma mal falado por muita gente. Um lugar como todos sabem, onde tem tudo que se procura, o bem e o mal, lá estão lado a lado, numa parceria talvez mais que democrática, harmoniosa. Para o religioso, esta nossa sociedade está muito cheia de problemas e contradições, e apostar na fé pode ser uma alternativa para se descobrir meios capazes de efetuar uma transformação do status quo.

Foi sem dúvida muito interessante chegar à igreja e lá ficar esperando por muitas horas, até chegar a minha vez na fila. Nessa havia mulheres tanto adultas como idosas, jovens de ambos os sexos e raramente um homem adulto. Quando havia um, era geralmente já de certa idade. Na primeira tentativa de entrevistar o padre, esperei por longas horas, mas os atendimentos daquele dia foram muitos e demorados. Às 17 horas eu precisei voltar para casa e acertei com a secretária da igreja, a dona Vilani, que voltaria no próximo dia que houvesse atendimento. Gostei, sobretudo de observar a conversa baixa e quase velada das pessoas nos bancos da igreja, enquanto chegava sua vez. Em geral se conversa com quem já é conhecido. Aconteceu que já perto da minha vez de entrar para falar com o padre, uma senhora que também ia fazer o mesmo e muito atenta prestava atenção no tempo que cada pessoa passava lá dentro, no atendimento. Voltou-se para mim e fez o seguinte comentário acerca de outra senhora que acabara de ir falar com o padre, então ela disse "coitada daquela mulher está enfrentando muitos problemas. Tem uns dois filhos e apenas uma filha, e essa lhe dá muitos desgostos. Ainda bem nova a moça casou-se com um primo, mas o casamento durou pouco mais de um ano. Abandonou o primo e começou andar com más companhias aqui no Conjunto. Depois viajou para São Paulo e sempre envolvida com malandros, acabou sendo presa. A pobre mãe tem gastado o que não tem com advogado para ver se pode tirá-la da prisão. É disso que ela vem falar com o padre". Era até engraçado àquela senhora traduzindo os problemas das outras pessoas, porém sobre os seus próprios, nenhum comentário, o mais sigiloso segredo. Se ali muitos sabiam da vida um do outro, imaginem o padre!

Quando entrei no salão para falar com pe. Ivan, ele se encontrava sentado em uma cadeira, por detrás de uma pequena mesa. Tão sorridente como ele só, numa performance que lembrava muito a de outros profissionais da alma humana como os pais e mães de santo e também os psicólogos, entre outros. A sala era bem grande, mas ele ficava numa das laterais encostado à parede e algo sinalizava para que cada um que viesse ter com ele, fosse sentar numa cadeira bem em frente à sua mesa, como num chamado silencioso de "venha para um instante de recolhimento". Acima do lugar onde estava o padre, desenhado na parede, havia uma imagem de um santo desenhado com extrema perfeição. Comentei como era bonita aquela imagem de São José, era o que me parecia, mas foi então que pe. Ivan corrigiu-me dizendo ser a de um Santo Antônio. Como há perguntas que passam por nosso

sentido, ainda hoje não me perdôo por não ter sabido a história daquele santo Antônio ali, quem o fez, quando e por que, numa paróquia de N. Sra. Da Conceição.

Ao final de nosso encontro, pedi permissão ao padre Ivan para fazer uma fotografia dele naquele lugar de atendimento ao público, sob a proteção daquele santo Antônio. Com a maior satisfação, ele fez pose sorrindo e dizendo que caso essa foto não prestasse, que eu poderia fazer outra noutro momento. Algo deve ter ocorrido, pois a foto não apareceu quando da revelação do filme de trinta e seis poses em que vinte e oito saíram boas. Pensei comigo mesma, como é engraçado esse pe. Ivan.

D. Vilani - essa senhora de um pouco mais de meia idade, cuida da igreja matriz do Conjunto Ceará com o maior esmero. É secretária, é serviço geral, é setor de comunicação, enfim, está ali para tudo que lhe for solicitado. Sabe toda a história da chegada dessa igreja no bairro, como o prédio foi construído, a primeira pedra fincada, o primeiro pároco, pois isso é muito importante para a religião que não abre mão do simbólico; o primeiro pároco, diz com orgulho que foi o pe. Gilson. Ela com seu semblante pesado, rosto amargo, numa primeira impressão se é capaz de jurar que a mesma é muito antipática. Mas isso é mera representação, ou talvez um pouco de assimilação da austeridade que a igreja católica sempre faz questão de imprimir. Em tese, como forma de se legitimar ou continuar seu reinado.

Essa atenciosa senhora é quem recebe na tesouraria da igreja, o dinheiro pago pelas missas em favor das pessoas falecidas, dos que estão em vida aniversariando, aos que completam anos de matrimônio, etc. Organiza os objetos necessários sobre o altar quando vai ter missa, e à tarde enquanto esperava para falar com o padre, a vi passando pano no chão do altar. Quando lhe interroguei acerca de tantas coisas que lá fazia, D. Vilani me confidenciou que mesmo recebendo salário da paróquia, não estava mais agüentando a carga de serviços, juntamente com as responsabilidades que recaem sobre sua pessoa nos negócios daquela igreja. A necessidade a obrigava suportar aquele fardo, por quanto tempo não se sabe.

Seu Alemão - este é o pseudônimo de um senhor que vende pipocas em toda aquela região do Pólo de Lazer, mais especialmente em frente à igreja, nos dias e noites que há missas e outras celebrações. Também ele não perde qualquer outra festividade que há no Pólo. Em síntese, todos os dias ele está circulando pelo Pólo. Com sua aparência albina ele

é um destaque em meio a tanta gente de pele escura. Eu jamais imaginava que aquele senhor de aparência tão simples pudesse me contar algo expressivo acerca do lugar, mas foi por indicação da diretora do CSU do Conjunto Ceará, a Aninha, uma amiga e colega de profissão, que fui alertada a conversar com esse senhor, dizendo a recomendação que ninguém melhor que ele para narrar fatos acerca do Pólo de Lazer. Por alguns imprevistos ainda não aconteceu a entrevista. Porém, inúmeras vezes já conversei com ele e em todas essas ocasiões, ou ele estava muito ocupado atendendo os clientes, então eu não quis incomodar ou esperar, ou ainda, quando o encontrei ocioso, sem o habitual carrinho de pipocas, ele estava embriagado, e por isso não foi possível haver comunicação, dada a saliência com que o mesmo se apresentava. Mas sua disponibilidade em conceder-me uma entrevista, continua de pé. Seu nome não sei ainda, mas o apelido que carrega, sim, seu Alemão, já diz muito dele, como sendo de estatura alta, pele sem a proteção da substância melanina, portanto, avermelhado, olhos pequenos e bem azuis, sempre muito escondidos pelos cílios cerrados. Por onde vai passando, não deixa de falar com um ou com outro, conversa um pouco com o seu Miron e depois segue em frente, com o carrinho de pipoca cheio dessa como se fosse uma florada de algodão.

O Plínio - ele é o presidente de uma ONG que fica no Pólo, o PRODECON, projeto de desenvolvimento do Conjunto Ceará. Começou sua vida participando dos grupos religiosos, até que depois de formado em Direito, resolveu criar uma instituição que se voltasse para os principais problemas e questões do bairro. Hoje, o PRODECON já conta com duas publicações acerca de tudo que existe de serviço ou de mão-de-obra nesse conjunto. É pelas palavras da Lindalva que vou conhecendo o Plínio, que segundo ela é um rapaz muito batalhador, muito envolvido com o movimento de bairro, empenhado em trabalhar com os jovens, inclusive há no Prodecon um grupo deles que exercita o teatro e que eu saiba, a única vez que se apresentam no ano, é na Semana Santa, com a encenação da Paixão de Cristo. Independente de ser o presidente dessa ONG, ele trabalha na secretaria de saúde do município e tem seu escritório de advocacia. É casado, tem duas filhas e dono de uma boa oratória. Assim demonstrou-se quando em entrevista falou de sua trajetória a frente do Prodecon, das verdadeiras sagas travadas junto ao poder público para conseguir as instalações desse movimento, depois para trocá-la de lugar no mesmo espaço do Pólo, entre outras tantas histórias.

Certo dia convidamos o professor da UFC, José Borzachello, geógrafo e estudioso de cidades, para que viesse falar a respeito desse assunto conosco. O lugar escolhido foi o Prodecon e lá estavam muitos jovens, um membro do conselho comunitário do bairro e eu, mais interessada que todos em discutir a função de uma praça de periferia, como é o Pólo de Lazer do Conjunto Ceará, cujo uso e simbologia são tão marcantes para esses lados da grande Fortaleza. Ansiosa por ouvir do professor, exemplos de como se revitaliza qualquer lugar importante da cidade, a exemplo de sua prática adotada e manifesta nos artigos que escreve no jornal O Povo, em que se empenha em lutar pelo Centro de Fortaleza. Ficamos contentes com a vinda dessa autoridade nesse assunto, com sua simplicidade e sabedoria. Mesmo em meio ao calor excessivo que fazia na sala dessa instituição, em que o professor suava em bicas, de certo ficou sabendo da existência dessa ONG, e do esforço de quem está a frente dela como o Plínio, a Lindalva, como se esforçam para mantê-la de pé, com as instalações satisfatórias, o que nem sempre é possível.

A Lindalva - essa é mais uma mulher de narrativa e fala abundante. É vice-presidente do Prodecon, pude entrevistá-la em sua própria casa, que fica na 1ª etapa do Conjunto Ceará e a recepção me foi calorosa com doce de leite a vontade e muita água para beber. Conversamos por longas horas de uma tarde, em que foi contando sua trajetória da cidade de Acaraú até Fortaleza. Como desde muito cedo em sua vida se dedicou a servir nos movimentos religiosos da igreja católica em que está até hoje, viajou antes por várias cidades do interior do Ceará como Ubajara, Tianguá e outras. Como é muito determinada, corajosa e decidida, recebia os elogios pelos trabalhos prestados da pessoa do bispo e de outras autoridades locais. Por interseção do bispo e de outros políticos, obteve um contrato do estado para vir trabalhar na saúde. Foi então que veio morar em Fortaleza, ganhou uma casa no conjunto graças ao poder do bispo de Tianguá, se não estou equivocada. Trabalhou por muitos anos de sua vida no atendimento às pessoas carentes que vêm buscar ajuda no posto de saúde Maciel de Brito. Ali esteve até aposentar-se por tempo de serviço. Não sem antes travar muitas e ferrenhas brigas com as coordenadoras (algumas, ela faz questão de frisar), que queriam tratar os seres humanos que já vivem excluídos do consumo das benesses que a sociedade "moderna" produz, assim como quem trata de porcos ou outros tantos animais.

Lindalva é uma mulher que fala com entusiasmo de si e de suas muitas histórias. Conta que desde muito cedo em sua vida, começou a se dedicar à igreja católica, por isso morou em Ubajara, Camocim, além da sua cidade natal, Acaraú. Em todas desenvolveu um bom trabalho de pastoral, junto àquelas pessoas excluídas de tudo o mais que a sociedade produz e seleciona para uns poucos. Ela diz que descende de família abastada de Acaraú, que é parente de políticos conhecidos nem sempre por seus bons procedimentos, como é o caso do Duquinha. Mas desses parentes afirma nunca ter precisado. Conta cheia de certo orgulho a amizade que ainda hoje tem com as médicas do posto Maciel de Brito, das inúmeras vezes que elas vêm até sua casa para almoçar, descansar e acima de tudo falar dos problemas pessoais e familiares; Lindalva possui quase que um Dom de merecer a confiança das pessoas importantes. Sem dúvida elas a vêem como algo mais que uma amiga, como alguém em quem podem confiar.

Nessa última gestão do Juraci Magalhães, ela teve a oportunidade de se aproximar de um de seus secretários, o Renato Parente, da Regional V. Segundo disse, esse secretário depositou tanta confiança em Lindalva que não mais tomava algumas atitudes em seu trabalho, sem antes consultá-la. Um dos exemplos foi quando se viu cercado por manifestantes do movimento sem-teto, vítimas das enchentes na cidade, que queriam invadir a secretaria exigindo tomada de posição urgente, na construção de casas, mutirões, auxílio para transferência para lugares seguros da cidade. Eles não "arredavam o pé", da frente, e da porta do gabinete. A polícia também lá estava já de prontidão, a ponto de atacar com unhas e dentes, aquela leva de miseráveis ou falsos deles. O secretário, então, teve a lúcida idéia de ligar e pedir a presença da Lindalva no lugar. Ela veio rápido, como rápida é sua tomada de iniciativa. Teve inicialmente dificuldades para chegar até o gabinete do secretário, que então se encontrava tomado de assalto pelos manifestantes, tendo à frente a organizadora desses eventos, a Rosa da Fonseca. Quando enfim Lindalva teve acesso à sala onde os policiais, já sem força impediam que a multidão invadisse a sala da autoridade, então ela lançou seu grito de guerra: ordenou como primeira estratégia, que todos se ajoelhassem para rezar um pai-nosso. Os policiais relutaram de início, o que Lindalva retrucou: "não creiam em Deus?", "Não acreditam na seriedade desse ato?". De pronto, lá estavam todos, Lindalva, policiais e autoridade, ajoelhados e rezando aquela oração. O próximo passo foi ir até o pátio e pedir que formassem uma comissão daqueles

manifestantes. Foi outra luta, pois não queriam em hipótese nenhuma essa proposta. Como não havia outra saída, eles cederam, e uma comissão entrou, falou com o secretário Renato Parente e tudo que conseguiram de imediato, foi uma cesta de alimentos enquanto a prefeitura pensava a questão maior que os afligia, a habitação. Essa e uma infinidade de outras histórias são contadas pela Lindalva com o maior dos entusiasmos. Outras tantas que ela narra, é sobre a organização anual da encenação da paixão de Cristo. Diz que desde cedo, ela e o Plínio se largam pelo mundo atrás de patrocínios. Agem às vezes como loucos para conseguir algum recurso, por pouco que seja vem para uma boa causa. Pois que eles da diretoria do Prodecon tem um trabalho com jovens que treinam teatro e outras coisas mais.

Lindalva narra o momento em que a peça se passa no Pólo. Observa que o tipo de recepção do público se intensifica, principalmente nas cenas mais erotizadas em que acontecia até beijos, isto no momento em que Salomão dava suas festas que eram verdadeiros bacanais. Lindalva avaliou que essas cenas eram fortes demais para uma peça bíblica, achou por bem retirá-la. Diz que outro momento áureo da peça é quando Cristo é tentado por satanás. Então o público entra em cena, toma partido, quer afastar o satanás daquele Cristo a todo custo. Quer impedir que Cristo caia frente ao pecado, à tentação. Como se todos ali quisessem ajudar o Cristo a ser salvo, a ser Deus.

O Jonhson - esse jovem é um dos narradores por excelência das coisas do Pólo, da política e de outras áreas da vida. Ele tem o Dom da fala, da oratória, bem mais aguçado do que outros personagens do Pólo como a Célia, o Beto, o seu Mateus em menor escala e vários.

Ele iniciou no Prodecon, onde sem dúvida aprendeu muito, ou por outra já vinha da formação dos grupos políticos que na adolescência dele se reunia e discutia a política local e geral, sentados em bancos improvisados no coração do Pólo, onde hoje é a praça, embora com parques e mal conservados equipamentos. É uma figura, ao mesmo tempo de fenótipo tão inexpressivo, franzino, manquitolando de uma perna, onde certamente foi acometido de paralisia, ele com sua irreverência estilo revolucionário, ou revoltado como o critica o Pedro da Maculelê, Jonhson assim incomoda muita gente.

Jonhson é de um tipo que não se agüenta, se não estiver na cabeça dos movimentos, liderando, cercado por um séquito de ouvintes ou seguidores. Pedro a respeito disso, tem a seguinte representação: "Jonhson é um revoltado, as mulheres não o querem, ele tem

traumas pelo defeito da perna, tem mania de querer liderar em tudo. É ditador mesmo". O Jonhson é tão eloqüente que a entrevista que me deu, totalizou mais de 19 páginas. Ninguém melhor que ele para falar das coisas do lugar, funções e representações simbólicas que o Pólo encerra. Ele empresta uma espécie de "elegia" àquele lugar, a ponto de afirmar que "o Pólo vitriniza o Conjunto Ceará". Entre uma infinidade de idéias e empreendimentos que sempre traz consigo, como se fosse na "manga da camisa", defende a inclusão do bairro na rota turística, onde os turistas fossem levados até lá, para comprarem artesanatos, redes, rendas, etc. Certamente que seriam criadas associações para gerar esses produtos antes mesmo que o turista viesse a freqüentar. Outra vontade sua é criar no bairro, ou mais especificamente no espaço que é tão amplo do Pólo, uma indústria de reciclagem do lixo. Isso seria levado a efeito principalmente nos vários momentos em que há festa, pois é quando há um acúmulo considerável de um tipo de lixo com grande potencial de reciclagem, como copos e garrafas de plástico, latinhas de refrigerantes, de alumínio, vidros, etc. Segundo o Jonhson, e isso é verídico, tal empresa seria responsável pela geração de dezenas de empregos, ocupação que poderia destinar-se aos jovens e desocupados, ou talvez pessoas de mais idade, não raras vezes analfabetas, cuja ocupação o mercado não mais lhe disponibiliza nenhuma chance.

Qualquer pessoa poderá ver o Jonhson, se ao final da tarde se dirigir ao Pólo. Em poucos instantes lá se vem ele, banhado e penteado, em geral vestindo jaqueta e calça jeans por sobre uma camiseta vermelha, tem vezes que usa jaqueta preta. Tudo muito velho e surrado. No pescoço está pendurado um colar de onde pende uma medalha que exhibe a imagem do grande revolucionário "Che Guevara". Jonhson vem chegando, com o celular do lado, um porte altivo de quem lidera alguma coisa, só não se sabe o quê. Às vezes, seu ar estóico, me faz lembrar a autoridade do "pequeno príncipe" de "Saint-Exupery". Lembram como esse personagem tinha um ar soberano, de príncipe de um reino que de tão pequeno só comportava um pé de "ba-o-bá". Então, o Jonhson, possui sim esse porte e ar superior de um pequeno príncipe, cujo reino deve estar em algum lugar dessa infinita geografia que é o mundo material e o simbólico. Ele chega ao Pólo, senta-se num determinado lugar, pois não pode ser em qualquer lugar, seu grau de exigência requer que ele vá sentar próximo da barraca Maculelê e outra de nome "Shamego Bar". Ali, as vezes recebe algum telefonema, rápido, pelo celular. Fica assistindo e ao mesmo tempo criticando

a televisão que fica ligada nessa última barraca. Diz que não vê sentido em sair de casa, onde de modo geral em todos os lares a TV fica ligada o dia inteiro, e à noite quando uma pessoa vai ao Pólo em busca de um diferencial a nível de lazer, lá se depara mais uma vez com a televisão ligada, com sua imutável e alienadora programação. Para Jonhson, é necessário e urgente que o Pólo tenha uma programação diferenciada, visando instruir as pessoas na arte do teatro, da música, da poesia, da cultura em seu sentido maior. De alguma maneira o espaço maculelê, também visa esse projeto ousado, mas como o Pedro e o Jonhson vivem se desentendendo, é como diz aquele provérbio, "dois bicudos não se beijam", por isso nem sempre o Jonhson se encaminha para o território de domínio do Pedro. O interessante é que a área onde fica a barraca maculelê era onde se reuniam muitos jovens a quase 15 anos atrás, onde praticavam a política, e onde trabalharam e levaram ou contribuíram para colocar a candidata de "esquerda", Maria Luíza ao poder municipal. Nesse lugar histórico e ideologicamente dominado é até hoje onde pessoas que ainda são das "esquerdas", como o Jonhson, o Pedro e dezenas de jovens, mulheres de movimentos sociais como a Liduina, freqüentam, escolhem para permanecer, conversar, beber, jogar sinuca e realizar outras atividades quando vêm ao Pólo. Esse espaço é a parte mais alta do Pólo, ele foi tradicionalmente territorializado por esses personagens que entraram em cena, como se pode dizer, e há uma década e meia fazem um pouco de história que vai compor aquela outra maior que é a da cidade.

Certo dia cheguei ao Pólo, e encontrei o Jonhson em sua habitual inquietação, andando de um lado para outro. Puxei conversa, comentei sobre o ato destruidor de 11 de Setembro de 2001. Mas fiquei muito surpresa em face de sua frieza quanto aquele fato. Ele afirmou meio enraivecido que se fosse o autor de um ato como esse, não deixaria nada intacto naquele país, dinamitava tudo. Ele tem uma raiva incomensurável dos EUA, da política demolidora desse país para com os seus diferentes. Apesar de seus argumentos eu continuava ali chocada porque o Jonhson não sentia nada diante de aproximadamente cinco mil mortos, pessoas norte americanas, muitas estrangeiras, enfim, pessoas totalmente descomprometidas com o fazer perverso dos EUA. Nesse instante, pensei a respeito do Jonhson, como pensa o Pedro, que aquele é mesmo um revoltado, que talvez pense a política mais como um artifício da guerra do que um mecanismo de viabilizar a tolerância e a arte do bem viver entre as pessoas e os povos distintos.

O Valdeci - esse homem é de um jeito muito dinâmico, sempre se pode vê-lo de um lado para o outro do Pólo, num incansável vai-e-vem. Ora entrando na rádio comunitária da qual é "dono" ou presidente, ora saindo, outras vezes descarregando caixas de som em um ambiente do Pólo do qual se apossou, e nesse funciona um clube cujo nome é "Pólos Samba". De segunda a domingo ele se reveza entre esses dois empreendimentos, onde toda hora tem coisas a consertar, a organizar. Pode-se afirmar que o Valdeci emprega toda a família ou grande parte dela na rádio comunitária. Tanto a sua mulher, a Eliane, como o seu jovem filho lá trabalham como radialistas, afora outros que são contratados e que constantemente são dispensados. A rádio FM Pólo fica vizinha da barraca Maculelê, porém seus donos são inimigos que vez por outra entram em conflitos, se estranham. O Pedro sempre que pode faz críticas à programação daquela rádio, afirma categoricamente que o tipo de programação levada ao ar não é nada educativa nem instrutiva, pelo contrário, um meio de comunicação que se diz comunitário, mas que só toca "música sertaneja", pagode e outras que são largamente massificadas, então, alguma coisa deve estar errada. A referida rádio a todo o momento tenta justificar sua função social, solicitando doações dos ouvintes, em geral pessoas que já vivem no limiar da dignidade material, e em seguida fazendo a distribuição para pessoas "carentes". É até intrigante saber quem de fato é "carente" em meio a tanta gente tão pobre, economicamente falando. Como represália à oposição manifestada por Pedro, o Valdeci foi à Regional V, arranhou um trator e mandou que derrubasse umas reformas de melhoramento do espaço de lazer da barraca Maculelê.

O Valdeci é assim um homem de poucas palavras, quase sisudo, talvez muito mais de comportamento operativo, prático, bem diferente então da eloquência ou tagarelice de sua esposa, bem como da comunicação fácil do seu filho que por benesse da jovialidade de que desfruta, se apresenta como um belo homem que do alto dos seus dezenove anos mais parece os seletos rostos e corpos que a televisão põe na tela todos os dias. Às vezes em que conversei com a Eliane, essa ía logo me contando sua trajetória profissional, até vir parar na rádio, então nessas horas quando o Valdeci estava por perto, logo lançava um olhar de estranhamento, o que em parte resumia a fala da companheira. Outra explicação era que as vezes em que conversávamos, a Eliane estava comandando a programação, falava no ar e depois programava as músicas e os comerciais. No intervalo ela falava comigo da rádio, do

Pólo, da importância de tudo isso para o bairro e seus habitantes, bem como para toda a área de abrangência tanto das ondas da rádio como da simbologia do Pólo.

O que observo é que o Valdeci não é de se relacionar com quase ninguém do Pólo, a não ser com quem ele realiza negócios como é o caso do pessoal do supermercado. Certa vez o próprio Valdeci estava no comando do microfone por ocasião do aniversário desse mercantil, quando na ocasião anunciava a distribuição de cestas aos ouvintes. Ouvi pelo rádio sua empolgação assim como os outros ruídos, pois a transmissão era ao vivo.

Ao que tudo indica, o Valdeci gosta de atrapalhar a política dos outros. Eu estava assistindo uma assembléia que o conselho comunitário do Conjunto Ceará havia chamado, pois lá seria discutida a tal reforma "imaginária" do Pólo de Lazer, e que até hoje essa idéia tão querida por muita gente que pensa o Pólo como um lugar de futuro, ainda não saiu. O Valdeci passou por lá de repente e tão logo saiu, foi espalhando que a reunião havia terminado. As pessoas que iam chegando e por ventura tinham lhe encontrado, vinham com essa estória. Acontece que a reunião ainda estava no meio, e as discussões foram acaloradas entre as várias forças políticas interessadas no Pólo e o secretário da Regional V, Renato Parente.

A Eliane - é uma mulher de pequena estatura, comunicativa, alegre, ainda jovem, que comanda um programa na rádio FM Pólo, de segunda a sábado no horário da manhã, sempre se utilizando expressões como "meu amigo..., minha amiga..., a você, o meu muito obrigado", fala de aniversários de muitas pessoas transmite recados, mensagens secretas que um coração apaixonado envia a outro sem, no entanto querer se identificar para o público, coisas desse tipo. Outras vezes a Eliane faz apelos no ar para ajudar pessoas pobres que se encontram necessitando de alguma coisa como cadeira de rodas, fogão velho e usado, etc.

Nas primeiras conversas que tive com a Eliane, ela como de costume falou de uma série de coisas. Dos diferentes locais aonde já tinha trabalhado, das várias funções em que havia participado até vir parar na rádio. Nessa conversa ela não fez alusão ao marido que é diretor ou mesmo o dono da rádio, nem do filho rapaz que também tem um programa de tarde na mesma emissora. Só com a continuação do meu trabalho investigativo é que fui sabendo dessas pequenas relações sociais no espaço do Pólo de Lazer. Mas quando fui entrevistar para valer, onde usei recursos para gravar, isso aconteceu num dia em que o seu

marido, o Valdeci, estava por perto e controlava à distância com um olhar meio repreensivo o seu tempo gasto na entrevista que ela estava concedendo-me. Também porque era véspera do sexto aniversário da rádio, então a Eliane não parava de repetir as mesmas afirmativas sobre a rádio, o aniversário, a importância da emissora, tudo isso junto ao significado que o Pólo tem, assim como a rádio, para toda uma região que conforma a cidade. Eliane não conseguia avançar noutras reflexões mais importantes acerca do seu trabalho, a existência da rádio e a realidade social em que se situa. Realidade essa que diz muito do tipo de público ali radicado que ao final das contas são os seus ouvintes, do cotidiano que constróem da cultura que compartilham e recriam, enfim, a vida que levam...

A Margarida - essa jovem mulher vez por outra passa na banca da Célia e conversa um bocado acerca das mais variadas amenidades. Ela é uma das muitas pessoas que somente em tempos de festa no Pólo põe bancas com comidas e bebidas para vender. Numa dessas tantas ocasiões, conheceu outro barraqueiro por quem desenvolveu um profundo sentimento. Como ele estava se separando da companheira, viveram um "affair" por alguns meses. O moço era um pouco mais novo que a Margarida e vivia ainda muito dividido entre a cruel decisão de deixar a mulher e os filhos e começar uma nova etapa de sua vida ao lado da Margarida. Conviveu com essa dúvida até o dia em que foi avisado de que a ex-companheira estava esperando mais um filho. Entre outros tantos problemas pendentes que tinha com a mulher, achou por bem voltar para a casa deles, afinal era uma casinha estilo duplex construída em cima da casa da mãe dele. Era nessa última residência que dizia para a Margarida que estava morando há tempos. Com o fim do namoro a Margarida quase enlouqueceu e vivia jurando que tal gravidez daquela outra não tinha lógica alguma em ser do seu amado.

Tempos depois quando revi a Margarida de novo em sua banca lutando pela sobrevivência, foi então que me contou tudo que se passara em sua difícil vida. Adoecera severamente de depressão, precisou buscar ajuda no hospital Universitário, e se antes já era uma pessoa franzina, pouquinha, agora praticamente desaparecera, de tão magra que se encontrava. Acerca do jovem amor confessou que o amava muito, mas que era melhor esquecê-lo, e isso ela já estava fazendo. Era bem melhor assim. E se antes ficaram inimigos que nem se falavam, agora já estavam se falando, voltando a serem amigos, porém sem alimentar ilusões de recomeço. Isso jamais. Mas o que não podiam era continuar inimigos,

afinal trabalham na mesma praça, e assim sendo, uma hora ou outra, um precisa do outro. Não foram poucas as vezes que o jovem estava em dificuldades por causa de algum compromisso que precisava cumprir e não tinha o dinheiro, ou parte dele. A Margarida vinha e lhe emprestava o necessário, e vice-versa. Logo, essas situações tão comuns de ocorrerem no dia-a-dia daqueles que trabalham próximos e que em geral vivenciam as mesmas dificuldades, são perfeitamente passíveis de voltar a acontecer.

Mesmo sendo solteira Margarida adotou uma menina que hoje tem uns sete anos. Uma vez eu estava na banca da Célia e alguém chegou com a menina, então a Célia informou-me sobre a criança e perguntou-me se achava parecida com a Margarida. À época, eu não sabia ainda da adoção, mas de súbito eu afirmei que eram idênticas, mãe e filha, o que a Célia sorriu e afirmou que todo mundo vê uma semelhança muito forte entre as duas. Com alguns dias eu encontrei a Margarida e comentei o fato, então ela reafirmou que todo mundo acha isso mesmo. Em seguida passou a contar a estória da adoção da menina. Sua mãe havia morrido fazia pouco tempo e Margarida começou a ter sonhos em que ela dizia que a filha iria adotar uma menina e essa seria sua reencarnação ou algo com essa equivalência. Uma mulher conhecida da Margarida que estava grávida, ofereceu o bebê que esperava. No dia que ela pariu a criança, Margarida foi esperá-la na saída da maternidade, e lá recebeu e era uma menina que com o passar dos anos vai ficando mais e mais parecida com a mãe adotiva, a Margarida. Estas e outras estranhas coincidências vão despertando a curiosidade como o modo de ser, atitudes do comportamento vão indicando que a criança em muito se assemelha com a mãe da Margarida. Seria isso apenas projeção?

Marcelo Wagner - é um jovem que chegou participar do movimento político existente no Pólo, quando esse já se encaminhava para o fim. Era o grupo que antes se denominava Shangri-lá, mas que à época do Marcelo Wagner já havia mudado para Kuarup. Talvez por conta disso, até hoje, ele assim como o Pedro da barraca Maculelê fixaram raízes no solo do Pólo e passado mais de uma década, continuam por lá trabalhando, com fortes ligações com o lugar e, sobretudo retirando dali o seu sustento. Foi assim que consegui entrevistá-lo depois de várias tentativas, indo no bar de sua propriedade, recém inaugurado no lado do Pólo onde fica a Avenida A.

Marcelo Wagner é o criador da micareta PERIFOLIA que acontece no Pólo no final das férias, em geral após a outra festa homônima, o FORTAL. O Perifolia quando acontece

em anos eleitorais é um sucesso, os patrocínios são fáceis de aparecer e por isso a festa se torna mais pomposa e envolvente. Porém nos outros anos como as dificuldades não são poucas, há sempre o risco iminente de a festa não se realizar. Os organizadores dentre eles o Marcelo Wagner, precisam correr atrás ou então se valer de outros artifícios para só assim viabilizar o evento. Uma primeira importância disso é criar a tradição da data certa para a festa ocorrer. Porque mantendo o calendário, o público já fica simbolicamente convidado e organizado numa espécie de contrato subjetivo.

Em entrevista que me concedeu, e que não foi tão longa, a exemplo de outras como aquela do Jonhson, do mestre Beto, da Lindalva, o Marcelo foi me falando que veio do interior do Estado, não recorde aqui qual deles, seu objetivo era estudar, juntamente com os outros irmãos, como faz diversas outras famílias ou grupos de jovens. Da mesma forma como os outros vão chegando e a cidade com sua elasticidade dialética os acolhe. Como via de regra, por aqui ficam, constroem famílias, trabalham, consomem e dessa maneira novas cidades estão a erigir-se.

O exemplo do Marcelo é ilustrativo de como uma pessoa ao mesmo tempo que retira o seu sustento do solo da cidade em que habita, em contrapartida gera outras ocupações e empregos para muitos daqueles cidadãos que também estão na cidade a procura da sobrevivência. Seu métier ou ofício é do empresário do ramo do lazer. Complementando isso, ele inaugurou um bar, cuja estrutura é bastante caprichada, com muitas cores e luzes, ganhando destaque entre os demais que estão no entorno. Com quantidade razoável de mesas com cadeiras expostas na entrada para oferecer desde a bebida até os complementos como tira-gostos e "pizzas", sendo que esses produtos se repetem em todos os outros estabelecimentos de mesma natureza nessa região. Aqui há um número razoável de garçons em especial quando a ocasião assim exige, em que um deles é o próprio irmão do Marcelo.

Na entrevista o Marcelo queixa-se de ainda não ter cursado uma faculdade, como já aconteceu com vários amigos seus, porém não desiste de um dia fazê-la. Sendo que antes ainda tem muitos outros empreendimentos que são prioridades. Como ainda é bem jovem é certo que muito poderá construir ao longo da vida. Pelo menos a festa que organiza, o Perifolia, já se tornou tradição, se não é um sucesso todos os anos, pois que depende da conjuntura política e econômica, já conseguiu ser conhecida de um grande público que lhe

recepciona anualmente. Um público jovem sem dúvida descapitalizado, mas certamente cheio de energia e muita alegria para gastar numa festa como essa.

Cláudio Rocha - é um personagem que interage no meio ambiente do Pólo, mas até hoje não o conheci pessoalmente. Tenciono entrevistá-lo durante a minha estada de investigação pelo Pólo. Entrevistei ainda um funcionário dele que trabalha na rádio comunitária Ceará FM, o Elvis Marlon. O Cláudio Rocha organiza anualmente a micareta "Ceará Fest", isso já conta mais de meia dúzia de anos. A época varia do final do mês de setembro a início de outubro. Como se vê ele é mais um empresário do ramo do lazer, atuando na área do Pólo.

Luciano-esse homem integra a atual diretoria do Centro Espírita Joanna de Angelis e na entrevista que me deu, falou de si próprio, da família, da história da instituição que faz parte, do trabalho social que a doutrina espírita empreende e da existência do Pólo de Lazer e a importância regional dentro da cidade de Fortaleza, que tal fato reserva. Lembro muito bem de sua chegada ao centro, à noite, com a mulher e dois filhos adolescentes, todos os quatro adeptos do espiritismo. O carro já velho em que estavam fazia muito barulho. Eles chegaram e lá estava à sua espera, um público formado de umas vinte pessoas ou mais. Naquela noite ira acontecer uma sessão e tão logo o Luciano entrou no prédio foi direto à lojinha onde livros são vendidos. Tratou de negócios com outro senhor que faz parte do trabalho, enquanto num salão mais para o interior do prédio as pessoas iam chegando sentando nas cadeiras e tecendo suas conversas. Eu conversava com a esposa do Luciano, uma pessoa simpática que trabalha no SENAI, em que dá cursos para costureiras. Em geral em Fortaleza mesmo, mas às vezes no interior do Estado como a cidade do Crato, Juazeiro do Norte, Crateús e outras.

Depois de atender várias pessoas, o Luciano resolveu responder às minhas perguntas. Contou me quem foram os fundadores do Centro Espírita Joanna de Angelis, eles eram comerciantes que moraram por um bom tempo no bairro, na 1ª Etapa próximo de onde está hoje o centro espírita. Depois foram embora para o Rio de Janeiro onde passou algum tempo, o filho retornou apenas para uma visita. No resto do tempo o centro foi sendo administrado por diretorias que se renovam através de eleições de dois em dois anos. É filiado à Federação Espírita do Estado do Ceará e suas reuniões acontecem nas noites de 4ª,

5ª e Sexta-feira, no horário de 19:30hs. As modalidades de atendimento ao público se dão através de "trabalho espírita ou reunião" e "tratamento espiritual".

Após conversar comigo, o Luciano se dirigiu ao salão onde as pessoas o aguardavam, tendo algumas vezes solicitado sua presença, para que os trabalhos pudessem começar. Nas estantes da livraria, fiquei interessada por um livro que tratava de dois autores contemporâneos um do outro, Allan Kardec e Victor Hugo, quanto ao primeiro, sabia que era o criador da Doutrina Espírita, quanto ao segundo não sabia que fora um grande adepto do espiritismo. Optei por comprar um pequeno livro de preço bem acessível, mais conhecido que qualquer romance de bolso, Minutos de Sabedoria, de C. Torres Pastorino e de quebra, ganhei outro de brinde do Luciano, O Que é o Espiritismo, do Allan Kardec. Relembro agora uma página que por acaso abri e li no mesmo instante, lá no centro mesmo. Seu número era 167 e o trecho mais importante da pequenina página dizia o seguinte: "Cultive a paciência, a tolerância, o perdão e o amor para com todas as criaturas".

Talvez não apenas o Luciano, mas toda a diretoria se doa e se dedica assiduamente tanto ao centro como aos trabalhos que ali empreendem. A primeira coisa que atesta isso é a própria estética do prédio, sempre bem conservada, sempre com alguma coisa em reforma, principalmente na parte interna, o jardim com as plantas bonitas e finalmente a parte espiritual que é extremamente levada a sério. Há uma programação de visitas a hospitais, asilos, presídios e a famílias carentes, no sentido de oferecer ajuda, alento, uma palavra de encorajamento.

Outro fato interessante que lá ocorreu foi de eu ter encontrado uma jovem mulher que mora na rua em que morei até recentemente no Conjunto Ceará. Ela ficou visivelmente preocupada em ser vista por mim em um centro espírita. Tratou logo de se justificar, dizendo que freqüentava há pouco tempo e que era incentivada por duas irmãs do seu marido que eram muito afim daquela "religião". Ela pessoalmente não se devotava muito aos rituais como as leituras tão recomendadas, a assiduidade nas reuniões, etc. Eu a acalmei dizendo que era muito bom vê-la participando de um grupo assim como esse do centro espírita. Que a atitude da leitura traz bons conhecimentos para a vida e que só isso já é bem interessante.

Sr. Hilton - esse senhor foi uma pessoa a quem o Jonhson me mandou conversar acerca do Pólo, em virtude de o mesmo ser membro da atual diretoria eleita do Conselho

Comunitário do Conjunto Ceará. É uma figura muito simpática, e inclusive eu já o conhecia de vista, pois que ele trabalha no maior colégio particular do bairro, o colégio Evandro Aires de Moura, onde há um tempo atrás eu fiz estágio para ensinar. Quanto aos outros membros do conselho, nunca consegui uma aproximação, mesmo com pessoas bem acessíveis como o Adairton, esposo da Kátia, as vezes que a ele me dirigi, ou ele não entendia o que eu estava pesquisando, ou então não estava disposto a ceder um pouco do seu tempo em coisas que só aos outros interessam.

Seu Hilton parece ser uma pessoa bastante receptiva, bem como expansiva, assim o vi participando por mais de duas vezes, em eventos que os organizadores não pertenciam às tendências políticas que estão na diretoria do conselho. Uma delas foi quando ele mesmo me convidou para um evento que se deu no colégio Evandro Aires de Moura, em que estavam presentes a representante da Federação de Bairros e Favelas, a Eliana Gomes, que nessas últimas eleições, saiu candidata a deputada estadual pelo PC do B, e mais umas duas dúzias de pessoas representando ONGs e demais associações de distintas localidades da grande Fortaleza. Aquela reunião se prestava a discutir o Plano Diretor de Fortaleza, especialmente no que tange à política habitacional. Ação essa por sinal muito relegada a último plano. Discussão mesmo acerca do Plano Diretor, não aconteceu nenhuma talvez porque não houvesse quem de fato dominasse esse tema. O que se sobressaiu foi a apresentação do que vem fazendo cada associação e algumas poucas organizações. Dali tiraram representantes que em data marcada estariam no centro da cidade, protestando contra alguma coisa que se me recorde bem era prestações.

A outra ocasião em que seu Hilton se fez presente foi quando da visita do professor José Borzachiello ao Pólo. Ele veio um sábado à tarde e nas estruturas precárias do Prodecon, com paredes úmidas e ambiente com temperatura elevada, falou-nos de cidade, desde a sua origem até o nível de complexidade e problemática apresentadas na atualidade. Depois seu Hilton explicou que só em consideração ao convite que lhe fiz e também à pessoa do professor Borzachiello de quem já teve a oportunidade de ser aluno num curso que uma ONG Ceará Periferia ofereceu às entidades que atuam no tecido da cidade, é que veio participar. Fez ressalvas de que uma palestra importante como aquela, deveria ter acontecido nas dependências do conselho, e não ali. Também não lhe agradava muito a presença do Jonhson, com suas intervenções e interpretações tão polêmicas e ou

equivocadas como quer seu Hilton e mais uma porção de gente que com ele confrontam idéias e desaforos.

Seu Hilton é alguém sintonizado e bastante interessado nos problemas com os quais os movimentos sociais se deparam atualmente, dentre eles o de atrelamento dos MS ao jugo dos governos. Ele é aberto à capacitação e sensível aos inúmeros problemas sociais que o Conjunto Ceará enfrenta e cuja tendência é agravar-se.

Seu Duquinha - esse senhor é realmente uma figura humana interessantíssima. Com o privilégio de quem já vive a quase noventa anos, o que faz ou o que diz hoje, para ele é tudo lucro. Muitas vezes sai do aconchego de sua calçada de vista para o Pólo e vem trocar um dedo de prosa com os barraqueiros ou mototaxistas que trabalham na praça. Muito alegre, chega contando umas estórias mirabolantes, que todos ali já sabem que é exagero. A Célia que é uma velha amiga sua, assim se refere à sua reputação: "esse veio é o maior fuxiqueiro que existe na face da terra. Ele fala da vida de todo mundo, inventa coisas, diz que conhece quem é moça e quem não é..." Ela conta ainda que muitas vezes ele e outros velhos juntam algumas meninas novas e levam ao centro da cidade. Que em um desses exóticos passeios, ele foi roubado e lhe levaram tudo. Agora sua filha não mais permite que ele vá sozinho a lugares perigosos como o centro.

Seu Duquinha nos relatos que faz sobre a Célia, não deixa por menos as diversas difamações que faz sobre ela. Diz ele: "essa aí o pouco que ganha nesse trabalho desgastante sob sol e sob chuva, não mede as conseqüências para gastá-lo todinho com os homens que vez por outra lhe aparecem. É um erro a prefeitura deixá-la permanecer na praça, porque ela faz as necessidades aí mesmo em latas e depois joga no meio ambiente, sujando tudo. É uma porca". E nisso vivem, ele e ela, e outros tantos que levam uma vida pautada no ócio, a falar dos outros pela esteira dos dias e das horas.

Ele mora com uma filha solteira numa boa casa bem em frente ao Pólo. É viúvo a alguns anos e para maior distração e complemento da renda, colocaram uma lanchonete na parte da frente da casa. De bom aspecto, a lanchonete conta com um variado cardápio de doces e salgados feitos pela filha, ou suas funcionárias, porém o movimento das vendas sempre que vejo é bem inferior aos de outros pontos do Pólo. Talvez não esteja faltando ali um pouco mais de animação como uma boa música, coisa que nunca vi nem ouvi nessa referida lanchonete. Seu Duquinha é aposentado pela rede ferroviária, e ao que parece, a

vida transcorre em brancas nuvens. Tudo que quis da vida já conseguiu. Quanto ao Pólo, faz severas queixas, como a reforma do lugar, a segurança que inexistente, a volta de todos os moradores que antes habitavam o lado do quarteirão em que mora. Hoje ele conta um número reduzido de três famílias que como ele resistem às inconveniências do lugar como barulho excessivo em tempos de festa, a insegurança, a presença de meninos de rua que começam impor o medo, e uma série de outras perturbações.

O Pólo é parte representativa da cidade, e como tal compartilha de tudo o mais que essa vai produzindo e nem sempre com a capacidade de gerir. Pode-se afirmar que o bem e o mal estão lá, é só procurar. Seria ali uma verdadeira caixa de Pandora.

Certa vez seu Duquinha me levou a conhecer sua casa, pois a lanchonete que fica na parte da frente, todos já vêem. É uma boa casa para o padrão adotado no bairro do Conjunto Ceará. Na cozinha estavam sua filha e a funcionária que juntas haviam feito bolos, pastéis e outros salgados a serem vendidos. Queriam a todo custo que eu comesse algo, mas como não estava com fome, apenas aceitei água. Seu Duquinha possui uma certa popularidade naquele espaço em que habita a muitos anos. Seja pela idade avançada, pelo que fala, pelo fenótipo que exhibe não sem um pouco de inclinação, um porte alto e bem magro. Todos ali o conhecem e tem a respeito dele uma idéia formada, ou de bem-querer ou queixa.

No ambiente do Pólo, diversos outros personagens existem e com os quais pouco interagi, como é o caso dos taxistas e mototaxistas, dos meninos do skate, dos meninos de rua, os assim chamados por passarem dias e noites morando na praça do Pólo, e só saindo quando resolvem territorializar outro espaço dessa cidade. Como esses personagens, diversos outros ainda há por mapear e tecer uma descrição a respeito do tipo de sujeitos que são e de como vivem a cidade. Não resta dúvida que ao menos em duas categorias sociais eles possam ser incluídos, a de construtores de alguma imagem da cidade e também de consumidores daquilo que lhes é permitido ter acesso.

Quase todos esses personagens que habitam concreta ou abstratamente o espaço do Pólo, guardam muita similitude com aqueles estudados por Bourdieu em seu livro, *A Miséria do Mundo*. O desemprego, a moradia em um conjunto habitacional, entre outros da ordem existencial ou estrutural.

“Eu não tinha que fazer força para compartilhar do sentimento, inscrito em cada palavra, cada frase, e sobretudo no tom da voz, nas expressões faciais ou corporais, da evidência dessa espécie de miséria coletiva que fere, como uma fatalidade, todos aqueles que estão amontoados nos lugares de rejeição social, onde as misérias de cada um são

redobradas por todas as misérias nascidas da coexistência e da coabitação de todos os miseráveis e sobretudo, talvez, do efeito de destino que está inscrito na pertença a um grupo estigmatizado". (BOURDIEU, 2001, p.85).

5 AS ENTIDADES DO PÓLO DE LAZER

O Pólo de lazer é sem dúvida um lugar tão plural, tão polissêmico em sua forma de ocupar o espaço da cidade, que é possível listar por categoria uma série de entidades que estão plantadas na geografia do seu ser. O Pólo reproduz em menor escala, é claro, a lógica como a cidade está organizada, ocupada e como se relaciona com os seus habitantes.

Ao se descobrir o lugar vem à mente várias perguntas acerca do sentido e do significado que tudo aquilo passa a ter para aqueles que por lá estão, territorializando esse retalho do grande tecido que é a cidade, quanto para tantos outros que de forma eventual passam pelo lugar. Várias representações de lugar salta aos olhos quando se observa o Pólo. A forma como está distribuída algumas das instituições como igreja, delegacia de polícia, agência bancária, pontos de comércio, local dos taxis, tudo em um só lugar, próximos, lembra muito o centro das pequenas cidades. Outras vezes, quando o Pólo se encontra repleto de animais como vacas, cavalos, caprinos, a representação que lhe cabe é a de um lugar longínquo, rural, de estilo de vida pacato. Houve vezes que observei galinhas soltas a ciscar o chão, isso próximo a uma das três residências habitadas existentes no Pólo. Ainda quando o Pólo se enche, fica pleno de festas, então nesse caso ele tanto se parece com o estilo de ser cidade onde um número absurdo de festas acontece, ou mesmo com o interior em que até hoje predominam as festas em forma de quermesses, as feiras, as comemorações cívicas ou religiosas.

Tentarei descrever as entidades existentes no Pólo, organizando-as por categoria. Inicialmente falarei daquelas que se enquadram na categoria de comércio de grande porte, sendo essa forma de definição relativa à realidade do bairro. Temos assim, a churrascaria Mestre Beto, o mercantil super do povo e a padaria GG.

Como é ou como se configura essa churrascaria? Bem, ela está situada na esquina da Av. A com a Av. Central. É uma espécie de cartão de visita para quem chega ao Conjunto Ceará, vindo pela Avenida A. Mesmo sendo um prédio térreo, é vistoso pelas dimensões que possui, tomando toda a região da confluência das duas avenidas, a Central com a avenida A. Passando de vez em quando por reformas, atualmente ele assim se

configura: possui uma fachada toda verde, as laterais que antes eram desnudas, agora estão protegidas por vidros transparentes por onde entra a luz. A visão é privilegiada para quem encontra-se no interior desse estabelecimento, podendo ver tudo que se passa lá fora, sem no entanto se sentir incomodado pelo vento que traz a poeira das avenidas asfaltadas, pelo mendigo que por ventura incomode com sua miséria de vida, o barulho dos carros que não cessam de passar, entre outras coisas. Nos vidros estão inscrições como o cardápio, os serviços que prestam, propagandas inerentes a tudo isso. As letras são de forma e bem visíveis, tudo na cor vermelha.

Existindo desde o início da povoação do conjunto, bem antes da urbanização da praça do Pólo de Lazer, já nesses tempos gozava de um ascendente capital simbólico, em parte por ser pioneira no ramo de alimentação aliada ao lazer e diversão, por outro pela popularidade e carisma que desfruta seu eterno proprietário, o Mestre Beto. Foi graças a esse rentável comércio que o Beto fez fortuna sem precisar sair do bairro. Em entrevista ele me confidenciou que após vários anos de estada no Conjunto, já bem de vida, resolveu ir habitar na Aldeota. Foi estranhamento à primeira vista, pois afirma que o próprio clima bem mais quente desse bairro se encarregou de expulsá-lo. Outras coisas inconvenientes eram o fato de os vizinhos não se cumprimentarem, cada um ignorando a existência física do outro. Acostumado como era a ser cumprimentado em qualquer local do Conjunto Ceará ou até do Centro de Fortaleza, dada a dimensão do quanto é conhecido, como comerciante antigo e por uma rede de amizade infundável que foi construindo ao longo dos anos. Para ele não teve outro meio senão bater em retirada para o antigo bairro, onde está até hoje.

Voltando ao interior da churrascaria Mestre Beto, observei suas paredes pintadas com cores claras, piso de cerâmica quadrada grande, lotada de mesas de plástico branco com quatro cadeiras. A toalha que recobre as mesas as vezes varia, é vermelha ou verde, raramente amarelas, de tecido grosso, o brim. No teto foram instalados meia dúzia de ventiladores, daqueles que ficam presos no teto, são vistos no exterior da loja, possuem hélices embutidas e não se ouve barulho nenhum. Só o ambiente se arrefece com o frescor advindo lá do alto.

Circulando por entre as mesas, está um batalhão de garçons, pois essa é uma marca inconfundível do atendimento ali, ter sempre muitos funcionários para rápido atendimento dos clientes. Lá num canto discreto fica a mesa caixa, espécie de balcão onde

invariavelmente está ou o Beto ou um dos seus filhos. Dali eles fornecem as notas que vão às mesas e dessa forma os garçons podem acrescentar tudo o mais que o cliente for demandando.

Como empresário empreendedor, o Beto está sempre inovando, e mais recentemente implantou o "self-service", em que uma variedade bem maior de carnes, verduras e outros tipos são oferecidos à clientela. Fora isso já vendia quentinhas variadas a muito tempo, sem com isso deixar de servir pratos diferentes de forma tradicional.

Segundo o próprio Beto, a sua churrascaria é um dos pontos tradicionais da área do Pólo de Lazer, em que o público freqüentador sempre foi a família. Sendo esta residente no próprio bairro ou mesmo nas imediações. Em geral essas pessoas muito embora já dispendo de condições financeiras que as permite almoçar fora aos domingos ou fazer um jantar diferente de vez em quando, por comodidade ou por economia, escolhem a churrascaria do Mestre Beto. Este local de lazer era um dos poucos existentes naquela grande área, e o que oferecia uma melhor apresentação. Mas é ainda o Beto que informa, que de certos tempos para cá, a crise vem se acentuando, e as pessoas ou famílias que costumavam vir ali para se divertir, cortaram essa regalia de seus orçamentos. Hoje quando muito, se permitem esse privilégio é de apenas uma vez ao mês, mas ainda assim pedem para parcelar a conta, ou no mínimo para ser paga só depois de um longo tempo para o comerciante, por exemplo, 30 dias após.

Nessa churrascaria, espécie de consultório psicanalista, uma grande quantidade de pessoas ali costuma chegar e ter o Beto como um conselheiro, um amigo ou qualquer outro profissional da escuta. Contam-lhe seus dramas, problemas de toda espécie, pedem-lhe às vezes muito mais que simples conselhos e opiniões, pedem ajuda material para o enfrentamento dessas situações embaraçosas ou quando não fazem isso, pelo menos solicitam empréstimos, como se o comerciante fora o próprio banco do povo, ou quem sabe uma dessas representações do Estado assistencial, tão bem personificadas em muitos vereadores que se elegem por aí.

É por isso que pontos do Pólo como esse, que ultrapassam a mera função comercial para a qual foram criadas, passam ter status de instituição, aquele tipo de coisa que é verdadeiramente nomeado pela fala e usos de pessoas que começam ver um algo a mais nessas entidades concretas, mas com um pouco de abstratas pelo meio.

Todas as vezes que passava do lado ou em frente a churrascaria, sendo de noite ou durante o dia, sempre havia muita gente em seu interior. Porém o maior movimento era mesmo o de final de semana. A churrascaria é assim o carro-chefe que inicia o Pólo pelo lado leste. Trazendo-lhe movimento, destaque e um certo capital simbólico.

O Supermercado do Povo, esse se pode dizer está na mesma ordem de classificação da churrascaria Mestre Beto. Inaugurado há muitos anos, ganhando status de pioneiro e de preocupado com o conforto do povo do Conjunto Ceará, já tendo nascido grande, portanto pertencente a alguma rede de supermercado que sabiamente descobre o potencial de consumidor de periferia.

De porte grande, o Super do Povo assim como o Pólo de Lazer em que está localizado, vive passando por reformas. A última delas, mudou a frente que era na Avenida A para a lateral esquerda, isso após abrir uma espécie de galeria que liga essa avenida acima à Rua 602. Sendo que a largura do quarteirão onde está tal galeria não é tão larga assim. Mede uns vinte metros mais ou menos. O conforto aumentou, pois a galeria é toda coberta, facilitando o estacionamento ou embarque em carros ou taxis cujo ponto fica bem ao lado. Também no estilo da churrascaria do Beto, o Super do Povo teve dois dos seus lados com as paredes mudadas para vidros. Foi instalado ar condicionado, por sinal tão forte dadas as proporções do ambiente, que sempre que estou lá me pergunto como é que os funcionários agüentam, se são eles as criaturas a passar a maior parte do tempo no seu interior, e ainda por cima vestindo simplesmente fardas adequadas ao nosso clima muito quente.

Mas, o que conta mesmo é que ficou mais agradável de realizar-se as compras nesse referido mercantil. Lá tem tudo, frios, bebidas, frutas e verduras, cereais e mais uma variedade de outras coisas como artigos de armarinhos, etc. porém, uma outra coisa que lhe é muito característica é o alto preço das mercadorias. Observo pessoas com o carrinho cheio e me pergunto se fazem aquilo por pura acomodação, pois atualmente há vários mercantis de porte médio cujos preços são quase metade do que é cobrado nesse maior. Quem sabe é outra situação onde o cidadão adquire tíquets, e esses não são trocados facilmente em qualquer lugar, por mercadorias. Então vão ali mesmo, dadas essas circunstâncias.

O público é outro dado que chama a atenção. Sempre há muita gente efetuando compras no interior desse supermercado. Em geral, esse público é constituído por aquelas pessoas com algum poder aquisitivo como funcionários públicos estaduais ou municipais e outros. É rotineiro virem de carro próprio, lotarem o estacionamento e dessa maneira fazerem a feira de compras quinzenal ou mensal.

Mesmo raramente, às vezes há promoção nesse estabelecimento. Nesses dias um verdadeiro fenômeno ocorre, ele é formado por aquelas pessoas de menor ou quase nenhum poder aquisitivo que aproveitam esses dias para por em prática o desejo infinito de consumir, de comprar o que pensa que quer, enfim, é quando aflora aquela noção de que ser cidadão é ter o poder de compra. Produto antes só possuídos na imaginação, agora se efetivam de fato na aquisição real de fato. E outros tantos produtos triviais que por estarem com uma redução em seus preços, são levados para casa em excesso, dentro de um desejo de possuir, estocar, ver quantidade.

Por ocasião de festividades como aniversário dessa instituição comercial, ou períodos natalinos, o mesmo fenômeno volta a se repetir. A publicidade é feita por meio de cartazes afixados nas paredes, e vidros, nos panfletos coloridos ou via rádio comunitária, como é o caso da FM Pólo, que conquistou a preferência em ganhar a publicidade dessa e de outras instituições da região.

Muitas vezes quando paro e olho esse mercantil pela frente, vejo detalhes nunca antes percebido como a fachada da cor creme com barra larga na parte inferior revestida de cerâmica da cor cinza-claro, tendo os contornos de cada peça do revestimento na cor preta. Dessa mesma cor são as finas colunas que seguram e enfeitam a parede de toda a fachada. Já mais próximo da porta de entrada ficam as vitrinas que exibem uma boa variedade de bebidas que vão desde cachaças produzidas em Fortaleza ou na região metropolitana, até wiskes importados ou boas garrafas de vinho. Bebidas finas e caras é bem provável que sejam pouco vendidas, mas mesmo assim o mercantil não deixa de exibi-las e tê-las sempre em seus estoques. Bem, dessa forma é que se mantém um mercantil desse porte em meio a um bairro de classe assalariada, numa periferia de uma grande cidade. Aparentemente sem condições de expansão, dada os altos preços que cobra, mas, no entanto surpreende pela tradição que vai criando no ambiente do bairro bem como do próprio Pólo.

Algo que também dá para se notar são as pichações que estão espalhadas na parte detrás do mercantil. Elas estão por toda parte, com exceção da frente. São inscrições de difícil tradução para quem não é do ramo, ou das tribos. Com desenhos que aparentemente deciframos o que significam, muito embora não coincidam com o verdadeiro sentido para o qual foram feitos.

Existe ainda uma única placa luminosa, posta na frente do supermercado, onde se lê Super do Povo escrito em letras maiúsculas e mais abaixo, já em letras minúsculas, a seguinte frase, compre bem aqui. A placa contém a palavra super na cor vermelha contornada de amarelo, e as palavras "do povo", em azul contornado com amarelo. A última frase, o "compre bem aqui", está de amarelo numa barra vermelha. O restante da placa é todo ele branco. Parece muito pouco essa identificação para um estabelecimento desse porte. Mas ao que parece, não advém daí o seu reconhecimento e uma certa tradição já construída na região. Talvez sua fama se explique pela localização no Pólo, o fato de já ter se instalado ali em tamanho grande, entre outras coisas.

Outro estabelecimento comercial que se encaixa na mesma categoria desses dois últimos, é a padaria GG. Datando sem dúvida do mesmo tempo de instalação da churrascaria e do mercantil, ela funciona desde o início do povoamento do Conjunto Ceará. Pertence até hoje a uma só família. Sendo que muitas estórias já lhe aconteceram, sem abalar, no entanto, sua estrutura e funcionamento, segundo insinua o meu informante de uns tempos atrás, o Jonhson. Muito embora sem espaço suficiente para oferecer mais serviços como mesas com cadeiras onde o cliente pudesse comprar, depois sentar e desfrutar dos tipos de massas com sucos ou refrigerantes, ali oferecidos, nem por isso essa padaria deixa de estar sempre lotada de pessoas comprando, nem de mercadorias e produtos que são expostos e empilhados por todo lugar onde for possível estocar. Em geral o movimento maior se dá em horários de pique como pela manhã ou à tardinha.

Desde o tempo que a conheço a fachada nunca mudou. Sempre foi uma placa luminosa branca com letras azuis escuras. Essa padaria atende pessoas de um vasto território que vai do bairro Granja Portugal, apenas uma parte desse, Conjunto Ceará, nas etapas I e II, e quem mais passar por lá, mesmo sendo de outros bairros que não estão assim tão próximos como Granja Lisboa, Bom Jardim, Santa Cecília, Bom Sucesso, etc.

O interessante da coisa é o reconhecimento. Para qualquer pessoa que reside num desses bairros vizinhos já há algum tempo, que se pergunte se conhece ou sabe onde fica a padaria GG, todos são unânimes em afirmar que sim, eles sabem tudo não só da padaria mas do Pólo, e de outras instituições comerciais como a extinta farmácia do Crisóstomo (pessoa que inclusive entrevistei) que localizava-se no entorno do Pólo. E assim por diante.

Outro detalhe que observo, é que esses três pontos comerciais de destaque não apenas na geografia do Pólo, como do próprio conjunto habitacional e da vizinhança, estão por assim dizer, alinhados. Todos têm como endereço, a grande avenida A, que margeia o Conjunto Ceará a leste. É provável que esse pequeno fato tão estratégico, de "marketing" mesmo, seja essencial para acontecer essa identificação rápida.

Em outra classificação, poderíamos aglutinar o tipo de comércio de médio porte, na estrutura sociológica do Pólo. São aquelas barracas construídas no tempo da reforma do Pólo de Lazer. Iniciaremos por uma delas cujo nome é "Shamego Bar", Localizada próxima à esquina da Rua 602 com a Avenida Central, tendo a frente para essa avenida, é uma das barracas que praticamente nunca passou por uma reforma. De aspecto envelhecido e porque não dizer, empobrecido, não apresenta atrativos nem visuais como a presença de cores e decoração no ambiente, nem de serviços que conquistem e façam a diferença. Por certo os meios de trabalhar de seu proprietário são modestos.

Nessa barraca todo final de tarde, um funcionário acende um fogareiro onde assarão carne no espetinho de cipó. Os espetinhos servirão como tira-gosto aos consumidores de cerveja e outras bebidas contanto que comprem. Aqui como nas demais barracas, sempre há um bom público, basta a noite ir se prolongando que ele aparece como algo que talvez seja movido pelas forças noturnas, ou ainda da lua ou das estrelas, enfim, de alguma simbologia desse tipo. É um público não tanto seletivo, a ponto de chegar e sentar e beber num ambiente igual a esse. Vai depender muito mais da influência da companhia, da magia envolvente do lugar, do sabor da bebida que vai consumir que é o mesmo não importa aonde esteja. Então por isso mesmo é que sempre há pessoas que não escolhem o ponto em que irão fruir da hospitalidade do Pólo. Porém, existem aqueles que ficam fregueses de um só desses pontos no Pólo, e por mais que se encontrem lotados, não há meios que os faça mudar para outra barraca. Acostuma-se beber e conversar somente ali criam verdadeiras

amizades com os respectivos donos desses ambientes. Em suma se estabelece uma relação de fidelidade entre clientes e proprietários.

Essa barraca é a mais próxima de todas tanto da pista de skate como do ponto dos taxistas, que fica exatamente na esquina da Rua 602 com a Avenida Central. Pode-se estar em uma de suas mesas e desse ponto privilegiado observar-se a beleza do balanço ou se poderia denominar de dança, dos meninos e rapazes que praticam esse esporte. É raro se ver uma moça iniciando, dando os primeiros passos nesse tipo de diversão, mas algumas vezes há uma treinando, ainda sem muito jeito. Então, dessa barraca tem-se uma visão panorâmica e até certo ponto emocionante da prática de skate onde a todo instante os praticantes levam tombos e quedas que deixam o espectador estupefato. A outra vantagem é ficar olhando os taxis parados bem próximo, logo, caso precise, é só chamar que eles estão ao alcance da mão.

Mais à frente está a barraca do seu Chico que é conjugada com mais outra. As duas têm aspecto semelhante, ar de abandono e descaso, e mesmo diante desse grau de congruência, seus donos são rivais. O único diferencial entre ambas, e também entre as demais que estão ali, é o monte de coco verde exibido na barraca do seu Chico, com pouco consumo, chegam permanecer dias a fio.

Essas barracas se bem zeladas poderiam trazer ao Pólo um impulso maior nas vendas, na frequência com que as pessoas de todos os bairros vizinhos vêm ao Pólo, bem como a adesão de um público jovem que é maioria principalmente nessa região periférica da cidade. Da forma como estão, é improvável que uma pessoa jovem venha a frequentar barracas nesse estilo da Shamego Bar e as duas outras das quais estou falando.

Tanto na barraca do seu Chico como naquela que lhe é conjugada, durante a tarde quando abre para o público, o som fica ligado na FM Pólo. O estilo de programação e música se destina às pessoas de nível de informação muito elementar. Logo um jovem ou qualquer outra pessoa com um nível de exigência maior jamais frequentará um lugar desses. Situadas mesmo na Avenida Central, essas três barracas se com proprietários mais empreendedores, poderiam causar um bom efeito na economia de modo geral.

A barraca Maculelê está logo atrás dessas duas e mesmo recuada não passa despercebida no olhar de quem quer que passe por ali. Seu dono é caprichoso e inquieto com as coisas que permanecem por bom tempo inalteradas. Sem querer exagerar, num

intervalo de um ano, ele chega reformar essa barraca umas três vezes. Quando não é uma mudança significativa, ele ao menos acrescenta um detalhe aqui, outro ali, acentua as cores, põe um vitral, enfim é na essência um ambiente dinâmico e porque não dizer, dialético. Seu proprietário vive literalmente com a barraca na cabeça, ele pensa noite e dia que programação cultural acatar, que mercadorias agregar àquelas que habitualmente já comercializa, como atrair mais e melhor o público fruidor do Pólo, que dias abrir para funcionamento, qual melhor horário para funcionar, em síntese, como revitalizar as coisas no ambiente dessa praça que sofre de abandono por parte das autoridades do município.

A barraca Maculelê possui apenas um cômodo, onde as bebidas são guardadas assim como o equipamento de som e outros objetos mais de posse do dono dessa espécie de bar. Na frente fica um "alpendre" que ajuda na proteção contra o sol e até ajuda na questão da segurança de quem se encontra no local, seja ele consumidor ou cliente, ou ainda o próprio comerciante. No lado direito estão os banheiros masculinos e femininos, construídos pelo proprietário. Esse tipo de estrutura se repete em todas as cinco barracas existentes no Pólo, que funcionam como bar. Colunas finas e de forma arredondadas, em número de duas no mínimo, seguram essa franja que é o telhado do alpendre.

Nas festas ocorridas em tempos passados, a reclamação após essas festas era geral por parte de quem vive o lugar, trabalha lá o dia todo, ou pelo menos passa de vez em quando. É que no Pólo não há banheiros públicos, e quando da ocorrência de algum evento, aqueles existentes nos bares, não estão disponíveis para a multidão. Felizmente o bom senso tem prevalecido, e em todos os eventos, agora são colocados "banheiros químicos". Estes são móveis e quando do final das festas, eles são retirados, e sem dúvida, deixando o meio ambiente mais limpo. Mas não seria de todo mal, se houvessem banheiros públicos e com manutenção, no ambiente panorâmico do Pólo.

O que o Pedro, dono da barraca Maculelê procura, é fazer um diferencial em tudo quanto se relaciona a esse ponto comercial. Primeiro não o denomina de bar e sim de "espaço cultural". Então, a partir daí todo o restante de sua empreitada, é conseqüência. A decoração caprichosa feita por seu irmão Heleno que é artista plástico e cantor é rica em desenhos como violão que se deixa entrelaçar numa imensa cabeleira, colocados num plano que dá a entender que está anterior a um por de sol, tendo ainda do lado, berimbaus misturados a cordas silhuetas femininas e flores. Assim está configurada a fachada e as

paredes dessa barraca. Sendo que a todo instante, como já disse antes, é provável de o Pedro mandar acrescentar um detalhe novo, como uma janela de vidro colorido, um material que imita pedra, uma pintura abstrata por todas as paredes, uma variedade de coisas que a todo instante é bem possível de ele mudar no ambiente da barraca.

Na Maculelê, os cuidados excessivos do proprietário não se restringem apenas à questão cultural, mas também se voltam para a ecologia. Por sua conta instalou lixeiras suspensas ao redor, trouxe mudas de plantas e as plantou, elas já estão crescidas e dão sombra e embelezam o tempo todo. Um único defeito que lhe concerne (a ele Pedro), é o de querer se apropriar de todo o espaço público que for possível. Caso a prefeitura lhe desse o arbítrio de cuidar, tomar conta de todo o Pólo, por certo que o zelo emprestado à Maculelê se estenderia ao espaço inteiro do Pólo. Projetos na cabeça do Pedro, sem dúvida não faltariam, ao contrário, brotariam como um fluxo de uma fonte. Mas, por outro lado, o desejo individual de se apropriar de tudo aquilo certamente não o deixaria em paz, jamais.

Quando se olha de uma certa distância, tem-se a impressão que a Maculelê mais parece uma representação da casinha de João e Maria dos contos de fada, de tão enfeitada que sempre está. É uma variedade de detalhes, como a porta formada por duas partes, no estilo daquelas de filmes de "bang, bang". Mais recente são as telhas todas pintadas de um colorido formado de amarelo, azul e vermelho. Duas pequenas torres foram acrescentadas no telhado, sem dúvida a título de decoração, enfeite, pois outra utilidade não alcanço nessas saliências que poderiam ser interpretadas como dois chifrinhos ou pequenas torres de um castelo de ninguém.

É tudo que o Pedro quer que a Maculelê tenha identidade, seja uma "distinção" no universo do Pólo de Lazer. E isso ele busca tanto no aspecto visual ou estético, como nos serviços que oferece à clientela, na preocupação que manifesta nas coisas ligadas à cultura, ao regional e local. Existe essa idéia boa que o Pedro cultiva, que é quase ideológica, de ajudar, dar vez, voz e visibilidade ao artista com talento, mas muitas vezes sem nenhum tipo de capital, nem simbólico nem real. Ele pensa concurso de poesia, de música de qualidade (aqui ele excluiria o pagode, o axé, etc), trabalhos de artes plásticas como a pintura e a escultura, enfim, uma variedade de coisas positivas que ajudasse muita gente que precisa sobreviver e garantir um lugar ao sol. Não esquecendo que o Pedro tem

interesses interesseiros como diria Pierre Bourdieu, em lucrar com todos esses negócios vantajosos. Foi nessa barraca onde mais tempo permaneci em minhas observações do Pólo. Sendo que em primeiro lugar vem a banca da Célia. Ambos os lugares se constituem para mim como autênticos "angares" de onde se pode realizar uma incursão pelo vasto mundo do Pólo. O ponto de visualização da Célia fica numa geografia baixa do lugar, mas oferece uma boa visão, já o ponto do Pedro fica na parte alta e por isso com boa visão também.

Dentro dessa classificação de tipo de comércio que são as barracas, vem mais uma que fica localizada um pouco mais distante das demais. É a de nome Cajueiro Drink's e de fato está sob a proteção da copa de um velho e grande cajueiro. Essa barraca funciona tanto na parte da frente que fica mesmo na Avenida Central como também na parte de trás. Dentro do estilo massificado como bem condenaria o Pedro, é a que mais movimento tem. Sua programação é sempre serestas ou músicas apaixonadas sertanejas. Esse estilo de programação agrada igualmente bolo em fim de feira. Um grande e assíduo público faz dali sua própria extensão de consumo, de amar, de ver o mundo ao seu redor, sua forma de interpretar seu mundo bem particular, bem como pensar aquele outro a que não tem acesso, como o da política, da economia, etc.

De todas elas, essa é a barraca com o maior número de freqüentadores à noite, talvez porque se encaixe muito bem no "mass-média" desse público. Sem muita inovação, o serviço oferecido é sempre o mesmo, músicas consideradas "bregas", muita bebida sendo a cerveja a predominante, e os tira-gostos como lingüiça frita e churrasquinho de carne. Quando há serestas, a casa fica cheia, como se diz. O que se vê são mesas com todas as cadeiras ocupadas, de um público que se coloca da fase adulta para cima. São casais namorando, se encontrando, sejam eles permitidos ou contrariando algum dos cônjuges que foi deixado de lado nessa diversão. Certa vez conversando com o dono da Cajueiro Drink's, ele dizia que nunca se viu um lugar para se cometer tanta traição conjugal como no Pólo. Não sei se nisso está uma força de expressão, um emprego de hipérbole, apenas para causar espanto a quem não vive dia e noite o lugar misterioso e ao mesmo tempo discreto como um detetive dos contos de Edgar Poe, mas desse jeito é o Pólo.

Sendo um pouco mais afastada das demais, essa barraca conta com um amplo espaço só para ela. Estando lotada, ou com pouca gente, a iluminação é sempre mais

pendente para a penumbra do que para o claro. Situada exatamente na Avenida Central, tendo uma vista que se prolonga até o iluminado Terminal do Conjunto Ceará, isso de noite. Quando de dia, o olhar vai mais longe e alcança as azuladas e longínquas serras que contornam essa Fortaleza cidade. Mas mesmo com acuidade visual, ao se passar de noite do lado da Cajueiro Drink's, não é fácil, ou possível identificar quem está sentado bebendo. A discrição ainda é mais acentuada pelas sombras da imensa copa do cajueiro. Pena que ele não seja bem cuidado então sua folhagem é um pouco escassa, mas assim mesmo faz efeito.

Do mesmo jeito que em vários outros pontos do Pólo, aqui também a fumaça intensa que sai da churrasqueira, espalha pelo meio ambiente o cheiro de gordura animal por sobre o braseiro. Isso é quase um truque de marketing, um jogo envolvente que atrai pela força do olfato e do paladar, o cliente até lá. E se o critério fosse outro, por exemplo, aquele de uma boa higiene do bar com seus apêndices os banheiros, então sem dúvida a dispersão seria a regra. Com seu aspecto brejeiro a Cajueiro Drink's não se diferencia das outras barracas, com exceção da Maculelê, todas elas não ligam a mínima para uma boa apresentação do que seja um lugar asseado e com boa qualidade nos serviços.

Embora eu não o inclua na mesma classificação desse tipo de comércio que são as barracas de alvenaria construídas pela prefeitura, o Shopping Ceará também é uma modalidade de comércio ou um empreendimento reconstruído para impulsionar uma espécie de economia que rege o Pólo. O Shopping nasceu da reforma de três galpões em que funcionou uma distribuidora pública de alimentos, a antiga COBAL. Essa foi instalada desde quando o conjunto foi habitado, mas com o descaso dos governos estaduais e federais e outros com as políticas sociais foram gradualmente sendo postas de lado.

Os galpões passaram vários anos completamente abandonados, até que um grupo de comerciantes locais reivindicaram do governo estadual, uma transformação daquelas velhas instalações. Quando pronto, as mais de duas dezenas de lojinhas disponíveis para aluguel enfrentaram dificuldades de serem ocupadas. As poucas que ali se instalaram, cresceram os olhos, ensejando vender suas mercadorias como se fosse de um grande shopping de uma área supervalorizada da cidade. O resultado disso foi a queda das vendas, o fechamento de quase todas e situação difícil para as duas ou três que teimam em ficar. Um dos problemas mais sérios é o da segurança mesmo.

Atualmente, o marasmo toma conta mais uma vez desse empreendimento. Novas propostas já estão surgindo e, portanto sendo discutidas para uma possível implementação. A revitalização de um prédio como esse é fundamental para a vida social e econômica do Pólo de Lazer. O grupo de pessoas que "administra" o shopping está acatando as propostas que vem surgindo, como funcionar ali a casa do cidadão, ou alugá-lo para ser agência do Banco do Brasil ou ainda ocupá-lo com eventos culturais rotineiros como exposição de fotos, de pinturas, feiras de artesanatos, festas com temáticas específicas como rock, rap, jazz, etc. todos torcem para que uma dessas coisas dêem certo.

A presença do shopping é como a de um grande navio fantasma em meio ao oceano que é o Pólo. Está ali mas não serve para nada. Mesmo assim sua estrutura é até bem conservada e ele ainda conta com um zelador que mantém tudo muito limpo em seu interior. Várias lojinhas cuja frente dá para a parte exterior não há como a noite evitar que os vândalos que por lá passam, depredem, façam pixações, e transformem tudo num banheiro público. Esse é o lastimável estado das lojas que ficam nas laterais desse prédio.

O prédio em si, bem como o empreendimento como um todo, tem muita história para contar. Desde o antigo modelo de galpão que tinha, até a reforma por que passou, contando com os detalhes que lhe foram acrescentados, as tintas nas paredes, nos portões, as colunas que ganhou, mistura de cores que de perto lembra o traço do mesmo arquiteto que desenha os prédios do ABC, que é outro modelo de assistência sócio-educativa levada à frente pelo governo do Estado.

O shopping está localizado um pouco recuado em relação à avenida Central. Embora seja uma boa distância, à sua frente nada existe que impeça a visão que vai além da avenida Central, sendo possível ver um colégio particular, o Franklin Gondim, atualmente alugado para a prefeitura de Fortaleza, portanto uma "escola anexo", que se situa no entorno do Pólo e muito mais. O que se vê na frente do shopping, são alguns aparelhos que se destinam à prática de exercícios físicos como o de praticar barra, flexões e outros, mas todos eles estão ruindo, enferrujados e precisando de conservação. Há doze anos quando foi concluída a urbanização do Pólo de Lazer, tanto nesse ponto como em mais alguns ficaram equipamentos que se destinavam ao lazer das crianças, porém como eram de madeira, troncos de carnaubeiras, foi alvo fácil à destruição.

Caso se volte ao shopping, para adentrar em seu interior, é necessário subir uma pequena escada de doze degraus, isto na frente ou na parte detrás, ou no lado esquerdo, onde a construção está elevada do solo uns dois metros. O piso é todo ele em saibro, um tipo que se assemelha ao cimento, só que todo quadriculado nas dimensões de um metro quadrado. Já o piso interior das lojas é de um revestimento bem melhor. As paredes são coloridas e caprichosamente pintadas e envernizadas, para ficar com aparência de que estão brilhando. Todas as lojas do interior do shopping têm portas de vidro sem dúvida para facilitar e também ampliar a visão das mercadorias que estão expostas em seu interior. O espaço que separa um lado do outro, formando um corredor, é coberto e bastante amplo, sendo arejado e ventilado. Até que nessa parte o empreendimento se aproxima da estrutura de outros shopping.

Fica na parte detrás o que considero mais relevante daquilo que se pode desfrutar da localização do Pólo. Nesse lugar existe uma mini-praça, de formato circular, guardando uma boa conservação, haja vista o pouco uso que se tem feito dos seus equipamentos como os bancos que conformam círculos ou semicírculos. Mais além, uns cinco metros, lá está um pequeno bosque formado de eucaliptos enfileirados que soma um total de quinze plantas. Todas bem altas, caule liso, folhagem somente lá no alto. Plantadas a um só tempo, cresceram juntas e sem dúvida num tempo sossegado, em que grupos de jovens e crianças ociosas ainda não territorializavam o Pólo. Mesmo que eu volte a frisar que essa parte do Pólo é bem pouco usada, pois somente alguns poucos casais "mal" intencionados para lá se dirigem a qualquer hora do dia, mas em especial, no final da tarde quando esperam a noite chegar para mais tranqüilamente praticarem atos obscenos ou amorais como é o próprio ato sexual. É por isso e pelo fato desse ponto do Pólo contar com pouco movimento de pessoas, é que a chamada família, ou mães com os seus rebentos ainda não aderiu aos maravilhosos passeios que o ambiente poderia e efetivamente pode propiciar.

Quem por ventura já experimentou passar por esse recanto do Pólo, e lá permanecer sentado ou seja como for, prestando atenção na paz que o instante ali faz acontecer, verá como tal fenômeno é possível e real. Sentirá como se o próprio lugar se encarregasse de envolvê-lo num abraço, protegê-lo do barulho do trânsito que não cessa um só momento nos dois lados mais próximos dali, na avenida Central e na outra a avenida B. Sentirá quão

agradável é a brisa leve que passa por lá, impulsionada pelo vôo dos pássaros que cantam a toda hora e não param de se movimentar de uma árvore a outra. E se por acaso tiver ouvido sensível o suficiente, poderá ouvir música que nasce do balanço das folhagens dos eucaliptos e de plantas de menor porte que emprestam alma ao chão daquele lugar. É sem dúvida um dos poucos lugares do Pólo onde predomina um certo ar bucólico, romântico, muito embora muita gente dali não soube ainda descobrir. Talvez, somente aqueles casais de pessoas as mais "ordinárias", possíveis no dizer de De Certeau é que gozam desse tipo de privilégio. Mas quem sabe, não atentem para nenhum detalhe importante pois somente vão ao lugar para usá-lo e não para interagir melhor com ele como seria num processo de fruição.

Uma outra modalidade de comércio é formada por pequenas bancas, que sem dúvida constitui uma economia à parte, mas sem dúvida movimenta algum tipo de capital por menor que seja. Este não deixa de ter importância para pessoas de vida tão simples como são essas que pacientemente sobrevivem de negócios tão pequenos. E segundo informam para mim, estes meios de vida são os únicos de suas existências atuais. Alguns poucos deles fazem "bricolagens", espécie de bicos, isto quando aparecem.

Todas essas bancas estão situadas na parte mais movimentada do Pólo, que é o lado da avenida Central. Isto é, aquelas que são fixas, pois as móveis, seus donos vagueiam por ruas, bairros vizinhos, bem como por todos os lados do Pólo, a procura de clientes para o tipo de mercadoria que vendem, como pipocas, milho verde, frutas cuja unidade de medida é a lata, como é, por exemplo, o cajá, murici, cirigüela, acerola, entre outras como a laranja, a manga, etc.

Então, inicio falando de uma delas cuja ordem é a primeira, para quem desce pelo Pólo, vindo da churrascaria no sentido da igreja matriz. É a banca do Zé Branco, lugar cativo em que habitualmente ele vende batatas fritas. A rotina só é quebrada quando chega o momento das festas. Nessas ocasiões a variedade de coisas aumenta, há pirulitos, espetinho de carne, queijo assado, fora às bebidas que também são incorporadas. De estrutura muito tênue, talvez lhe valesse muito mais o conceito de entidade, ou apenas o de ser, do que propriamente o pomposo conceito de instituição. Opto por esse último por compreender a permanência, gerando de tal modo uma tradição na forma como está no

lugar, as teias de solidariedade que vai gestando, a cumplicidade também construída entre o vendedor que é o mesmo dono da banca, e a clientela, enfim uma série de expressões e representações do comportamento dessas pessoas que é instigada pelo lugar. O aspecto sociológico está nesse reconhecimento mútuo gerado do encontro, quase diário entre esses homens e mulheres que trocam algo muitas vezes abstrato como o sorriso, os cumprimentos, outras vezes suas próprias misérias em forma de estórias, narrativas, ou mesmo o que de fenomenal ou extraordinário lhes venha suceder.

A importância disso tudo é o fato de os sujeitos se sentirem incluídos, fazendo parte de uma mesma instituição, assim como de longe comparada ao tipo de comércio que era o "Kula", para os melanésios, onde todos tinham algo para trocar, então de tal modo fazer parte de um todo, se incluir inteiramente. Logo, guardando as devidas distinções, há no Pólo de Lazer, alguma coisa semelhante nesse ritual do encontro, do comércio, da troca.

A banca do Zé Branco faz parte de uma rede maior de entidades que envolvem o Pólo, que o faz ter existência e identidade, que lhe dá um capital simbólico e o faz diferente face à cidade em que está inserido e ao mesmo tempo em que guarda com essa um quê de semelhante. O ecletismo está no fato de lá se encontrar pessoas, culturas e práticas sociais as mais díspares. É comum vir pessoas de diferentes pontos da cidade. O que vêm realizar em lugares tão diferentes daqueles em que normalmente habitam, é outra coisa que se destaca, chama a atenção. Mas, por outro lado o que existe de umbilical é em geral haver um contato, uma pessoa pelo menos que funciona como o mobilizador de muitas outras que no Pólo chegam todas as noites, porém com maior ênfase, em momentos de festas e outros eventos.

Pode ser em qualquer noite que se escolha para ir observar o Pólo, lá estão pessoas diferentes não só para a pesquisadora, mas para todos ou grande parte dos que ali vivem diariamente. É provável que quem venha ao Pólo, conheça no mínimo uma pessoa dali. Como pode haver casos de quem mesmo não conhecendo ninguém, se aventura para esses lados da periferia, tantas vezes muito mal falada pela mídia, ou pelas pessoas em geral, mas que desconhecem a realidade mais de perto. Exemplificando casos assim, vi artesãos de países que se não estou agora equivocada, eram o Chile ou o Equador, onde uma mulher desse grupo era casada com alguém de Juazeiro do Norte, vendiam figuras sanfonadas que

eram possíveis de se transformar em várias outras, e muitos outros objetos por eles confeccionados. Estavam no Pólo, noite afora, com seu eterno discurso de vendedores avulsos a convencer o possível cliente. Por erro de investigação, não ousei interrogar-lhe se estava ali por conhecer alguém. Mas o que é relevante é a confluência de um número cada vez mais crescente de pessoas que por motivos diferentes vão ao Pólo.

E nesse caldeirão de acontecimentos, lá está a banca do Zé, sem saber que faz história no cotidiano da imensa cidade, sem mesmo se dar conta de que está sendo nomeada com o status de instituição, elemento importante na configuração da grande praça que se chama Pólo de Lazer Luiz Gonzaga.

Enfileiradas também estão as outras barracas, da Sílvia, do rei da batata, do seu Miron, do imperador, da Célia e ainda o que não chega a ser nem mesmo uma dessas bancas, que é apenas um ponto de venda de milho verde. Esse ponto tradicional pertence ao Armando, um homem negro e aparência já de pessoa envelhecida, muito embora a idade não corresponda a essa evidência. Todas podem ser reconhecidas como pequenas instituições que ajudam compor o cenário ou o corpo físico e até simbólico desse espaço de lazer que é o Pólo. O local onde está a vender milho, o Armando fica sentado por toda a tarde, e parte da noite. O panelão de alumínio com água fervente está á altura de Armando sempre sentado num pequeno banco de madeira. Com seu chapéu sempre na cabeça assim como o cigarro na boca, queimando lentamente, formando figuras estranhas e imaginárias no ar. Com a boca selada qual um envelope que viaja pelos correios, assim é a performance daquele senhor que até parece reinar absoluto nesse pedaço de chão que nem mesmo chega a ter as dimensões de uma "cova funda" como diz lá na poesia de João Cabral de Melo Neto.

No mundo de cada dono e dona de bancas como essas, um universo de estórias se esconde e como num mar de invenções estão todo dia e toda hora a acontecer. A banca da Célia é a mais paradigmática no tocante a questão da institucionalização. Em parte pela atuação da dona, a Célia que tem a maior facilidade de criar amizades, iniciar uma conversa, claro que são assuntos triviais, ou da ordem das fofocas ou ainda pornográficos que é sua especialidade. Mas tudo isso que parece não ter a menor importância, serve para cingir um grupo de pessoas que por motivos vários vêm ao Pólo em busca de não sei lá o

que. Mas com o hábito que costumam criar em vir ali, terminam se inserindo, gostando e fazendo dessa atitude, uma extensão de suas vidas. Com o passar do tempo trazem outros indivíduos como amigos, às vezes irmãos ou outros familiares e desse jeito é que não pára de crescer o público freqüentador do Pólo.

As bancas e outros estabelecimentos comerciais são como ímãs que aglutinam pessoas das mais diversas origens e pelos mais diferentes motivos. Acerca do assunto que todos concordam que há venda de drogas naquela área, ninguém assume que seja um revendedor de tal produto. Mas que por ali há vendas e usos desse produto, todos são unânimes em concordar que é um fato real. Afora isso, a importância de tudo quanto está no Pólo, desde essas pequenas bancas até outras coisas bem maiores como os comércios, as agências bancárias, reside no fato de todas elas terem o poder de aglutinar pessoas, possibilitar sociabilidades, marca incontestável do Pólo, fazendo do lugar o que de fato ele é no imaginário de todas as pessoas que o conhecem e que fazem questão de freqüentá-lo.

Desde o instante em que abrem, ou melhor, passam a funcionar, pois que de modo geral essas bancas não têm nada para abrir, a não ser a parte superior de algum caixote, ou por um guarda-sol, seu funcionamento se constitui de procedimento muito simples, mas assim mesmo as pessoas, os amigos ou clientes vêm sem dúvida, para por a conversa em dia, sentar em um dos dois assentos que geralmente essas bancas possuem e poder observar o tempo passando bem como as pessoas, carros e até animais, enfim, ver a cidade pelas lentes ampliadas do Pólo de Lazer.

Todas as bancas têm mais ou menos o mesmo formato, um quadrado de madeira, suspenso que funciona como uma espécie de balcão, este delimita o território em que fica o dono da banca, sendo a parte interna reservada para guardar algumas coisas pessoais ou um pouco de estoque de mercadorias e a parte externa que é bem ampla, se estendendo até o limite de outra banca, fica como o espaço onde os clientes quando por ventura eles são muitos, podem permanecer nas imediações das mesmas. Num total de seis, nenhuma delas possui qualquer sistema de som, quando muito conta com a oralidade abundante de seus donos que se encarregam de fazer a autopropaganda, às vezes revestida de uma espécie de "marketing" pessoal como bem ilustra esse caso, o rei da batata e a Célia. Somente três

delas têm identificação na forma de escrita, feita na própria madeira da banca como é no "príncipe da batata", "imperador" e "rei da batata".

O rei da batata, todas as vezes que se acumula três ou mais pessoas querendo comprar-lhe alguns de seus produtos, geralmente a batata frita, ele dispara falando que ali se encontra a melhor batata do Pólo, a mais limpa por isso a mais saborosa, que moça bonita não paga, mas também não leva, e uma série de outras frases apelativas ou não, que ele recita sem o menor constrangimento bem ao lado de sua mulher, Jorgete, enquanto atende as meninas que por ali passam. Até parece não se importar se alguma pessoa viesse a reclamar, afinal o rei da batata, o Mateus, não escuta quase nada e o que lhe salva ainda é o pequeno aparelho que usa colado ao ouvido, logo atrás da orelha esquerda. Talvez por conta dessa limitação auditiva, é que fala alto demais, sendo ouvido a vários metros dali, em tardes ou noites comuns do Pólo; aquelas em que a polifonia inexistente, pois que em noites de festa, não se consegue conversar ou se fazer ouvir sem alterar a voz para gritos. Nesses momentos, em todo lugar do Pólo como bancas, barracas e demais pontos de vendas todo mundo põe o som em último volume como se quisesse ser ouvido por todos. Mais do que um ambiente polifônico, ali se torna uma praça com tanta poluição sonora, que a reclamação é unânime por parte daqueles moradores que num ato de resistência, ainda continuam morando na rua atrás do Pólo, ou nas proximidades.

Já a propaganda levada a efeito pela Célia, é mais do tipo de contar histórias pessoais em que se autopromove, conta feitos e decisões tomadas, atos de bravura, outras vezes são espécies de milagres ou quase isso que lhe ocorrem, etc. Mesmo sem nenhum domínio da gramática, expressando-se muitas vezes nesses termos: "eu se importo com isso, ou não se importo com aquilo", ela tem muita facilidade de iniciar uma conversa informal, com qualquer pessoa, geralmente iniciando a comunicação com perguntas triviais. A Célia tem aquele jeito desenrolado que tão bem caracteriza as vendedoras de café da praça José de Alencar, no centro de Fortaleza. Então, por pouco que consiga conversar com uma certa pessoa, isso é o suficiente para que essa jamais esqueça a banca da Célia, que fica no Pólo.

Atualmente quase todas as bancas voltaram a possuir coberta de plástico, em virtude da necessidade que têm de passar a noite funcionando quando ali há festas. Embora o plástico hoje seja mais ordinário do que nunca, pois se antes a coberta era de um tipo de

plástico grosso, azul ou amarelo, após a passagem dos fiscais da prefeitura de Fortaleza, o "rapa", os donos agora só conseguiram cobrir com material de pouca espessura, aqueles que contêm propagandas de cervejas como "Brama", "Shincariol", "Antártica" e outras.

As bancas funcionam como ponto de encontro de pessoas que já se conhecem e que nas horas vagas vêm ali apreciar esse ar de liberdade que em geral uma praça inspira. São mais que "flaneur" são "voyeur" mesmo. Mapeiam tudo com o olhar, classificam, julgam e até comem com esse sentido inato que a condição humana lhes deu.

Outra categoria de negócios existente no Pólo, são as três bancas de revista. Tem uma que está mais bem situada na praça mesmo do Pólo, essa é a maior de todas, está no "point" do Pólo, seu proprietário se chama "carioca" e essa banca, nem sempre se encontra aberta. Quando há festas por ali, a banca fecha incondicionalmente, talvez por questão de segurança ou ainda porque aquele público de fato não se faz consumidor da mercadoria vendida nesse ramo; ou seja, revistas, jornais em sua maioria. Há piso de cimento contornando toda essa banca, mas seu piso interno é de uma espécie de alumínio resistente, algo parecido com o restante da estrutura da mesma que é toda em alumínio. Logo na frente a cobertura faz nascer uma franja que proporciona proteção e abrigo contra o sol da tarde ou a chuva quando por ventura existe em nossa região.

Com o piso elevado uns quinze centímetros do chão, a parte interna dessa banca é toda ela lotada de livros e revistas por todo lado, não tendo um só lugar onde se possa por um dedo que não esteja ocupado por livros e seus semelhantes. Sendo que sobre o balcão de atendimento onde de costume está o dono, ficam os jornais e outras coisas de papel.

Nas paredes externas, tudo está coberto de "posters", propaganda de tal ou tal revista, de modo que não é possível mais enxergar o material com o qual a parede de alumínio é feita. Até faz lembrar uma daquelas imagens fantásticas que Massimo Canevacci ilustrou seu também incontestável livro, A Cidade Polifônica. Tanto lá como aqui as imagens em abundância nos fatiga a visão ao mesmo tempo em que instiga nosso cérebro a ir cada vez mais longe na análise e descoberta do que aquelas imagens nos dizem ou pelo menos nos sugere.

Certa vez conversando com o "carioca", esse me dizia da sua maior preocupação em estar com seu meio de sobrevivência fincado no Pólo de Lazer. Era a velha estória da segurança, pois várias foram as vezes que já tentaram arrambar sua banca, caso não fosse tão bem lacrada com bons e resistentes cadeados, seu prejuízo teria sido inevitável. Para viver mais tranqüilo quando deixa seu comércio, por último resolveu pagar segurança, pois só assim tem a certeza de que tudo estará em ordem no dia seguinte quando ali retorna para mais um dia de trabalho.

Queixou-se ainda da presença incômoda para ele dos jovens meninos de rua, que incansavelmente dia e noite circulam de um lado para o outro do Pólo, sem mesmo se dar conta de que estão vivos. Como na maior parte do tempo estão desocupados, ociosos, poderá ocorrer-lhes a idéia de abrir um comércio como esse que é a banca de revistas. O carioca fica revoltado por não existir ninguém, incluindo ele próprio, para tomar uma providência para expulsar aquele bando de jovens de uma praça como essa que poderia muito bem ser aproveitada para diversas atividades com crianças, jovens e velhos. Ali todos sabem e esperam por uma velha promessa da igreja católica em realizar um trabalho de ressocialização e profissionalização com esse grupo humano que teima em continuar habitando nas acomodações precárias do Pólo. Como sofrem vivendo e dormindo ao relento, a barriga sempre vazia e com o pulmão e o cérebro impregnado da substância da cola de sapateiro que passam o tempo todo cheirando.

A segunda barraca está situada do lado direito da igreja matriz, mesmo sendo pequena possui o nome de Adriana. Pelo que se pode ver o seu proprietário passa quase tempo integral nesse local de trabalho, bem diferente do dono da banca que fica no centro do Pólo. Na banca de revista Adriana, a venda de jornais parece ser muito pouco, prevalecendo revistas usadas, gibis da mesma forma e uma variedade de posters de santos da igreja católica, de artistas da televisão assim como de jogadores de futebol. Fora essas coisas existem os bombons sortidos e outros doces mais. Possivelmente a venda desses últimos elementos supere a de impressos expostos ali. Mas seu dono parece não se incomodar com nada disso e pacientemente toca a vida e os dias naquela eterna peleja de esperar os clientes, e quando esses não vêm pelo menos o que não vai faltar são os conhecidos, também essas pessoas simples que aparecem para colocar a conversa em dia,

rir juntos, zombar da vida que lhes está sempre desafiando. São todos sobreviventes de uma realidade que os exclui de quase tudo, com exceção da propriedade do riso.

Qualquer pessoa que passar pela avenida Central, no ponto em frente a igreja de N. Sra. da Conceição, verá em todos os horários do dia ou início da noite, dois ou três homens nessa banca de revista a conversar animadamente, como quem propositalmente quer matar o tempo, antes que esse assim aja sobre eles. Sendo de pequeno porte, a estrutura é quase inexistente, o lado de dentro se confunde com o lado de fora. Ela está exposta, ficando situada no meio fio da avenida, colada ao muro da casa paroquial, não podendo crescer nem para a frente, nem para os fundos. Enfim, está sobre a calçada da avenida Central, só lhe restando as laterais.

Mais recente, do lado dessa banca foram expostas confecções do tipo bem acessível, são elas essas camisas de vários times de futebol, tanto local quanto nacional, feitas de uma malha bem inferior, de modo que seja possível vendê-las para quem tem pouco dinheiro. Ao que parece, mais essa modalidade de venda não pertence ao dono da banca Adriana, mas certamente a algum parente seu ou em último caso um amigo, pessoas essas por enquanto desempregadas, o que existe em grande quantidade em toda essa grande área da cidade, em razão da exclusão feita pelo mercado por causa da não qualificação dessa imensa mão de obra. Ao observador resta apenas a curiosidade de saber como e de que modo vivem essas pessoas que tão pouco rendimento possuem no final do mês, dado os poucos negócios que se constata que de fato efetuam nessas pequeninas vendas.

Logo atrás da igreja de N. Sra. da Conceição está situada a terceira banca de revista, a uns cinco metros talvez da avenida B. Mesmo sendo pequena, é bem sortida de revista e outros impressos, mas ao que se observa, as vendas são muito poucas. Ela fica em um pedaço de rua sem nome no Pólo que vai dar no shopping. Porém como esse é bem pouco visitado, por conseguinte, também o é tal banca de revistas. Mesmo se notando que ali as vendas são poucas, a frequência com que fica aberta ao público é bem maior da aquela banca maior de todas que se situa no coração do Pólo. As tantas vezes que passei do lado dessa banca vi que sempre havia uma mulher sentada, esperando por certo a vinda incerta de algum comprador. Era jovem, magra e apresentando um jeito de quem é muito paciente. Imaginei-a com boa dose de coragem em permanecer sozinha, nesse ponto do Pólo onde o

movimento quase não existe, a não ser o tráfego de transporte que passa a toda hora na avenida B. Como assaltos é sempre possível de ocorrer em qualquer parte de uma cidade grande como Fortaleza, ainda mais oportuno é se as condições forem favoráveis como nesse caso, mesmo que via de regra não haja dinheiro no caixa, mas assim mesmo existem as mercadorias. É provável que essa proprietária se previna como pode, como por exemplo, não deixando a banca aberta no horário do meio dia, ou em outros onde o fluxo de pessoas nas calçadas e ruas diminui drasticamente.

Acerca de outra categoria que considero importante, estão aquelas que prestam serviços públicos à população, como é o caso do CSU, da UPAM e do posto de saúde Maciel de Brito.

Sobre a primeira delas, o Centro Social Urbano, longa é a sua história, se confundindo as vezes com a do bairro onde está localizado. É por assim dizer a maior de todas as instituições existentes no Pólo. A importância sociológica que possui é equivalente a do Pólo com sua praça que aglutina pessoas, eventos e coisas. O CSU presta serviços não só ao nível de bairro como a uma região bem mais ampla que inclui bairros vizinhos e até outros mais distantes e por vezes pertencentes a outros municípios como é o caso da Jurema, distrito de Caucaia e isto só para ilustrar. São pessoas residentes muitas vezes em Maracanaú ou Eusébio, mas que ficaram sabendo de algum curso que lhes interessa, isto através de pessoas da família como mãe ou irmã, ou ainda amigas, então se dispõem e vêm participar. As redes de solidariedade ou de socialização existentes no CSU são muitas e bastante intensas. Nos cursos que fazem as pessoas conhecem muitas outras, tornam-se até amigas, dado o tempo de duração dos mesmos. Invariavelmente, no final há sempre festas de confraternização onde os alunos realizam como que uma celebração daquilo a que tiveram acesso e de fato aprenderam.

É até bem difícil listar todos os cursos que acontecem durante todo ano e por anos seguidos, nas instalações do CSU. Os mais tradicionais são os de manicure, corte e costura, de serigrafia e outras modalidades de pintura, de culinária, de doces e salgados, de confeitaria, de cabeleireiro e vários outros. Os cursos mais recentes são os de computação, secretariado, recepcionista, etc. Sendo que o mais procurado por todos os jovens que vão até lá atrás de cursos, é de informática. O sonho de mexer com essa admirável máquina

"nova" é uma meta para todos eles, isso sendo acrescido ainda, de mais outro que é o de saber chegar ou acessar a utópica "Internet". Essa sim parece ser o Admirável Mundo Novo de Adolf Huxley. Certa vez contou a coordenadora do CSU que ela dispunha de dois cursos interessantes, um de informática e outro de carpintaria. O público era excessivo para com o de informática e esvaziado para o outro, de carpintaria. Foi preciso muito esclarecimento para enfim se constituir uma pequena turma para esse último. Dizem que em países da Europa como é o caso da Itália, a habilidade na arte da marcenaria, ou mesmo da construção civil feita por leigos muito bem treinados, é algo ainda respeitado e bem valorizado. Já aqui, os jovens não querem saber disso, ou então uma parcela muito pequena segue esses ofícios. Quando tal fato acontece é devido esse tipo de trabalho ocorrer numa célula familiar.

Quanto às instalações do CSU, elas são amplas e boas, contando com grande área construída, como muitas salas, um auditório, duas piscinas e uma série de outros equipamentos. Até uma ambulância permanece todos os dias de prontidão na frente do CSU, caso alguma ocorrência venha necessitar de ajuda. Há uma imensa quadra coberta onde bandos de jovens não desperdiçam tempo em praticar vários tipos de esporte os quais não sei o nome, sendo que o mais comum e que consigo reconhecer é o futebol de salão.

O CSU é um marco naquilo que faz em nível de promoção da cultura, do lazer e do esporte. Traz um quê de cidadania e dignidade a muitas pessoas que de outra forma jamais praticariam esportes como natação, vôlei, basquete, etc. Isso pagando apenas taxas irrisórias. Outro dado é a quantidade de pessoas jovens ou adultos que essa instituição qualifica e lança no mercado formal ou informal. Tem sim um grande papel na trajetória não apenas social, mas política do bairro; pois é no CSU que as maiores assembleias para eleições de associações de moradores e do conselho comunitário acontecem. O grau de democracia exercido nessa instituição serve de bom exemplo para as diversas facções que em toda grande assembleia lá estão se digladiando, se acusando mutuamente, numa guerra particular declarada. Mesmo sendo da competência do município, o CSU não está exclusivo a serviço desse governo, pois sua coordenadora consegue trânsito livre e diálogo com todas as representações partidárias existentes no Conjunto Ceará. Pode até não ser nada fácil, mas essa forma de trabalhar traz bastante saldo positivo nos encaminhamentos que são

necessários que sejam feitos entre CSU, população e representantes partidários. Caricaturando poder-se ia dizer que o Pólo é no cenário da cidade, um "fato social total" e, por conseguinte o CSU também o é no âmbito do Pólo. No dizer de Marcel Mauss, um fenômeno de tal envergadura é aquele que repercute em todas as instâncias da sociedade da qual faz parte, qual seja, a política, a economia, a cultura e por aí vai.

Dentro do mesmo muro que envolve o CSU está outra cujo nome é UPAM- unidade de proteção e amparo ao menor, também da prefeitura de Fortaleza. Seu "capital simbólico" porém é bem menor, assim como sua estrutura e o alcance de suas ações. Sempre a vejo de portas abertas, mas sua clientela é bem reduzida, sem dúvida há poucos funcionários e também poucos recursos materiais. Tudo leva a crer que a UPAM é muito mais um cabide de empregos, pois do contrário como se justificaria a duplicidade de ações num mesmo território. Outra hipótese possível é a de que essa instituição nunca esteve sob a administração de um bom coordenador, situação que não se verifica no CSU. Aqui a coordenadora já atravessou várias administrações municipais e em todas conseguiu se manter no cargo.

Tanto a UPAM quanto o CSU são prédios atualmente pintados de branco com portas azuis, suas respectivas identificações estão afixadas em letras de forma em tamanho grande e também azul, ao longo dos muros que as protegem. Ambas as instituições foram construídas em amplos terrenos que estão na grande área que conforma o Pólo de Lazer. Mesmo estando em áreas tão grandes, o número de árvores é relativamente pequeno, praticamente não há uma ação direcionada para esses fins mais ecológicos. Sendo que outra coisa que ali observo nos muros dessas instituições são as mais diferentes pixações feitas por grupos de jovens, às vezes rivais, que como num jogo vivem competindo para ver quem mais ocupa espaço em áreas públicas da cidade. São desenhos quase imaginários, de figuras indecifráveis como num panteão mitológico em que se procura imputar-lhe um sentido a partir da visão de mundo, ou da cultura a que se pertencer. São inscrições que lembram caveiras, caras com orelhas, borboletas, outros insetos alados, riscos que lembram partes do corpo humano como nádegas e muito mais. Ainda pertencente ao mesmo terreno de esquina que vai da avenida B onde está o CSU, indo para a UPAM que já se localiza bem na confluência da avenida B com a F, segue mais um pouco nessa mesma avenida e se chega

numa casa que por ora abriga apenas o grupo de garis que se encarrega de limpar toda a área do Pólo, especialmente aquela que compreende a praça, que é o "lócus" por excelência destinado às festas e vários outros eventos que lá encontram suporte geográfico e público sempre que desejar.

Passando a outra categoria de instituição existente no Pólo, é imprescindível abordar a das agências bancárias que são duas, a agência do BEC e a agência da CEF. A primeira delas tem como endereço o número...Da avenida A, ficando a poucas lojinhas da esquina em que está a churrascaria Mestre Beto. Enquanto a agência da Caixa foi situar-se meio a ermo na praça do Pólo, ocupando lojas onde antes funcionavam escritórios tanto da CAGECE, COELCE, quanto da COHAB. Essas duas primeiras repartições juntamente com a agência dos correios que ficava logo atrás e que ocupava toda a parte do prédio cuja frente funcionava as outras três (coelce, cagece e cohab), mudaram-se para uma casa de esquina de frente para o terminal de ônibus do Conjunto Ceará. Essa residência foi transformada em quartos que funcionam como escritório. Já a antiga COHAB, o governo estadual cuidou de extingui-la nos idos de 1988.

As duas agências dão um grande impulso e vitalidade jamais vista à economia do Pólo de Lazer, isto é, durante o dia, pois a noite a economia já se estrutura de outra forma. O peso que tem as duas agências para a economia local é algo equivalente aos braceletes e colares de conchas para o fenômeno do Kula que instigou o brilhante antropólogo Malinowski a pesquisar e escrever sobre a cultura em que aquele acontecimento era efetivado. Então, da mesma forma que pensar o Kula sem os braceletes e os colares de concha, é ver o Pólo sem as duas agências bancárias; o fluxo de pessoas, veículos, bicicletas e todo o movimento que isso ocasiona no ramo das vendas sejam elas feitas nos comércios de maior porte ou nas bancas ou barracas espalhadas por todo o Pólo, e que vivem por e a mercê disso. Do encontro diário daquelas pessoas todas surgem às conversas comuns, o burburim, o que denominei de fenômeno das bicicletas, que é o acúmulo desse meio de transporte bem em frente à agência da CEF em virtude das condições favoráveis, imenso pátio, barra de ferro onde ficam as bicicletas presas por cadeados e saindo dali as avenidas largas com largos canteiros onde é perfeitamente possível se andar nesse tipo de transporte. As ruas secundárias, a maioria sendo ainda de calçamento mesmo que isso seja a

contragosto de grande parte dos moradores, são calmas e com pouco tráfego de carros ou motos. Muitas ruas já possuem aquele tipo, embora ordinário, de asfalto, coisa que os moradores com entusiasmo e abaixo-assinado, conseguem com políticos igualmente ignorantes de questões ambientais e ecológicas, em véspera de eleições.

A demanda por serviços bancários é coisa sempre crescente no universo do Conjunto Ceará e vizinhança. Tanto é assim que há uma promessa ali feita em especial aos maiores comerciantes como donos de mercadinhos, supermercados, farmácias, padarias, etc, de em breve vir a se instalar mais uma agência, sendo essa do banco do Brasil. A qualquer hora que se chegar a uma das duas agências bancárias a fila daqueles clientes menores, está vazando pela porta e indo se derramar lá fora. Diferente é o acesso para quem conta com um bom capital ali depositado e que movimentava constantemente, fazendo novos e vultosos depósitos. Esses chegam e sem cerimônia vão sentar-se na meia dúzia de cadeiras acolchoadas que adornam as mesas de gerente disso ou daquilo que estão ali. De modo geral a superlotação se acentua mais e mais com a chegada de alguns benefícios oferecidos pelo governo federal que no final de seu segundo mandato, liberou FGTS de quem o possuía anos atrás, o vale gás para os milhões de declarados pobres, o bolsa escola, o bolsa renda. Esses pagamentos minúsculos vieram sobrecarregar os lentos e poucos funcionários públicos de que dispõem essas famigeradas agências.

Certa vez eu conversava com o Crisóstomo que é proprietário de farmácia situada no entorno do Pólo, então ele dizia que o gerente da agência bancária da CEF lhe confidenciou que a referida agência havia vencido no "ranking" da que mais faz captação de recursos para seus cofres em toda a capital. Não sei ao certo se essa informação procede, mas a julgar pelo contingente que usa dos serviços dessas duas agências, pode ser verídico. Noutra vez eu entrevistava um dos gerentes da agência da CEF, acerca da importância da mesma se encontrar no centro, no coração do bairro e se a respeito disso ele sabia alguma história interessante. Ele pouco sabia, nunca havia elaborado tais conjecturas, mas contou uma pequena história que sucedeu-se ali quando da gestão de outro gerente. Esse vivia cansado de mandar pintar o prédio, e no dia seguinte ver tudo de novo sujo com as pisações. Conseguiu uma reunião com vários jovens que pertenciam às "galeras" que fazem esse tipo de escrita por toda a cidade, mesmo morando no Conjunto. Ficou acertado que os

mesmos respeitariam a frente da agência, em contrapartida teriam as três outras laterais para dar vazão à sua infinita criatividade. Assim foi que o pessoal do MH2O que exerce um pouco de liderança sobre várias outras "tribos" e que realiza arte nos desenhos, encheu todos os espaços dessas três paredes com a arte que praticam. São desenhos que retratam a vida difícil e regrada pela desigualdade social reinante em nosso país de jovens esqueléticos, olhar perdido e vago como daqueles outros cidadãos jovens que se vê nos sinais de trânsito, cujo olhar parece pedir algo que jamais possamos dar-lhes, eles têm na forma como nos olha, um pedido profundo, não expressa na forma oral, alguma maneira de comunicação que vem do mais discreto do ser, de uma parte sua jamais conhecida. Dessa estirpe são os desenhos que o MH2O deixou inscrito não só nas paredes da agência, mas também na barraca Maculelê, e noutras vizinhas à rádio FM Pólo. O resultado desse pequeno pacto firmado entre o gerente e os jovens de "galeras" é a agência se manter limpinha até hoje, quando se vê que os desenhos já estão envelhecendo ou necessitando de restauração ou mudança total.

As duas agências têm porte adequado à localização em que se encontram, não ostentam luxo, são práticas, o ar condicionado é algo indispensável, senão morre-se desidratado em face do calor local e do excesso de pessoas que sempre comporta. A da Caixa Econômica Federal é bem mais simples, sendo constituída basicamente de paredes de concreto e portas largas e janelas de vidro. O que vai lhe caracterizar enquanto agência é entre outras coisas o logotipo que essa instituição possui e é reconhecido em todo o território nacional; outra marca é a confluência de pessoas que a todo instante se dirige até ali. Enquanto que a agência do BEC apresenta um pouco mais de embelezamento em sua fachada, possuindo vidros coloridos que formam desenhos bonitos no alto de sua parede frontal e também no seu interior, na parte detrás do prédio. Dentro e fora da agência há predominância das cores verdes em várias tonalidades, isso faz parte de sua marca registrada enquanto empresa que é. Nessa agência de serviços demorados a situação fica bem pior em dias de pagamento do funcionalismo público estadual. Apesar das coisas serem do jeito que são, ambas as agências se constituem como de grande utilidade para um universo populacional que como estou sempre frisando, não se restringe apenas ao bairro Conjunto Ceará. Serviços como esses e muitos outros que estão no Pólo, antes tinham que ser resolvidos em grande maioria no Centro de Fortaleza, enquanto que hoje, há uma

economia de tempo e dinheiro em se resolver tudo, indo apenas ao centro do Conjunto Ceará, o Pólo de Lazer. Outro dado de que me falou Crisóstomo, é quanto a segurança ou mesmo dos ares de tranqüilidade reinantes no bairro e em especial, no próprio Pólo. Em mais de uma década de instalação dessas agências, nunca foi registrado um caso de assalto nem à agência nem aos carros fortes que ali chegam no início e fim do expediente bancário.

Uma outra categoria por mim classificada no ambiente do Pólo, são as igrejas. Em número de quatro sendo duas evangélicas, uma católica e uma espírita. São ambientes com freqüência estável de participação das pessoas. Que chova ou faça sol, todos os dias em que acontecem as atividades ou rituais concernentes a cada uma delas, lá está o público certo que faz parte e se identifica com o que ali é cultivado. É um estamento em que está sempre em construção, esse das igrejas. Padre, pastor ou diretoria, esses administradores estão sempre à frente de idéias que precisam ser concretizadas, e isso eles realmente executam e uma após outra nunca chegam ao fim dessa missão de aumentar o esteio, o lastro. Com exceção das festas, que são sazonais, quem mais arrebatava pessoas ao Pólo, são essas igrejas que ali estão fincadas como pilastras. É salutar ver os grupos saindo quando termina ou as missas ou os cultos, em bandos, todos saudáveis e bem vestidos, a conversar animadamente como se a vida ou a alma naquele instante feliz estivesse mais leve que uma pluma. O fato de estar incluído, de fazer parte de algo da espécie de como são as igrejas, parece lhes dar uma compensação incomensurável.

De todas elas quem menos público possui é o Centro Espírita, mas tal constatação não quer dizer que seus adeptos e praticantes não sejam tão fervorosos e envolvidos quanto os outros das demais igrejas. Seus discursos convencem de que fizeram ótimas escolhas, que se sentem felizes em poder ajudar o próximo que muitas vezes se encontra enfermo ou desprovido de condições dignas de sobrevivência. E sobretudo que compartilham de uma felicidade sem fim por poder se reunir, estar juntos e celebrando algo da ordem da subjetividade, difícil de ser constatada por quem quer ver as coisas apenas pelo prisma da objetividade.

O fenômeno religioso que tive a oportunidade de presenciar e isto até porque antes mesmo da pesquisa já o freqüentava, foi da festa da padroeira do Conjunto Ceará que é N. Sra. da Conceição. O encerramento é sempre no dia mesmo consagrado à santa, dia 08 de

dezembro. Alguns anos atrás, essa solenidade tinha a duração de oito ou dez dias, mas algum padre mais ousado passou a fazê-la com duração de quinze dias de muitas atividades variadas e muitas até inéditas a cada ano. Desde o ano de 2001 passei a prestar mais atenção e especialmente no dia do encerramento que é um instante fecundo para boas observações e descrições etnográficas de um tipo de festa assim. Em todos os anos anteriores, havia alguma coisa de tradicional como as barracas de duas cores, vermelha e azul, que juntas disputavam quem mais dinheiro arrecadava com as vendas de comidas e bebidas, bem como alguns survenirs do tipo bandeiras, santinhos, livros de orações e cânticos, etc.

Nos quinze dias em que transcorre o período da festa, é grande o fluxo de pessoas que freqüentam o pátio da igreja onde as barracas estão funcionando e numa grande extensão as mesas e cadeiras de plástico. Tudo transcorre à noite, após o encerramento da novena; durante o dia o tempo é empregado na organização do que for necessário para o ritmo normal das atividades que integram a programação da festa. A celebração mais marcante é a última em que se reúnem vários padres, além de uma multidão de adeptos que para lá se dirigem por motivos diversos. A maioria vem mesmo pela religiosidade, mas muita gente é porque quer se divertir vem encontrar a namorada, vem para conhecer, para estar ali em meio à multidão e tomar conhecimento de como vai ser a noite de encerramento, outros vêm na expectativa de que algo de extraordinário aconteça dada a multidão que consegue se formar.

Todas as quatorze novenas que antecedem a última ocorre no interior da igreja que chega ficar lotada. Porém a de encerramento é programada para se realizar ao ar livre, com o ambiente menos quente, pois o contingente é algo a ser considerado. Por conta disso toda uma mudança de cenário ocorre, com arrumação de um novo altar, mesas, cadeiras e bancos do lado de fora, entre muitas outras coisas como sistema de som, velas cálices e castiçais. Quem mora próximo já se dirige para lá nesses momentos levando seus próprios assentos. O ritual da missa começa e o tempo de duração é triplicado com relação às celebrações rotineiras. Quase como uma defesa de tese, os celebrantes empregam bom tempo a falar do tema da festa que é uma escolha exclusiva para cada ano. Entre tantas outras coisas enfatiza algumas questões imutáveis que integram os dogmas da fé como a

participação e contribuição do cristão nisso e naquilo da igreja. Os cantos dão o tom e o encanto daquele momento que se enche de emoção, graças às sensibilidades motivadas e tocadas pela magia e poder dos cânticos. As pessoas ficam próximas, se embalam na melodia que o canto proporciona, exteriorizam seus sentimentos de medo, de raiva ou de tristeza e com isso suavizam suas almas e quando saem dali são quase iguais aos passarinhos e podem até voar. Na realidade voam para outras paragens onde estão seus entes queridos, voam para suas fantasias da vida, e até voam alguns para dentro de si mesmo. Isso quem sabe não seja o lado bom e positivo de uma ação como essa que a festa religiosa, um meio de celebração, sem dúvida antropológico, consegue concretizar.

O prédio da igreja goza de privilegiado estado de conservação, graças ao empenho fiel dos cristãos que ali encontram múltiplas formas de se incluir. A segunda igreja em melhor estado de conservação e boa estética é a Ebenezer, seguida pelo prédio do Centro Espírita. A última delas que há muito tempo se encontra em construção de um andar superior ao térreo, é a Nova Canaã. Sem dúvida por conta do resumido número de participantes e pelo fraco empenho desses nas coisas desse templo, o mesmo ainda se encontra meio brejeiro. Este último templo fica de frente ao 12º Delegacia de Polícia, uma outra modalidade de instituição existente no Pólo.

Existe ainda a categoria das rádios comunitárias, formada por duas delas. Uma situada exatamente no coração do Pólo, a FM Pólo, de propriedade do Valdeci, como também é pertencente a esse o Pólo's Samba, um clube onde se realizam festas massificantes, a base de pagode, axé music, etc. A outra emissora de rádio fica no entorno do Pólo, do outro lado da avenida Central, uma das que contorna a praça do Pólo.

Enfim, o Pólo de Lazer Luiz Gonzaga, é isso. Um "boom" de instituições juntas numa imensa área, sendo que a maioria delas está mesmo na parte que é denominada de praça do Pólo, onde efetivamente as festividades ocorrem. Pensar o Pólo é naturalmente esquecer muitas outras coisas relevantes e identificadas ao lugar que ele é. Mas o que seria tudo isso se não fosse o fazer diário e cotidiano de homens e mulheres que vivem do Pólo e ao mesmo tempo em que lhe emprestam vida e um significado para além do simbólico, real mesmo, no grande e complexo tecido da cidade, essa Fortaleza.

6 ANTROPOLOGIA VISUAL DO PÓLO DE LAZER

Foi durante esses quase três anos que estudo e observo o Pólo, que uma série de imagens foram se depositando em minha memória e de certa forma instigando-me para que eu me voltasse para esse material e estudasse e analisasse-o.

O Pólo de Lazer, talvez por ser um lugar público, que considero um retalho da grande colcha que é a cidade, suscita a toda hora uma infinidade de imagens. São acontecimentos de toda natureza que enchem os olhos bem como o caderno de anotações de todo etnógrafo atento e interessado em desvendar a poética de um determinado espaço. Outros pontos ricos para o pesquisador trabalhar são as coisas físicas relativas ao próprio corpo do lugar: seus monumentos, suas inscrições tatuadas nos muros ali existentes, os ambientes que o compõe, as pessoas que lhe dão vida e movimento, graça e leveza ou algo mais, a aura mesmo de que falava Benjamim que a cidade possuía e alguns recantos dessa mais ainda.

Cenas que me chamaram a atenção como as que no momento relembro que foram o homem vendendo frutas pelo Pólo, cujo carrinho de mão estava repleto de frutas cítricas, de cor amarela, as laranjas bem arrumadas ao lado de cirigüela e cajás, conformando assim um quadro estético de rara beleza, não podia passar imune ao "clic " mesmo amador da máquina fotográfica que trazia comigo. É certo que várias ocasiões que da mesma forma mereciam um registro pela significância que encerravam não puderam ser captados em imagem pela ausência da máquina, este precioso instrumental.

Outra imagem da qual eu gosto muito é aquela em que registrei um menino que praticava skate na pista existente no Pólo e nesse ínterim toda a quadra estava enfeitada para as festas de São João. Como havia muitas estrelas feitas tridimensionais, os saltos que o menino dava praticando o seu esporte predileto, quando reveladas as fotos davam a impressão de que o garoto tinha como objetivo tocar as estrelas e claro não era isso. Mas a representação que se faz, e isto é apenas uma delas, é de que o garoto tinha asas nos pés, como numa daquelas belas passagens de Bachelard falando de um deus alado, só que suas asas estavam nos pés.

Uma outra imagem que gosto de analisar e citar é da Célia, enquanto mulher trabalhadora assídua do Pólo de Lazer. Conhecida por todos que fazem o lugar, ali sua expressividade é grande, tanto oral, como corporal e profissional. Nesse ambiente onde se sente em casa, ela solta a voz, muito embora seu barulho não ultrapasse os limites da praça onde atua. Talvez se lhe fosse dada uma oportunidade, ela não se transformasse numa Rigoberta Manchu de algum movimento ou causa social. Por enquanto ela continua com suas representações místicas acerca do mundo e das coisas que o compõe. Mesmo assim ela não deixa de ser um personagem simbólico nesse universo por excelência masculino do Pólo, da rua e do espaço público.

É a propósito de ilustração, trago para análise uma última imagem que captei nesse livro metafórico que é o Pólo. É de uma fila, quase uma infinita fila de pessoas que se aglutinam do lado de fora da agência da Caixa Econômica Federal, para nesse ritual de lentidão e paciência, receber o dinheiro do PIS. Uns recebem doze reais, outros cento e pouco reais, mas todos são submetidos a esse sacrifício desumano e cruel de permanecer no sol escaldante, na frente ou do lado dessa agência. Ainda nessa mesma imagem, há o que chamei de fenômeno das bicicletas, que é uma espécie de equivalência entre cada pessoa que está na fila e uma bicicleta que espera amarrada junto aos alambrados ali existentes ou vigiada por alguém de confiança. Coisa assim, com bicicletas, não se constata em nenhuma outra agência bancária da capital. Tal imagem ou representação diz muito da sociologia do lugar e das pessoas que o constroem.

É por essa via fecunda de sentido que desenvolverei um capítulo derradeiro momentaneamente em minha dissertação. O apelo a esse recurso da Antropologia Visual enquanto instrumental deve-se ao poder demonstrativo que as imagens enquanto uma das formas de linguagem para expressar a realidade possui. Sem abrir mão da capacidade hermenêutica que essas imagens lançam em nosso imaginário. Todas as vezes que se olha, novas representações como que se acendem em nossa memória ou em nosso imaginário. Elas sugerem algo, quando na realidade podem muito bem corresponder a outra coisa bem diversa e assim por diante.

A Antropologia visual em muito pode efetivamente contribuir para esse fazer reconstrutivo de nossas buscas de desvendamentos de pessoas, grupos humanos, lugares e coisas que nossas investigações tentam dar conta.

BIBLIOGRAFIA.

- ARANTES, Antonio A .Paisagens Paulistanas. Editora da UNICAMP, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Editora Bertrand Brasil, 3ª edição, 1989.
- _____. A Miséria do Mundo. Editora Vozes, 4ª edição, 2001.
- BENJAMIN, Walter. A Modernidade e os Modernos. Editora Tempo Brasileiro, 1975.
- CALVINO, Ítalo. Seis Propostas para o Próximo Milênio. Editorara Companhia das Letras, 2001
- _____. As Cidades Invisíveis. 6ª edição. Editora Companhia das Letras, 1994.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Consumidores e Cidadãos. Editora UFRJ, 1995.
- CANEVACCI, Massimo. A Cidade Polifônica. Editora Estúdio Nobel, 1997.
- De CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano I, Editora Vozes, 2001.
- _____, A Invenção do Cotidiano II, Editora Vozes, 2000.
- COULANGES, Fustel De. A Cidade Antiga. Editora Martin Claret, 2001.
- DUVIGNAUD, Jean. Festas e Civilizações. Edições UFC, 1983.
- FERRARA, Lucre cia D'Alessio . Olhar Periférico. EDUSP. SP-1999.
- FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira. Desafios da Imagem. Editora Papyrus, 1998.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Editora LTC, 1989.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Imagem e Memória. Editora Garamond, 2001.
- MALINOSWKI, Bronislaw. Antropologia, Coleção Grandes Cientistas Sociais. Editora Atica, 1986.
- MAGALHÃES, Maria Cristina Rios. Na Sombra da Cidade. Editora Escuta, 1995.
- OLIVEN, Ruben George. A Antropologia de Grupos Hurbanos. Editora Vozes, 1996.
- SOARES, José Guilherme. Estatuto da Cidade, Lei 10.257/2001.
- TINHORÃO, José Ramos. As Festas no Brasil Colonial. Editora 34, 2000.